

CECAP GUARULHOS

Histórias, identidades e memórias



Tiago Cavalcante Guerra
(Organizador)

Adilson do Nascimento Freire
Augusto César Maurício Borges
Eder Martins

Jociene dos Santos Peixoto
Rafaela de Barros Souza
Shisleni de Oliveira Macedo

**Cecap Guarulhos:
histórias, identidades
e memórias**

tiago cavalcante guerra - adilson nascimento freire –
augusto cesar mauricio borges - eder martins - jociane dos
santos peixoto - rafaela de barros souza- shisleni de oliveira

Cecap Guarulhos: histórias, identidades e memórias

Grupo Editorial Scortecci

Ficha técnica

Autores

Tiago Cavalcante Guerra (organizador)- Adilson Nascimento Freire – Augusto Cesar Mauricio Borges - Eder Martins - Jociene dos Santos Peixoto - Rafaela de Barros Souza- Shisleni de Oliveira

Revisão

Jefferson Andre de Jesus Corredor

AGRADECIMENTOS

Vem a lume mais uma publicação que versa sobre a longa trajetória da cidade de Guarulhos. Para a realização dessa aventura histórica que não caberia apenas para os seus autores, foram imprescindíveis o incentivo, o amparo e o apoio das pessoas e das instituições abaixo mencionadas.

Agradecemos aos membros do Conselho do Funcultura Guarulhos por acreditarem no projeto e pelo suporte financeiro concedido.

Aos moradores e depoentes que contribuíram com a sua prodigiosa memória, com a disposição em abrir suas casas e contar suas histórias e com a cessão dos seus acervos particulares. Sem eles, não existiria esse livro.

Ao Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos na pessoa de Gláucia Garcia de Carvalho, Cristina Maria dos Santos e Sandra Maria de Oliveira Pimenta que, honrando suas respectivas funções, abriram os arquivos da cidade para a realização das pesquisas necessárias a confecção deste livro.

Ao Departamento de Microfilmagem da Prefeitura Municipal de Guarulhos pela consulta no acervo.

Em particular, a Valdir Carleto por prefaciар esse livro.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	- Pág.
INTRODUÇÃO	- Pág.

PARTE 1 – CECAP: O PROJETO URBANÍSTICO

URBANISMO E POLÍTICA HABITACIONAL NO BRASIL ENTRE O IMPASSE E A UTOPIA	- Pág.
---	--------

PARTE 2 - A VIDA COMUNITÁRIA

CONSTRUINDO IDENTIDADES NO CECAP	- Pág.
UM SIMPLES NÃO-MORADOR	- Pág.

PARTE 3

MEMÓRIAS DOS MORADORES	- Pág.
------------------------	--------

CECAP EM IMAGENS

BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Estava mesmo na hora de alguém tomar a iniciativa de escrever a história do Parque Cecap de Guarulhos, o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado. Considerando minha trajetória na comunicação da cidade ter tido origem no Cecap e ser eu tão ligado à sua comunidade, talvez devesse ter sido minha essa iniciativa. Mas, como não o fiz, fico muito honrado e envaidecido pela primazia de escrever o prefácio desta obra literária, à qual dou a maior importância.

O Parque Cecap não pode ser confundido com um mero agrupamento de moradias. Ainda que apenas parte do projeto original tenha sido construída, reúne exatos 4.680 apartamentos, constituindo uma população superior à de muitas cidades. Mais do que isso, por sua própria organização, a comunidade local logrou superar obstáculos, conquistar melhorias e elevar a condição social e estrutural do conjunto, o que tem implicado significativa valorização dos imóveis locais, dos quais é grande a procura, tanto para locação quanto para venda.

Modéstia à parte, tenho orgulho por ter participado de muitas das conquistas do Cecap. Tive a felicidade de conhecer excelentes pessoas, conscientes de seu papel de precursores de louváveis iniciativas, gente que não se apequenou diante dos desafios, nem esperou sentada que as autoridades cumprissem o que lhes cabia fazer.

Desde os primórdios, a população do Parque Cecap contou com lideranças que tomaram a frente de inúmeras tarefas, quer no âmbito dos condomínios, quer no aspecto comunitário mais amplo.

Lembro-me das tantas reuniões de que participei, nos

dias de semana à noite e nas tardes de sábado. Guardo com carinho o rascunho da ata de fundação do Conselho Comunitário, de cuja assembleia inaugural fui secretário. Sou o associado número 9 da entidade e isso é para mim um troféu. Recordo das tantas visitas que fizemos em grupo a órgãos públicos, protocolizando ofícios, cobrando atendimento. Como poderia esquecer das manhãs de domingo, quando passávamos horas fazendo conta e conferindo documentos na secretaria do Conselho Comunitário, enquanto os associados divertiam-se nas piscinas ou nas quadras? Muitos de nós, que trabalhamos por esses ideais, pouco usufruímos dos benefícios. Para a maioria dos usuários, o Conselho foi sempre apenas um clube. Para os que o idealizaram e lutaram por ele, significa muito mais: foi o órgão de representação dos moradores, uma ferramenta importante para conquistar os equipamentos públicos prometidos pelo governo quando da venda dos apartamentos, bem como para construir uma identidade comunitária, um consciente coletivo que não é pouca coisa em um mundo e uma época marcada pelo individualismo. Bastaria falar dos diversos plantios de árvores que foram promovidos para exemplificar a importância dessa consciência. O verde é uma marca facilmente perceptível no Parque Cecap, o que lhe dá uma peculiar beleza e invejável qualidade de vida.

Creio não restar dúvida de que o jornal que despreziosamente implantei no Cecap, e que veio a crescer, transformando-se no que é hoje o Diário de Guarulhos, tem muito a ver com essa história. O Conselho Comunitário precisava comunicar-se com os moradores. Lançamos um boletim em folha única, impresso frente e verso, e distribuímos em todos os apartamentos. Mas, as pessoas queriam notícias com fotos, divulgar os aniversariantes, os jogos, os eventos. Surgiu então, em novembro de 1979, o “Comunicação”, jornal tablóide de quatro páginas. Em pouco tempo, obteve a adesão

de vários colaboradores e passou a ter oito páginas. Não gerava despesa para a entidade e ainda permitiu comprar uma máquina fotográfica, doada ao Conselho Comunitário.

Eu e Elisabetta, minha esposa na época, vendíamos os anúncios, cobrávamos, íamos aos eventos, redigíamos, tirávamos fotos, passávamos noites na gráfica, tudo voluntariamente, sem ganhar um centavo. Fizemos isso por um ano, até que a Diretoria do Conselho resolveu filiar-se em peso a um partido político, com o que discordamos. Incentivados por anunciantes e leitores, anunciamos na 13ª. edição, em dezembro de 1980, que em breve lançariamos um novo jornal, sem ligação com a entidade.

Em 31 de janeiro de 1981, circulava o nº 1 do Jornal Olho Vivo, que, por algum tempo, tinha como slogan “O jornal do Parque Cecap”. Depois, para que conseguisse sobreviver, precisou expandir-se, atingir outros bairros, criar estrutura, mudar a periodicidade. Bem, o resto da história já se sabe: passou de mensal a quinzenal, semanal, bissetimanal, trissemanal, até chegar a ser o que o todo jornal quer ser, diário.

Nessa trajetória, que completa 30 anos, certamente contribuiu para esclarecer a população, formar opinião, cobrar atitudes das autoridades, disseminar a consciência comunitária, além de incentivar as artes, os esportes e o saudável hábito da leitura.

Os tantos amigos que conquistei no Parque Cecap representam um patrimônio inestimável. E é esse o motivo que mais me dá prazer de prefaciá-lo este livro. Parabéns ao professor Tiago e aos que com ele contribuíram para esta realização, principalmente porque não se limitaram a narrar os fatos que colheram, mas foram a fundo, pesquisando aspectos urbanísticos, sociológicos e históricos relacionados à obra

arquitetônica de Vilanova Artigas, para quem a concepção de um conjunto residencial implica muito mais do que um amontoado de moradias, mas um organismo vivo, onde as pessoas agem e interagem.

Estão de parabéns todos os que enxergaram longe e fizeram calar as vozes dos pessimistas. Houve quem escrevesse que o Parque Cecap seria um “favelão”. A abnegação de muitos idealistas fez com que, bem ao contrário, o Cecap se transformasse em um orgulho para todos que nele residem e para os que ajudaram a construir a sua história.

INTRODUÇÃO

Existe um senso comum em relação à história que a coloca numa situação estranha diante da vida que se apresenta hoje, no presente, relação incorporada inclusive nos ditos populares – águas passadas não movem moinho – que nos ensina a observá-la de forma negativa, como uma ausência, como algo alheio as nossas vidas.

Essa “verdade”, já tão sedimentada em nossa cultura, e as dificuldades que ela apresenta de saída, podem ser vistas num famoso exemplo, tão sugestivo quanto revelador dessa relação. Lembremos de um momento traumático de nossa história: o suicídio do então presidente da República Getúlio Vargas. Diante de uma profunda crise institucional, e não encontrando outra saída possível para aquela situação, ele decide dar cabo de sua vida com um tiro no peito. Esse ato extremo, que teve por testemunha a carta que acabara de escrever como testamento à Nação, e que continha, além das razões que o levaram até aquele ponto, os seguintes versos: “... serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.” (GASPARI, 2002, p. 45; SKIDMORE, 1982, p. 180).

Esse jogo de termos opostos, que condiciona “entrar na História” à “sair da vida”, tem contribuído, ainda que de forma não intencional, com essa percepção tão difundida. No entanto, esse epitáfio talvez possa nos ser útil para ajudar a pensar essa relação de forma mais complexa, abandonando essa dualidade excludente. Para isso, será preciso ajustar nosso foco numa outra direção: o alvo que nosso famoso autor procurou acertar – ao que parece, com sucesso – “o caminho da eternidade”. Nesse nosso exemplo, a eternidade, o ultrapassar os limites físicos do corpo, significa incorporar-se ao que reconhecemos pela

múltipla e substantiva palavra memória, espaço fugidio e de limites escorregadios, que tem a história por moldura.

Resultado de uma operação que se dá na experiência cotidiana de cada um, em meio ao fluxo dos acontecimentos sociais, nossas lembranças devem ser vistas como um elemento vivo, dialogando incessantemente com o presente que, por sua vez, portador de um sem número de perguntas, nos remete, na busca de suas respostas, a um passado, ora idealizado como um modelo a ser seguido, um modelo para o qual devemos ou deveríamos retornar, ora o vemos de maneira incômoda, como algo que nos daria imenso prazer esquecer e, nesse caso, nossas perguntas e nossas apostas seriam lançadas ao futuro e aos mecanismos que o mais depressa possível nos leve a ele.

Essa presença (a da memória) que, como vimos rapidamente, pode apontar em muitas direções, nos ajuda a pensar e a entender as lições, já antigas, deixadas por um dos grandes renovadores dos estudos de História, ao propor como método um duplo movimento: “compreender o passado pelo presente, compreender o presente pelo passado.” (LE GOFF, 2003, p. 23). Esse movimento, que nos obriga a abandonar o avanço cronológico e linear dos anos, faz com que a presença do passado, das experiências já vivenciadas que ainda caminham conosco, sejam rememoradas sob grande influência das nossas ansiedades e necessidades de hoje. É para esse diálogo que gostaríamos, em primeiro lugar, de chamar a atenção.

Vejamos dois outros exemplos que ajudam a fixar essa idéia.

Aqui, a lembrança do livro escrito pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*¹, logo vem à mente. Seu

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e na Colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

esforço procurou dar conta do ambiente mental da Europa em fins da Idade Média e do começo do que chamamos de Modernidade. Momento angular na história da humanidade, responsável por mudanças tão fantásticas quanto dolorosas para quem as vivenciou.

Opondo, de um lado, “um cenário de paisagens decrepitas sempre a debater-se contra uma áspera pobreza²” com que nossos primeiros visitantes do Velho Mundo deveriam estar familiarizados, à “primavera incessante das terras recém descobertas que se entregavam de imediato em sua plenitude sem a dura necessidade de ter de apelar para o trabalho dos homens, como nos primeiros dias da Criação³”, vamos descobrindo ao longo do livro que essa imagem “edênica”, para usar uma palavra cara ao autor, povoava os corações e mentes dos europeus de então. (CHARTIER, 1990; GINZBURG, 1989). “Biografia de um ambiente intelectual e de sua migração, tal como se desenvolveu a partir de suas origens religiosas ou míticas” – é esse o tema do livro –, “que perpassou boa parte da Idade Média e se enraizou nos homens e mulheres que cruzaram os oceanos”, aprendemos como o tempo era percebido por essas pessoas: de forma cíclica, escatológica, um retorno ao Éden bíblico, não só como uma idéia, mas também como uma verdade histórica que se descortinava com as descobertas feitas por seus contemporâneos. (HOLANDA, 2000).

Nessa mesma época, uma outra relação com o tempo era percebida de maneira não menos complexa diante de descobertas de outra natureza, qual seja, o desenvolvimento de novos processos tecnológicos que lentamente iam sendo absorvidos na trama social. Esse longo movimento de transição nos foi apresentado pelo historiador E. P. Thompson, numa

² Op. Cit..Prefácio à segunda edição.

³ Ibidem.

série de estudos sobre a formação da classe operária inglesa, a partir do momento em que, como aprendemos nos livros, o capitalismo dava seus primeiros passos.

Aqui, nos é apresentado, não exatamente nessa ordem, a relação das pessoas com o trabalho e com os ciclos da natureza e essa última determinando o ritmo das atividades: de como as marés, os ciclos lunares, as estações do ano, a alternância entre períodos de chuva ou de sol imprimiam maior ou menor atividade no campo, nas oficinas ou nos tantos festivais e feriados religiosos que retiravam as pessoas da regularidade que uma nova forma de produzir, tão conhecida nossa, passou a exigir; de como a introdução de novas tecnologias, associadas a uma nova moralidade que também vinha tomando corpo – as reformas protestantes – vão mudando paulatinamente as necessidades das pessoas, como vão produzindo novos ritmos e de como essas pessoas, que viam suas vidas sendo mudadas, resistiram a essas novidades.

Como no nosso primeiro exemplo, vemos o tempo obedecendo a um ciclo, agora o da natureza. No entanto, o desenvolvimento de novas maneiras de senti-lo, com a invenção dos relógios mecânicos e seus conjuntos altamente sofisticados de polias e roldanas, além de simbólico, teve grande valia prática nesse processo.

Pra lá da novidade tecnológica, do prestígio social em possuir os modelos mais precisos ou mais caros, esse nosso pequeno conhecido vai se inserindo, com suas batidas ritmadas e constantes, num mundo que pulsava em outro ritmo e que a grande indústria irá procurar substituir por esse novo, marcado por novas necessidades, aos sapateiros e alfaiates, aos ferreiros e oleiros, aos tecelões. (THOMPSON, 2002, p. 267).

Esses dois exemplos nos dão conta de uma relação com

o tempo sendo construída no presente e incorporada as suas necessidades, sejam elas mítico-religiosas ou político-sociais, e é para essa relação, como já dissemos, que devemos estar atentos ao continuar nosso caminho ao longo das próximas páginas.

Portanto, o presente, esse que nos chama a atenção para seus problemas imediatos e cotidianos, problemas compartilhados pelos que vivem às voltas com uma metrópole exigente, devoradora de nervos e produtora de sonhos, merece algumas linhas que supomos fundamentais na compreensão de nossas escolhas, o lugar de onde partimos para nossa investigação, neste caso, a cidade de Guarulhos.

Antes, é preciso chamar atenção para o que trataremos como presente. Mais do que o instante em que estamos mergulhados e que é imediatamente superado por outro, consideraremos o presente como o espaço de algumas décadas, notadamente, fins dos anos 1940. (HOBSBAWM, 2001; MELLO e NOVAES, 2002).

Essa escolha, esse marco temporal que nos abre um leque imenso de possibilidades de análises, deve ser visto como o momento em que Guarulhos, se não mergulha de vez, por certo, dá seus primeiros passos na pluralidade de direções que hoje reconhecemos com facilidade sob o signo da modernidade.⁴

⁴ “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que sabemos, todo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo que como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”. BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da**

Vejamos alguns documentos desse período, custodiados pela Administração Municipal, numa tentativa de aproximar nosso olhar desse momento de inflexão da história da cidade. Primeiro, um relatório apresentado ao Sr. Gabriel Monteiro da Silva, DD. Diretor Geral do Departamento das Municipalidades, pelo Prefeito José Mauricio de Oliveira em 1943. Segundo esse documento, a cidade possuía um total de 70 indústrias; dessas, 38 eram estabelecimentos que se ocupavam da manufatura de telhas e tijolos. Outros 32 estabelecimentos industriais dividiam-se na produção de têxteis, perneiras, galões, estamparias, etc. (OLIVEIRA, 1943, p.10-11).

Seis anos depois, em 1949, Guarulhos contava em seu território com um total de 194 indústrias; dessas, 160 dividiam-se entre olarias, extração de areia e cal; das 27 indústrias fabris, sete ocupavam-se da produção de aguardente, fubá, couro, tamanco, cadeira, chinelo, fios, etc.

A diferença entre esses dois períodos nos fala, principalmente, a respeito das quantidades de estabelecimentos industriais na cidade, não se faz sentir de maneira significativa na diversidade de sua produção. Essa realidade, a crer nos documentos, pouco mudara ao longo das primeiras décadas do século XX. É o que nos mostra outro relatório apresentado à Câmara Municipal de Guarulhos, em 1920, assinado pelo prefeito José Maurício de Oliveira (OLIVEIRA, 1920), nele retrata o funcionamento de 27 olarias localizadas às margens do rio Tietê e exportando seus produtos para São Paulo.

Essa primeira metade do século XX dava a Guarulhos o que podemos chamar de uma “vocação natural”. Sua produção de telhas e tijolos, a extração de areia e de pedregulho, de cal e lenha, elementos que por tanto tempo ligaram Guarulhos   terra

passaram, num curto espaço de tempo, por profundas mudanças, mantendo-se vivos principalmente em sua rica cultura popular. (PINHEIRO, 2003; MACHADO, 2005).

Nos primeiros anos da segunda metade do século essas mudanças já se faziam notar nas páginas dos jornais da cidade. Em 15 de abril de 1956, o jornal *Folha de Guarulhos* publicava um artigo chamado “O compasso do Tempo”, assinado por Gregório Rodrigues Dias. Nas palavras do autor:

[...] Guarulhos saiu definitivamente do sono letárgico em que se encontrava. Agora projeta-se com arrojo e confiança de si mesma, no cenário progressista dos tempos hodiernos. Observa-se, por exemplo, o novo panorama da cidade, onde o índice de construções modernas agiganta-se como patente demonstração de prosperidade.

Dois anos depois, o periódico semanal *Correio do Povo*, numa edição comemorativa dos 398º aniversário da cidade, anunciava:

[...] tiveram papel preponderante no seu surto de progresso [com] a Base Aérea de Cumbica e a via Presidente Dutra, além de sua posição geográfica privilegiada, pois fica entre os bairros periféricos mais importantes [...] com a vinda de indústrias, consequência da descentralização da capital, teve acelerado seu progresso. O numero de loteamentos e de construções foi elevado a ponto de transformar a velha vila na respeitável cidade de hoje.

Desse ponto em diante, um novo diálogo passa a ser produzido na cidade. Uma nova “vocação” será reafirmada

exaustivamente, ligando-a ao mundo que então vai se estabelecendo e que já nos parece francamente familiar. De acordo com Sevcenko (2001, p.7):

Embora estejamos convivendo hoje com um momento ainda mais intensamente marcado pela saturação tecnológica, podemos perceber que é dentro dessa configuração histórica “moderna” (...), que encontramos nossa identidade.

Um rápido passar de olhos em alguns números que apontam a evolução demográfica na cidade nos ajuda a pensar o complexo quadro em que Guarulhos mergulhou.

De uma população de 13.439 pessoas em 1940 aos 101.273 habitantes que o senso da época lhe atribuirá em 1960, já é possível perceber um salto extraordinário e que continuará a evoluir de maneira exponencial. Em 1970, a população já ultrapassa os 200 mil habitantes; em 1980, 530 mil pessoas já convivem nos limites geográficos da cidade; na virada do século XX para o XXI, já ultrapassavam a faixa de um milhão de habitantes. (SANTOS, 2003, p.173).

Aqui, voltamos ao nosso ponto de partida. O papel das tantas experiências herdadas de outros tempos em nossa vida cotidiana ou, como na fórmula proposta, compreender essas vivências passadas e as diferentes formas de rememorá-las, considerando o presente em que estamos mergulhados, suas contradições e exigências, considerando seus ritmos.

Ainda, é preciso considerar o presente como resultante dessas vivências passadas; de um processo de profunda complexidade, cheio de saltos e de ritmos novos e variados; de novas cores e sons que vêm tomando essa forma instável, com a

qual dialogamos cotidianamente.

Esse duplo movimento - compreender o passado pelo presente, compreender o presente pelo passado - nos ajuda a pensar a experiência cultural que vem sendo produzida nessas últimas décadas em Guarulhos e como essa realização se faz sentir, inclusive, em certa produção intelectual da cidade.

Os primeiros exercícios historiográficos, por exemplo, que curiosamente datam de meados dos anos 1940 (RANALI, 1944), inauguram uma busca por identidade que será constantemente retomada nas posteriores tentativas de fixar os elementos constitutivos desse ideal.

Retomando as imagens do índio, do bandeirante e do jesuíta que haviam sido recentemente incorporados a uma tradição que começava a nascer⁵, essa reunião exigiria muito malabarismo aos que se propunham superar as dificuldades iniciais dessa construção:

Escrever com a exatidão de datas irremovíveis pela dúvida, a história de Guarulhos, é façanha a que ninguém se abalancharia com probabilidades de êxito hoje. A controvérsia é tamanha, tão desanimador é o emaranhado de opiniões, que os primeiros

⁵ Ato 87 de 1º de Setembro de 1932. “Aprova o brasão d’armas da cidade e do município de Guarulhos: Artigo 2º – O histórico e características do brasão d’armas é o seguinte: Escudo redondo português encimado pela coroa mural privativo das municipalidades; em campo azul quatro cabeças de carnação acantonadas e afrontadas; duas de chefes índios guayanazes e Guarulhos – com seus cocares e duas de brancos portugueses com seus cascos (capacetes) simbolizam a cruz antiga de europeus e americanos já nas auras de 1560 no arraial de Guarulhos. Ao meio do escudo a cruz soeta, de prata, de pé recurvado uma e outra parte, um dos atributos heráldicos do nome Álvares na heráldica antiga portuguesa, recorda o papel preponderante do padre do Padre João Álvares, notável bandeirante a quem se deve a execução da capela em torna da qual se agrupa a população de Guarulhos. Por sobre a cruz a lua crescente de prata atributo de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos orago da vila, depois cidade de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos...”

rebuscadores da nossa formação, sentiram, muitas vezes ser-lhes frágil e movediço o terreno.

Alinhavar passagens isoladas para delinear os primeiros albores da terra do Conselheiro Crispiniano é trabalho de árduo arremate. Ocasões há em que o labor carinhoso de dias e dias de pesquisas esboroa-se como balelas em vista dos mais avançados desfechos. E chega-se as razões finais que Teodoro Sampaio teve a coragem de apregoar: ‘o problema histórico da nacionalidade dos índios que ao tempo da conquista ocupavam o litoral e o campo de Piratininga, na Capitania de S. Vicente, não está solvido, nem creio que jamais o será de modo cabal e definitivo. (RANALI, 1944, p. 63).

Os esforços empreendidos para superar essas dificuldades foram realizados em fins dos anos 1950, quando a cidade já sentia a influência das tantas intervenções que recebia em seu espaço geográfico. Foi, portanto, sob o impulso dessas mudanças que o professor Adolfo Vasconcelos Noronha vaticinou de maneira categórica:

[...] unanimemente aceito o ano de 1560, o 8 de dezembro se torna irrecusável como data natalícia do povoado, já pelas tradições da época, já porque, sendo um dia próximo ao fim do ano, confere-nos a certeza de que, nessa altura, a redução dos índios Guarulhos era um fato. (NORONHA, 1960, p.18).

Essa “unanimidade”, além de definir o início da história de Guarulhos, apresentou também a origem de seus habitantes: na figura de um índio pacífico, pronto para receber os ensinamentos da santíssima virgem, ministrados pelos

abnegados padres jesuítas e tendo a frente o intrépido bandeirante, desbravador de terras inóspitas, nascia então essa abstração, o guarulhense, muito mais fruto de desejo do que resultante de um difícil e violento processo de acomodação que ainda não chegou a seu termo.

A harmonia orgânica que salta das páginas desse livro nos deu ainda outro elemento para a compreensão da “evolução” histórica de Guarulhos. O fator econômico. Descoberto em fins do século XVI, a mineração de ouro, por quase dois séculos deu lastro econômico ao aldeamento e depois paróquia de Nossa Senhora Conceição dos Guarulhos. (NORONHA, 1960).

Sob essas bases, étnicas e materiais, a cidade vai se preparando, ao longo do século XIX e princípios do XX, para o surto de progresso que hoje, ao que parece, já não espanta mais.

O modelo de história apresentado pelo Prof. Noronha nos oferece possíveis permanências dessa longa trajetória, traços originais de um tempo distante que caracterizam as diferentes formas de ser e de fazer do guarulhense. Se por um lado essa leitura nos afasta de nossa experiência histórica das últimas décadas, por outro, nos diz muito do tempo em que foi proposta.

A força das mudanças que a cidade de Guarulhos começava a viver e que passaram a reestruturar suas vivências, a reorganizar seus espaços, a reorientar suas direções, aceleravam os ritmos de vida, além de trazer novos personagens a essa história: uma multidão de migrantes, vindos de todas as partes do Brasil em busca de uma vida melhor.

Este movimento, que vai levando o que restava de um passado cheio de referências familiares e propondo um presente renovado a cada instante, carregado de instabilidade e de

turbulência, nos dá valiosas pistas para compreender uma parte significativa dos esforços historiográficos da cidade. Esse modelo, que vem pautando parte significativa dos estudos sobre a história da cidade nos diz, portanto, mais sobre o presente e a dificuldade em equacionar o complexo e múltiplo problema da identidade ou das identidades da cidade.

Agora, é preciso juntar os fios soltos ou, como nos ensina o romancista francês Marcel Proust (1993, p.51),

[naquele] divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis.

Todas essas considerações devem agora tomar uma forma mais clara tendo em vista a apresentação de nosso “objeto de estudo”. Amarrar toda essa reflexão a ele, torná-lo reconhecível em meio a esse emaranhado de idéias, será o objetivo dessas próximas linhas.

Reconhecidamente moderno dentro do universo urbanístico-arquitetônico e projetado por grandes expoentes desse universo, o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado surge como um símbolo desse processo de modernização da cidade. Como criatura, mas também como parte criadora desse movimento.

Proposto como um diferencial na habitação popular brasileira, o Parque Cecap, como é popularmente conhecido, efetivou-se em meio aos problemas que já se faziam sentir na cidade.

O vertiginoso processo de urbanização que Guarulhos passou a viver a partir de fins dos anos 1940 não foi

acompanhado dos melhoramentos exigidos por essa forma de viver. Carente, no que havia de mais elementar em sua infraestrutura, o espaço onde o projeto Cecap se instalaria foi pensado como uma cidade dentro da cidade.

Como veremos nas partes iniciais desse trabalho, a realização dessa proposta terá um intenso diálogo com os tantos limites impostos pela realidade brasileira. Desde históricos problemas com o financiamento desse tipo de projeto, aos gerados pelas técnicas inovadoras que seriam utilizadas em sua realização.

À medida que o projeto saía do papel, novos agentes passavam a fazer parte dessa já complexa equação: os primeiros moradores. Já em 1972, os primeiros blocos eram entregues para moradia e muitas das promessas apresentadas em plantas e maquetes eram vistas cada vez mais longe conforme o tempo e a obra caminhavam. Essas ausências levaram a recém chegada população do Cecap - que começava a se instituir - a organizar-se das mais variadas formas, produzindo uma ativa vida comunitária.

A diversidade desse adjetivo – comunitária – é apresentada num outro momento desse trabalho em sua pluralidade. Equacionar essa diversidade exigiu um árduo trabalho de pesquisa nos arquivos pessoais de alguns moradores do Cecap, nos arquivos públicos da cidade, além de um riquíssimo material humano com sua prodigiosa memória.

Essas memórias vivas dos moradores nos abriram grandes avenidas de possibilidades de se perceber essa vida comunitária. No prosaísmo da vida cotidiana das donas de casa ocupadas com a educação dos filhos, na manutenção da ordem do lar, nas pequenas coisas que se tornavam grandes aventuras diante das incertezas que a vida apresentava. Na diversão dos

jovens improvisada nos campos de várzea, nas reuniões de vizinhos para discutir os problemas, enfim, ecos da diversidade desses encontros foram captados nessas tantas formas de abrigar a memória.

Toda essa experiência (ao menos parte dela), que oferecemos aos leitores, nos traz de volta a relação que construímos com o nosso tempo. De como o percebemos nesse nosso agitado cotidiano. De como o percebemos e de como o projetamos.

Como no Cecap, uma nova identidade foi sendo construída pela força da contingência do dia-a-dia, dos novos encontros, das novas paisagens produzidas em Guarulhos. Nesse sentido, é significativo o depoimento do Sr. Francisco Marinho, funcionário da Cecap, autarquia responsável pela execução do projeto. Quando nos fala dos primeiros passos da obra, relembra o trabalho de terraplanagem “que trocou toda a terra da área” onde hoje está assentado o bairro Cecap.

Nessas últimas décadas, o chão da cidade foi revolvido de maneira tão prodigiosa que muito pouco de suas vivências anteriores têm sobrevivido a esse movimento. Perceber essa força criadora, da qual o Cecap faz parte, talvez nos ajude a compreender melhor nossas referências identitárias que vão se produzindo dentro desse turbilhão.

Voltar a atenção a esse conjunto habitacional em seus detalhes, perceber suas contradições se faz mais útil à compreensão da cidade que a fuga a um vazio conceito de progresso, atribuído a uma vocação que, sabe-se lá se divina ou o quê, que exclui as experiências históricas vivenciadas em nossa peculiar modernização; perceber contra o quê essa experiência e esse discurso do moderno vem se estabelecendo, contra que passado, contra que formas de vida e o preço pago por essa

escolha nos ajuda a pensar a cidade e os conflitos que hoje vivenciamos.

PARTE 1
Cecap: O Projeto Urbanístico

URBANISMO E POLÍTICA HABITACIONAL NO BRASIL

Tendo em vista as condições que permearam a história da habitação popular no país e o modo como se concebeu a construção do Parque Cecap em Guarulhos, busca-se aqui situar a relação desse conjunto habitacional com as questões e problemas que historicamente estiveram na porta dos projetos voltados à moradia popular no Brasil.

Como parte integrante da política habitacional realizada pelo Estado brasileiro a partir da década de 60, aliás, nosso ponto de análise, o Cecap⁶ significou a consolidação de um tipo de urbanismo bastante característico de países em desenvolvimento. É justamente nesse pano de fundo político, habitacional e urbanístico que se insere a proposta desse capítulo, ou seja, de delinear alguns marcos que nortearam o planejamento das cidades brasileiras e a construção da política de habitação no Brasil, que têm no condomínio Zezinho Magalhães Prado, sem sombras de dúvidas, uma peça relevante.

Apresentam-se, portanto, duas chaves de compreensão para começar a reflexão: a primeira assenta-se naquilo que alguns arquitetos e urbanistas chamaram de “padrão periférico de crescimento”; a segunda, naquilo que outros especialistas denominaram “complexo financeiro-imobiliário”.

Acerca da primeira chave, pode-se definir o “padrão periférico de crescimento urbano” como um modelo singular de

⁶ Faz-se necessário esclarecer que utilizaremos a denominação Cecap para referenciar o Conjunto Zezinho Magalhães Prado. Cabe esclarecer que existem outros condomínios construídos pela autarquia Cecap - que oficialmente significa Caixa Estadual de Casas para o Povo. Tal sigla não é o nome oficial da obra, mas sim uma forma usual de referência, com frequência, em Guarulhos.

implementação da malha urbana, realizada através da ocupação de áreas distantes, sem estrutura e bastante longe dos centros já urbanisticamente desenvolvidos. O modelo de padrão periférico de crescimento urbano segue, via de regra, os ditames da ausência da provisão do Estado no que tange à promoção de políticas habitacionais adequadas e de longo alcance social. Passando ao largo da criação de políticas de moradia efetivamente universais, o Estado brasileiro teve um tímido papel no sentido da provisão da moradia no país. Essa conjuntura fez com que a população de baixa renda (sem condições financeiras) criasse – por ela mesma - as condições necessárias à sua instalação, o que se acentua ainda mais a partir da década de 1930. Reféns da falta de alternativas econômicas e da especulação imobiliária, essa população busca nas periferias o seu estabelecimento, o que leva à criação de um paradigma representado na relação periferia, casa própria e autoconstrução.⁷

A propósito, nunca é demais dizer que esta relação periferia, casa própria e autoconstrução estão presentes em áreas que oferecem pouco, ou quase nada, em termos de infraestrutura urbana e social. (BONDUKI, 1994)

O Cecap, no entanto, parece ser um dos poucos registros em termos de política pública habitacional até essa época. Contudo, apesar de não se inserir completamente na lógica do padrão periférico de crescimento urbano, ele não goza de imunidade quando se trata de algumas consequências que esse

⁷ Ainda hoje, a lógica da autoconstrução perdura. Segundo o Instituto Polis, parcela significativa da população é excluída de políticas habitacionais, pública ou privada. Para eles, “[...]como o mercado não é acessível, a solução de problemas de moradia acaba se restringindo, quase que exclusivamente ao trabalho e esforço da própria população, sem apoio financeiro ou técnico, situação que vem se perpetuando ao longo das décadas”. INSTITUTO POLIS. **Habitação na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Instituto Polis/PUC-SP, 2002, p. 47.

tipo de crescimento não ordenado acaba trazendo. É o caso das constantes reclamações de muitos moradores que, mesmo tendo adquirido uma construção planejada e financiada pelo Estado, sofrem com a ausência de redes comerciais, hospitais, iluminação pública, áreas adequadas de lazer, pontos de ônibus, escolas, ruas pavimentadas e afins.⁸ Vale lembrar que o Cecap foi construído numa área periférica de Guarulhos, aliás, uma cidade que também cresceu sob o comando do padrão periférico de crescimento urbano.

A edificação do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado esbarra, por assim dizer, nos problemas típicos de uma cidade que avança sem o mínimo de planejamento estatal e urbano: nesses termos, o Cecap parece ser uma ilha de semidesenvolvimento urbano plantado no meio de uma região periférica e sem algumas importantes estruturas de instalação social.⁹

Sob os auspícios de um introvertido desempenho, embora com algumas sinalizações de intervenções, o Brasil chega ao limiar da década de 1960 com um déficit habitacional bastante elevado.¹⁰ O crescimento via periferização, episódio que

⁸ Depoimentos dos primeiros moradores do Parque Cecap em Guarulhos revelam algumas dificuldades iniciais no sentido da acomodação no bairro. A falta de estrutura urbana é constantemente evocada, mostrando que, apesar do Conjunto ter sido planejado e financiado pelo Estado, ele ainda esbarrava na ausência de importantes equipamentos urbanos. Vide alguns depoimentos nos próximos capítulos do livro.

⁹ Proveniente da ação do Estado e como resultado da própria política habitacional do período, pode-se estranhar a ligação que o condomínio Cecap em Guarulhos tem com esse contexto de “padrão periférico”. Todavia, essa forma de realização urbana no Brasil mostra que, além de ela ditar que o crescimento da cidade deva ser sempre pelas regiões mais longínquas, ela faz com que o perímetro urbano cresça dentro de regiões com pouco acesso a infraestrutura. Nessa perspectiva, o Cecap, apesar de ser oriundo de um planejamento público habitacional, está sob as vicissitudes de um modelo de crescimento urbano significativamente desordenado.

¹⁰ Infelizmente, o déficit habitacional no Brasil ainda é bastante significativo. Segundo

é conexo com a falta de melhores condições para adquirir imóveis em regiões centrais (fortemente influenciadas pela especulação imobiliária), surge para atender às necessidades sociais de uma parcela da população, aliás, marginalizada quando se trata da questão da relação moradia e investimento público.¹¹ Enquanto ente aglutinador dessas questões, o Cecap é um curioso misto entre crescimento periférico e planejamento estatal. Essa singular mistura dar-se-á através da conjugação orgânica entre “padrão periférico de crescimento urbano” e o “complexo financeiro-imobiliário”.

Ao longo da década de 1960, durante a Ditadura Militar, o Brasil adentra de modo mais agudo nas questões que envolvem o investimento de recursos públicos dirigidos à consolidação de moradia para parte da massa trabalhadora: é nesse ponto que entra em cena o segundo conceito para refletir acerca da problemática da moradia no estado de São Paulo e no Brasil, ou seja, o conceito de “complexo financeiro-imobiliário”

o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional e a Fundação João Pinheiro, atualmente o déficit habitacional no Brasil ainda é bastante acentuado. Em São Paulo, capital, é de aproximadamente 737.830 unidades, ao passo que na região metropolitana é de 3365.838, por exemplo. INSTITUTO POLIS. **Habitação – Avaliação de Política Municipal**. Instituto Polis/PUC-SP, 2002, p. 49. Em pesquisa realizada pelo Ministério das Cidades em parceria com a mesma Fundação João Pinheiro, divulgada em 2007, o déficit habitacional do Brasil chega a 6,273 milhões de domicílios. Segundo a definição do Ministério, Déficit habitacional é a “demanda reposição ou incremento do estoque de moradias.” BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula** Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/noticias/ines-magalhaes-apresenta-numeros-do-deficit-habitacional>> Acesso em 06 jul. 2010.

¹¹ É preciso notar também que, se por um lado a ausência do Estado no campo da promoção de moradias é notória, (elemento que contribuiu para a tríade periferia - casa própria - autoconstrução), por outro, ele, apesar de seus efeitos danosos, “permitiu o acesso à terra e à moradia para amplas camadas da população urbana” (AZEVEDO e RIBEIRO, 1996.)

e a relação que ele possui com o Cecap.¹²

O “complexo financeiro-imobiliário” traz uma proeminente perspectiva no sentido de pensar como o Cecap e a questão da moradia foram trabalhadas no Brasil nesses últimos anos. Aqui, a política pública habitacional materializa-se a partir de uma relação de parceria entre Estado e mercado, dois importantes atores na elaboração desse assunto. Em poucas palavras, o complexo financeiro-imobiliário pode ser definido como a existência de uma simbiose entre um órgão público e instituições de financiamento¹³. É possível afirmar que o BNH (Banco Nacional de Habitação), que era a principal linha de crédito e financiamento para quem quisesse ser um proprietário de um dos edifícios do Cecap, constituiu-se como entidade representativa do complexo financeiro-imobiliário por

¹² Ver mais em AZEVEDO, Sérgio de; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **A Crise de Moradia nas Grandes Cidades: da questão da habitação à reforma urbana**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

¹³ Segundo o autor, para “dar conta dessa imbricação entre lógica econômica e lógica política na compreensão da dinâmica imobiliária, propomos a adoção do conceito de complexo financeiro-imobiliário, em que o braço “financeiro” é altamente estruturado pelo Estado, tanto em nível da regulamentação (criação de linhas de créditos especiais, *modus operandi*, etc.) quanto de sua implementação, já que, historicamente, tem se dado prioritariamente através de agências paraestatais (Caixa Econômica Federal, bancos estaduais, etc.). A “politização do mercado”, antes de ser uma relação perversa entre Estado e economia na sociedade brasileira, é uma das características da acumulação nas modernas sociedades capitalistas. Trata-se de uma perspectiva analítica alternativa ao paradigma da soberania do mercado e a conseqüente liberdade dos agentes econômicos e, ao mesmo tempo, ao paradigma da imposição do Estado. A política pública cria o mercado, assim como o mercado modifica a política pública. A aplicação desta concepção à análise da dinâmica imobiliária no Brasil, que emerge, ainda que timidamente, a partir da segunda metade dos anos 40, indica que o complexo financeiro-imobiliário não funciona apenas segundo as leis do mercado. Isto é, trata-se de um sistema fundado em arranjos formalizados, envolvendo uma grande variedade de instituições, públicas e privadas, e de categorias profissionais, que passaram a regular as relações de troca no seu interior, bem como as interações com os outros setores da economia”. (RIBEIRO, 1996, p. 21)

excelência¹⁴

O conceito de “complexo financeiro-imobiliário”, do qual o financiamento do Cecap faz parte, parece atender de modo eficaz às demandas de um Estado autoritário sob a forma de um modelo financeiro que atua em conjunto com as forças políticas num contexto em que a produção do modo capitalista de moradia deveria atender, pelo menos em tese, às demandas da classe trabalhadora¹⁵

Assim, essa rede financeira e imobiliária – sobretudo dentro do governo militar com o BNH¹⁶ – surge como uma resposta do Estado em relação ao “padrão periférico de crescimento urbano”, provocado por anos de esquecimento institucional do órgão oficial no que se refere à promoção de

¹⁴ Em geral, os recursos de investimentos em construção popular no Brasil – representando justamente a ideia do complexo financeiro-imobiliário – foram retirados do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço; Cadernetas de Poupança; reservas técnicas e os fundos das entidades abertas e fechadas de previdência privada e, por fim, até mesmo os recursos de fundos perdidos provenientes das diversas loterias controladas pela União. (AZEVEDO et RIBEIRO, 1996, p. 26)

¹⁵ Com relação à qualidade dos apartamentos construídos pelo BNH, alguns autores apontam que “O BNH patrocinou empreendimentos problemáticos, caracterizados pela homogeneidade arquitetônica, pela baixa qualidade construtiva, por estimular a especulação imobiliária, ao criar núcleos habitacionais distantes das malhas urbanas e, por conseguinte, encarecer a infraestrutura urbana, dentre outras questões, afora, talvez coerente com seu perfil de banco, financiar habitação para faixas de renda média e média-alta”. (CERÁVOLO, 2007, p.56)

¹⁶ “O Banco Nacional de Habitação, criado após o golpe em 1964, foi uma resposta do governo militar à forte crise de moradia presente num país que se urbanizava aceleradamente, buscando, por um lado, angariar apoio entre as massas populares urbanas, segmento que era uma das principais bases de sustentação do populismo afastado do poder e, por outro, criar uma política permanente de financiamento capaz de estruturar em moldes capitalistas o setor da construção civil habitacional, objetivo que acabou por prevalecer”. BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf>. Acesso em 06 jul. 2010.

políticas na área habitacional. O que se verifica é que a atuação da Ditadura Militar foi significativamente irrisória em relação à cobertura do déficit habitacional no Brasil¹⁷

Em outras palavras, o crescente processo de urbanização observado na segunda metade do século XX parece ter sido bem maior do que a capacidade de absorção do sistema da política nacional de habitação. Apesar de estar comprometida com a criação de “casas para o povo”, grande parte da população brasileira fica à margem esquerda das políticas de moradia. Assim, o “complexo financeiro-imobiliário” tem uma atuação social bastante limitada, atendendo apenas àqueles setores de classe média que poderiam adentrar nos rigorosos critérios econômicos de crédito e financiamento¹⁸

Se por um lado o BNH surge como uma reação do Estado em planejar, promover e financiar a habitação no Brasil, por outro ele acaba sendo insuficiente na medida em que o processo de crescimento urbano desenfreado e periférico já tinha se aprofundado. É, pois, o Banco Nacional de Habitação e a Caixa Estadual de Casas para o Povo que possibilitam a

¹⁷ “Embora a produção habitacional tenha sido significativa, ela esteve muito aquém das necessidades geradas pelo acelerado processo de urbanização que ocorreu no Brasil, na segunda metade do século XX. Entre 1950 e 2000, a população urbana brasileira vivendo em cidades com mais de 20 mil habitantes cresceu de 11 milhões para 125 milhões. No período de funcionamento do BNH (1964-86), foram financiadas cerca de 25% das novas moradias construídas no país, porcentagem relevante, mas totalmente insuficiente para enfrentar o desafio da urbanização brasileira”. BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf> Acesso em 06 jul. 2010.

¹⁸ Mesmo atentando-se a esse fato pontual de alcance das políticas habitacionais durante a ditadura militar (1964-1985), é preciso ressaltar seu importante papel para a época. Comparando com o quadro que tínhamos em décadas precedentes aos anos 60, é certo afirmar que o Brasil passa por grandes avanços no sentido da construção de casas para a população.

aquisição de alguns imóveis: ainda que insuficiente e dentro de uma área ainda urbanisticamente incipiente, é o complexo financeiro-imobiliário que também acaba contribuindo para a expansão da rede de casa própria neste período¹⁹

Projetado para ter aproximadamente 55.000 habitantes, o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado representou um marco não só do ponto de vista arquitetônico, como também do ponto de vista do grande investimento estatal num projeto habitacional no país. Além disso, como resultante de um processo de instalação de um plano parcial de moradia e urbanismo, ele sintetiza em parte as contradições existentes quando se tem por objeto de análise a efetivação de cidades minimamente planejadas, pois seu projeto ideal, como se verá no próximo capítulo deste livro, sofrerá muitas tensões na medida em que é colocado em marcha por seus idealizadores.

De todo modo (e apesar de algumas limitações), a construção do Parque Cecap em Guarulhos revela, de um jeito ou de outro, uma

preocupação por parte do Estado com a agenda social: a reunião de esforços, por parte do governo, para viabilizar um processo de produção de moradias voltado a uma

¹⁹ Para o arquiteto e urbanista Hugo Segawa, por exemplo, a política de construção de projetos na área civil durante o governo militar tinha um forte caráter de implementação de uma ordem econômica que se baseava numa espécie de “pleno emprego à brasileira”. Desse modo, os incentivos à construção civil alimentavam a demanda de trabalho e emprego para a maciça e numerável mão-de-obra advinda, sobretudo, das regiões norte e nordeste do país. Tal análise é bastante plausível na medida em que, pouco preocupado com os anseios das propostas mais progressistas dos ditames da Arquitetura Moderna, o Estado militarizado parecia avesso a quaisquer sugestões de reais melhorias na qualidade de vida da massa urbana em questão. Como não alvo da política habitacional do período, essa massa urbana pobre e sem recursos servia apenas e tão somente como força de trabalho numa perspectiva em que a espoliação capitalista era viabilizada pelo próprio Estado. SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil (1900-1990)** São Paulo: Edusp, 1997, p. 180-181.

camada da população que começava a se concentrar nas cidades em função de um forte processo de urbanização, causado pela industrialização pela qual o país passou a partir do final da Segunda Grande Guerra. Essa preocupação com a habitação de interesse social estará sempre presente, em maior ou menor grau, na definição de políticas sociais dos governos. (GOUVÊA, 2010)

O ineditismo do Projeto convive com uma série de questões que vão muito além da matéria da moradia em si: trata-se de um processo e de um modo de ser do Estado da época. Apesar de alguns estudiosos salientarem outros pontos da política nacional de habitação, parece mesmo que a história do urbanismo brasileiro e sua relação com as diretrizes nacionais têm muitos ingredientes a serem considerados, principalmente o diálogo realizado entre o Estado e sua intervenção no tocante ao processo de periferização de um lado e atuações institucionais de outro. O Conjunto Zezinho Magalhães Prado (1967) sintetiza por si mesmo a própria história da urbanização e da política habitacional brasileira.

Em virtude do intrincado pano de fundo social, econômico e político sobre o qual o “Projeto Cecap-Cumbica” está posto, não seria nenhum exagero pensá-lo como parte motora, senão como próprio símbolo das contradições que geriram as normas de *con-formação* de nossas cidades e sua direta relação com o poder público até os anos 1980 e meados de 1990.

Como forma de se habitar, ele não está isolado do restante desses preceitos e formações, pelo contrário, é parte legitimamente constitutiva deles até os dias de hoje.

Resgatar a história desse Projeto junto com tudo aquilo que lhe é peça, ou seja, os moradores, os arquitetos, as autoridades em geral e até mesmo aqueles que faziam parte do

espaço antes mesmo da sua construção, é fazer um convite à reflexão de que ele é um projeto realmente do qual precisamos para gozar de uma vida melhor dentro de perímetros urbanos cada vez mais insuflados pelo trânsito, poluição, pela falta de alternativas de qualidade de vida e pela desorganização urbana.

O crescimento minimamente racional de nossas cidades, bem como a intervenção do Estado em políticas habitacionais mais abrangentes e acessíveis, devem necessariamente estar na ordem do dia da agenda pública nesse alvorecer do século XXI. Sabe-se que a má conformação das áreas urbanas tem contribuído de modo significativo para a proliferação de males que têm assolado as cidades nos dias de hoje. Esses desenhos têm azeitado cada vez mais o subdesenvolvimento, crescimento desordenado, ocupação em áreas de mananciais, ausência de estrutura social e urbana, falta de acesso a bens sociais de primeira ordem e conflitos urbanos como resultantes de um processo de exclusão e marginalização de grande parcela da sociedade brasileira.

Faz-se imperativo, portanto, uma reflexão profunda acerca do habitat em que vivemos. Ao que tudo indica, o Cecap de Guarulhos pode ser um bom ponto de partida.

O PROJETO CECAP: ENTRE O IMPASSE E A UTOPIA

Tendo em vista a necessidade de compreender os aspectos que caracterizaram o modo de construção do Cecap, buscaremos analisar os princípios arquitetônicos e ideias que deram forma ao projeto do Cecap, e os impasses enfrentados para a sua execução.

Pensar o processo de constituição deste conjunto habitacional não significa somente observá-lo como simples construção de moradias populares, mas compreender um ousado projeto de habitação que propunha um novo modo de vida na cidade.

Concebido por meio da Cecap (Caixa Estadual de Casas para o Povo) e planejado a partir do trabalho de renomados arquitetos, como Fábio Penteado, Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas, esse conjunto habitacional apresenta elementos peculiares quando pensado no interior da história da habitação social no país.

Embora a construção de habitações populares estivesse em curso no país desde a década de 1930, caminhando a lentos passos quanto à sua abrangência, é na década de 1960 que adquire condições de financiamento e produção mais favoráveis para a sua consolidação.

Porém, no que se refere aos projetos de habitação popular que se inspiravam nos princípios de funcionalidade, valorização do espaço público e industrialização da construção, portanto, ligados à proposta da arquitetura moderna, impunha-se a dificuldade de se obter recursos materiais, num momento em que a indústria da construção nacional enfrentava dificuldades para decolar.

Esse é um ponto que merece destaque, uma vez que o processo de industrialização da construção fez parte do debate em torno dos rumos da arquitetura brasileira na década de 1960. Artigas, que neste momento era militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), adotava a visão difundida pelo partido, segundo a qual uma parcela da classe empresarial burguesa, ao assumir uma posição nacionalista frente ao processo de desenvolvimento, combateria as investidas imperialistas em nosso país.²⁰

Desta forma, para Artigas o problema da habitação popular no Brasil seria resolvido a partir do engajamento dos arquitetos que deveriam projetar construções e planos urbanísticos que fortalecessem os laços da vida comunitária, em aliança com a suposta ala nacionalista de nossa burguesia, que envolvida com as causas nacionais, implementaria a industrialização da construção e democratizaria o acesso à moradia.

Longe de se constituir como mera abstração, as idéias de Artigas se alinhavam com o “clima de otimismo” que permeou o início da década de 1960, após a ascensão de João Goulart à presidência do país e a formulação de um projeto nacionalista voltado para as camadas populares baseado nas Reformas de Base.²¹

²⁰ Estas idéias adquiriram consistência a partir da proposta apresentada pelo PCB, em 1958, para a formação de uma *Frente Única* que deveria ser construída a partir de uma grande aliança de classes, reunindo a classe operária, camponesa e frações supostamente progressistas da burguesia brasileira, para a conclusão da revolução democrática nacional. Dentro desta concepção, o processo revolucionário necessitaria passar por esta etapa para, num segundo momento, criar condições para uma revolução socialista.

²¹A proposta de Reformas de Base edificadas no governo de João Goulart (1961-1964) se apoiava num amplo projeto de reformas sociais que procurava impulsionar um movimento de maior participação política da classe trabalhadora se direcionado

Dentro deste cenário, a atuação do arquiteto tornava-se dependente não somente de seu esforço de criação, que buscava conciliar arte, técnica e engajamento, mas do papel salvacionista que a industrialização deveria desempenhar para libertar o país dos modos arcaicos e tradicionais de produção, que colocavam o Brasil numa posição subordinada dentro do sistema capitalista mundial.

Porém, essa tese foi “derrubada” com o golpe militar de 1º de abril de 1964, quando a parcela considerada progressista da burguesia brasileira se revelou uma falácia e apoiou os militares. Com isso, grande parte dos projetos idealizados antes do golpe “caiu por terra”, já que o novo regime se afirmava sob o signo do combate às lutas sociais e populares que haviam ocupado a agenda do governo de João Goulart.

Contudo, Artigas não deixava de reconhecer que, embora o país estivesse sob o comando de um regime autoritário, as expectativas deveriam ser projetadas no desenvolvimento das forças produtivas que inegavelmente haveriam de conduzir o país a um estágio superior de desenvolvimento e transformação social.²²

Essas idéias ganharam forma, em 1967, quando Vilanova Artigas buscou concretizá-las, após aceitar o convite para construir o amplo e complexo projeto do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, em Guarulhos. Será

para a ampliação do mercado interno e questões como: reforma agrária, urbana, tributária e educacional.

²² Nas palavras do Artigas: “Sempre tive certeza de que haveria uma revolução proletária e que o desenvolvimento resultaria na criação de uma indústria nacional capaz de servir ao nosso povo e de propiciar o surgimento de uma classe operária, tal qual a pensada por Marx, que acumulando um conhecimento geral e mais a modificação da estrutura decorrente, abria-se o caminho para o socialismo, enfim, para uma sociedade mais elevada.” (XAVIER: 2003, 218-9)

por meio desse conjunto habitacional que Artigas, junto com Paulo Mendes da Rocha e Fábio Penteado, estruturariam um projeto que incorporaria, ao mesmo tempo, os elementos que representariam o desenvolvimento tecnológico da indústria da construção e as aspirações de possibilitar o acesso das camadas populares a uma habitação com qualidade e funcionalidade. Nas observações do arquiteto Paulo Mendes da Rocha:

O objetivo foi, através das novas possibilidades dadas pela pré-fabricação, atingir um nível de excelência que demonstrasse que a qualidade de uma habitação não deveria corresponder ao padrão econômico de uma determinada classe social, mas aos conhecimentos técnicos do seu momento histórico, que permitissem uma construção racionalizada, honesta e acessível a todos. (ARTIGAS, 2000, p.184)

Com isso, os idealizadores do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado depositavam a crença nas possibilidades abertas pela indústria da construção, expressa na utilização de materiais pré-fabricados, como meio para superar as dificuldades e precariedades que permeavam a história social da habitação popular no país.

No entanto, o processo de estruturação dessa obra não dependia somente das idéias e aspirações de seus idealizadores, mas das condições de produção fornecidas pelo parque industrial brasileiro voltado para a construção civil e dos canais de financiamento que forneciam crédito somente a uma parcela reduzida e elitizada da sociedade brasileira.

Gabriel Rodrigues da Cunha, em trabalho que analisa a produção de Vilanova Artigas entre os anos de 1967 a 1976, aponta alguns problemas que envolveram a utilização de materiais industrializados na construção deste conjunto habitacional:

As dificuldades na execução da pré-fabricação no conjunto se devem a alguns fatores, dentre eles a escala do empreendimento. A proposta do conjunto de Guarulhos previa atender a um número muito grande de pessoas, num contexto da construção civil que não tinha estrutura, experiência e mesmo uma demanda estabelecida para a execução destes elementos pré-fabricados. Isto demandava um volume muito grande de recursos financeiros para criar tal estrutura, com o agravante de que uma vez que fosse criada, não se sabia quando seria usada novamente, devido à inexistência de um mercado que a assimilasse. Além disso, a política do Banco Nacional de Habitação (BNH) previa a utilização massiva de mão de obra não especializada, o que concorria e ainda concorre para inibir a industrialização da construção. (CUNHA, 2009, p. 81-2)

As observações de Cunha são relevantes não somente por destacar os elementos que dificultavam a realização da obra, no que se refere à falta de capital e produção de materiais pré-fabricados, mas também por situar a dimensão e complexidade do projeto que apresentava demandas que nem mesmo a indústria e o mercado da construção no país haviam conseguido solucionar.

Para além das dificuldades colocadas pela situação da indústria de construção no país, naquele momento, é importante sublinhar outros aspectos estruturais que caracterizaram a especificidade da obra e a sua identidade com os princípios da arquitetura moderna.

O projeto do conjunto habitacional buscou espelhar-se na estruturação de uma cidade. A articulação entre os prédios em blocos, denominados freguesias, procurava criar um espaço de convivência, a partir de uma forma de construção que se colocava de modo mais coerente com a nova proposta de

habitação e vida social no país.

Desta forma, a obra pretendia superar a simples construção enfileirada de prédios que caracterizava os conjuntos habitacionais no país, destinados às camadas populares, para se constituir como o projeto de uma “cidade”, com toda a infraestrutura requerida por ela, dentro de outra grande cidade, nesse caso Guarulhos.

Fabiana Cerávolo, em estudo sobre a utilização da pré-fabricação em concreto armado aplicada a conjuntos habitacionais no Brasil, apresenta uma descrição das estruturas e equipamentos do projeto original que nos permite visualizar a sua amplitude e abrangência. O projeto previa a construção de 10.680 unidades de moradia para uma população de 55.000 moradores; edifícios de três andares sobre pilotis, organizados em freguesias (32 edifícios); oito grupos escolares, três ginásios, escola industrial, hospital geral, pronto-socorro ambulatorio, centro de saúde, posto de puericultura, estádio para 10.000 pessoas, dois cinemas, hotel, teatro, comércio próprio, igreja, clube, entreposto de abastecimento, caixa d’ água e gasômetro. (CERÁVOLO, 2007, p.68)

Com isso, o projeto buscava atender as diferentes necessidades que compunham a vida urbana contemporânea, com a criação de equipamentos públicos e coletivos. Ao mesmo tempo, a construção do conjunto habitacional com feição de cidade autossuficiente reforçava os laços da vida comunitária, identificados na utilização coletiva dos equipamentos públicos e na sociabilidade gerada pela organização das freguesias e dos espaços de convivência.

As preocupações em torno dos espaços de convivência e o caráter urbano do projeto se fundamentaram no conceito de “unidade de vizinhança” que “[...] procurava potencializar as

condições necessárias para o desenvolvimento da vida cotidiana, tentando articular de forma minuciosa as esferas entre o público e o privado”. (CUNHA, 2009, p.77)

No que se refere aos aspectos arquitetônicos do projeto, especificamente relacionados aos prédios do conjunto habitacional, destaca-se no interior das moradias a utilização de planta livre que propicia a “movimentação” das paredes internas, como forma de proporcionar maior flexibilidade à organização dos cômodos.

No projeto sobressai a atenção com um princípio fundamental da arquitetura moderna, qual seja, a racionalização da obra. Esta se identifica na redução dos espaços internos dos apartamentos dedicados à circulação, assim como nas divisórias das paredes internas com nove centímetros de espessura e na instalação dos armários, embutidos como caixas nas paredes das fachadas.

As unidades possuem janelas horizontais que preenchem toda a fachada com aberturas nas duas faces opostas do prédio, forma pela qual possibilita uma ventilação cruzada e favorece a entrada de iluminação solar em todas as unidades do conjunto.

Os blocos são formados a partir da ligação entre dois prédios com um espaço entre estes dedicado a um jardim, onde se situam as escadas de acesso. Os prédios com dez apartamentos por andar em forma de lâminas com três pavimentos, sustentados sobre pilotis, possuem o térreo livre que sugere a sua ocupação como área de convivência.

Fabiana Cerávolo, ao analisar o espaço e “clima interno” gerados pela forma de construção dos prédios sobre pilotis, complementa as observações acerca das áreas de convivência e a forma de organização do projeto do conjunto habitacional:

Os pilotis foram previstos para liberar o solo e estes espaços criados, inicialmente, foram utilizados para atividades eventuais, como recreação e circulação livre. O projeto agregava, assim, um elemento paradigmático do modernismo brasileiro e internacional (CERÁVOLO, 2007, p.78)

No entanto, faz-se necessário destacar que, apesar da atenção concreta e conceitual dispensada pelos arquitetos ao projeto, diversas estruturas e construções que faziam parte do projeto original não foram finalizadas. Álvaro Puntoni, em estudo sobre o projeto do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, afirma que:

Das 8 freguesias previstas inicialmente, foram construídas apenas 4, correspondendo a 62 blocos e totalizando 3.720 unidades habitacionais. Os equipamentos previstos não foram também concluídos, com exceção do *bloco de comércio* na freguesia FF, o *centro de saúde* e o *centro comunitário*. As escolas realizadas não seguiram o projeto original, e foram realizadas posteriormente pela CONESP - Companhia Estadual de Construções Escolares de São Paulo. (PUNTONI, 1997, p. 5)

Ainda que o conjunto habitacional não tenha sido realizado plenamente em conformidade com o projeto moderno, há que se salientar a singularidade deste perante a história da habitação popular no Brasil. Artigas, ao fazer algumas observações sobre os problemas que permearam o desfecho do conjunto habitacional, reconhece esta condição:

Tenho a impressão de que foi o único projeto no Brasil feito nessas condições. Mas acabou acontecendo o que sempre acontece em geral: construíram-se e venderam-se os apartamentos e todos os nossos projetos de equipamentos não foram feitos porque não estavam *mercadologicamente justificados*. É a maneira como se

constrói nossa cidade, sempre em função da mercadologia, da venda do espaço dessa forma. (ARTIGAS, 1989, p.79)

Embora as observações de Artigas expressem certo desapontamento com o desfecho da obra, ainda assim, não é possível desconsiderar os importantes aspectos que foram incorporados ao projeto, bem como o papel que representa como uma nova forma de se pensar o modo de construir e planejar a habitação popular no país.

PARTE 2 - A VIDA COMUNITÁRIA

CONSTRUINDO IDENTIDADES NO CECAP

Centros, conselhos, clubes, escolas em apartamentos, a vida comunitária do Cecap foi muito agitada desde os primeiros anos de sua criação. Com os primeiros moradores, com as primeiras construções e com as primeiras reivindicações, a história do Cecap se fez. Ela se confunde de certa forma com a história de Guarulhos, pois um “tentar fazendo” e um “fazer ao mesmo tempo” são a marca da formação identitária da cidade. Ao lançar o olhar sobre o Cecap, pretendemos expor e compreender os vários modos de viver em comunidade.

A vida podia se mostrar atuante, em conselho, numa reivindicação específica; e também alegre, em festas no clube; ou, simplesmente, comum para a maioria dos moradores. Procuramos demonstrar todas essas diferenças, primeiro, com um sobrevôo no corpo documental que restou das origens do Centro Comunitário, seus primeiros participantes e registros de imagem. Segundo, a relação dos moradores com essa entidade que se tornou referência para os que dele participavam; e finalmente, a partir da experiência vivida e contada por outros moradores que jogavam bola e conheciam as piscinas, mas poucos tomavam parte na vida do conselho.

Porém, de início, vale discutir do ponto de vista teórico a questão do pertencimento e o lugar da memória na história local que pretendemos trabalhar.

Bairro e Identidade no Cecap

Poucas coisas causam mais dúvida quanto definir o que significa identidade. Do ponto de vista formal, quando queremos saber sobre alguém, além de perguntar o nome,

começamos com a seguinte pergunta: “de onde você veio?”.

Ser de algum lugar é apenas uma fração do conjunto constituinte da identidade: etnias, hábitos, modos de ser, linguagem, família, comunidade etc. São muitos fragmentos que formam não apenas uma identidade, mas várias identidades²³.

Se pegarmos alguns grupos sociais, poderemos ver como fragmentos de memória, oralidade e prática social ajudam a construir e manter a identidade coletiva. No Brasil, alguns casos de comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas ou grupos religiosos, são fundamentais para exemplificar como a manutenção da tradição oral e de rituais contribuem para a perpetuação da identidade do coletivo, do mais velho para o mais novo.

Entendemos, então, que identidade não está associada apenas a *nascer* num local onde os demais *nasceram*. Não é apenas um fator individual (em que pese esse determinante), mas num sentido mais amplo, em que o sentimento de fazer parte de um grupo, de ter participação nas decisões tomadas pelo coletivo e de enfrentar as ameaças externas com atuação direta são elementos constituintes não de apenas uma, mas de várias *identidades*.

O indivíduo possui seus próprios desejos e ambições que nem sempre casam perfeitamente com os do vizinho de porta.

²³ A identidade é um conceito que permeia não apenas a História, mas outras áreas: Antropologia, Semiótica, Filologia, Ciências Sociais e outras. Todas essas áreas se propõem a discutir a identidade fazendo uso de objetos de estudos ainda mais diversos: comunidades tradicionais, literatura, cinema, escolas, jornais, etc. Não nos propomos a discutir a fundo os vários matizes de construção do conceito de identidade. Entendemos a identidade como um conjunto de elementos que caracterizam o sujeito. É essencialmente cultural, pois ela é construída a partir da relação do indivíduo com o mundo. É aqui que os significados e as representações sobre o mundo permitem sua autonomia e reconhecimento (ou identificação) para com o outro.

Eu o encontro no corredor, às vezes não sei o seu nome, mas dividimos o mesmo espaço de sociabilidade e em alguns momentos nossas vontades se encontram para tomar um café ou discutir o problema da coleta de lixo. O meu vizinho do lado, os parentes que moram no mesmo bairro ou a pessoa que sempre cumprimento sem conhecer no corredor. Todo esse cotidiano participa da construção identitária.

Subjetivamente, podemos citar outros elementos que ajudam na constituição da identidade: a memória é um dos pilares importante para que os indivíduos que convivem em um espaço ao mesmo tempo se vejam como singulares e coletivos.

Ter vivido uma mesma situação no passado (quem sabe a comemoração de uma Copa do Mundo...), conhecido as mesmas pessoas (aquele vizinho chato...), ter compartilhado dramas economicamente iguais (como não se lembrar do Plano Collor...?), tudo isso contribui para que uma comunidade, na experiência, consolide uma união mesmo que momentânea e frágil, mas significativa no tempo da história.

Sabemos que o Cecap é um conjunto de edifícios em que moram *pessoas* e que nesses 38 anos de existência dos condomínios, cada pessoa estabeleceu uma forma de se relacionar com o local e isto é um importante fator constituinte de uma identidade. Mesmo não participando ou construindo um centro comunitário, por exemplo.

Para estudar esta relação contraditória, dois conceitos importantes emanam da questão da vida comunitária e suas várias facetas na construção da identidade dos moradores do Cecap: memória e bairro.

A relação entre *memória* e *história* é pertinente para compreender em que contexto esse estudo se insere. Para alguns autores há uma diferença marcante entre memória e história na

qual a primeira se refere a uma vivência de grupo em que os sentimentos e as experiências de cada um são lembrados e reelaborados conforme as necessidades do contemporâneo e a segunda se refere ao momento que essa memória deixa de ser pessoal e afetiva e é refeita de forma escrita e impessoal. A convergência das duas, a partir do século XX permitiu à História a renovação de seus objetos de estudos, tendo como centro a vivência dos indivíduos na conformação da memória coletiva. Tanto como fonte quanto como fenômenos a serem observados²⁴. Enfim,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p.9).

As mudanças contemporâneas, as necessidades do moderno e a efemeridade do presente são questões de efeito notável na memória social. É comum a sensação de que os anos, depois de um tempo, começam a passar com outra velocidade. Às vezes mais rápidos, às vezes mais lentos. Essa noção está diretamente ligada ao tempo das experiências individuais. As notícias e as vivências alteram a sensação de tempo para todos. Isso se torna um desafio para o estudo de grupos sociais contemporâneos, pois onde se encontra a identificação coletiva de um grupo social se não se reavivar situações de memória, como se organizou a comunidade, os encontros, as comemorações?

²⁴ A memória e a história são importantes componentes nos debates acadêmicos. Tendo como eixo principal a obra de Jacques Le Goff, *História e Memória*, mas, fundamentalmente, inspirada pela historiografia francesa, o olhar da memória como objeto de estudo, fruto de seletividade dos indivíduos, foi fonte fundamental para a renovação crítica da História, ainda hoje reverberando nos estudos contemporâneos.

Pois então,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. (NORA, 1993, p.13).

Em cada fragmento da memória, espontâneo e seletivo, ali poderemos reconstruir um itinerário que ajuda a construir a identidade do morador do Cecap, a relação com espaço, suas contradições e ambivalências. Ao trabalhar com a memória de velhos moradores de São Paulo, Ecléa Bosi indica como a oralidade é um método preciso na percepção das mudanças do espaço urbano:

Escutando muito depoimentos, nós percebemos que o bairro não é só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem a sua infância, juventude e velhice. (...) Na história de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. (BOSI, 2003, p.73)

O sentido de re-lembrar ou re-memorar ajuda na reconstrução do movimento da história na sua singularidade e especificidade. Não falamos apenas de mobilizações políticas, mas também de festas, daqueles momentos que ficaram guardados numa das grandes gavetas que compõem a nossa memória e que é reavivada de repente numa conversa e isto é re-significado para quem participou daquele acontecimento, o

sentido de identidade e comunidade, que muitas vezes estava esquecido em algum lugar.

Partindo da contribuição de Michel de Certeau acerca do conceito de bairro, podemos fazer a seguinte reflexão: o bairro é uma forma intermediária de relação entre o indivíduo e a sua cidade. Ele se relaciona primeiro com aquilo que lhe é próximo. Os problemas das cidades aparentam para ele de maior significado quando acontecem na esquina da sua casa. Por exemplo, um vazamento de água ou a falta de energia tem impactos diferentes nos sentidos e na forma de como enxergá-lo se isso acontece no apartamento do Cecap e numa casa em Bonsucesso.

Além da distância, o dito popular: “pimenta nos olhos dos outros é refresco” combina perfeitamente com a sensação de que se faltar luz em Bonsucesso, o morador do Cecap não estará muito preocupado. Porém, se o seu vizinho teve algum problema no trânsito da cidade, isto chegará aos seus ouvidos no futebol, no jogo de tênis ou na cerveja do fim de semana. São estes elementos, os mais simples que corroboram para o fator bairro na construção da identidade e a sua mediação entre o indivíduo e a cidade, pois

diante do conjunto da cidade, atravancado por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego: [...] O bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer uma apropriação. (CERTEAU, 2009, p.42).

A conveniência trouxe para a vida coletiva a noção de benefícios simbólicos próprios, no sentido de gerar um

“contrato social” em que torna possível a vida cotidiana. Na história, esse “contrato social” é renovado dia a dia pelas pessoas, reafirmando o sentido de pertencimento ao coletivo.

A combinação de elementos cotidianos concretos ou ideológicos práticos gera uma identidade que revela ao indivíduo seu papel nas relações sociais. Esse conjunto de elementos forma a “prática cultural”. Assim, o bairro é o ambiente social no qual o indivíduo se sente reconhecido. Isso implica uma parcela tanto do espaço público anônimo, assim como no qual controla, o espaço privado.

Finalmente, o bairro é significado a cada experiência individual ou coletiva que funcionam como “tijolos” que edificam o seu sentido de existir e ser. As narrativas ao serem reveladas, ajudam a cimentar o elo identitário dos indivíduos com esse espaço. Sua percepção, conforme Ecléa Bosi.

O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco que nos trás um sentido de identidade. É um lugar nosso, e um lugar nosso deve ter, como ensina a Psicologia da Gestal, fechamento e proximidade de elementos. (BOSI, 2003, p.75)

“O Conselho Comunitário era o Corpo de Pessoas”

O Centro Comunitário (ou o Clube) representa um avanço na forma de se organizar o local para entretenimento dos moradores do Parque Cecap. Para além, o Centro Comunitário, no nosso entendimento, simboliza um espaço privilegiado de memórias sobre o viver no Cecap.

Além de localizado no acesso aos condomínios, ele representou uma importante página na vida em comunidade do Cecap: foi lá que se organizou o Conselho Comunitário; era ali

que se organizavam os muitos departamentos do próprio conselho; era ali que se organizavam campeonatos de futebol, carteados e outras atividades esportivas; era ali também que se realizaram muitos eventos públicos, como bailes, carnavais e concursos de dança.

Enfim, sem desprezar outros espaços de sociabilidade e não estabelecendo uma ordem de determinismos, podemos afirmar que para o Cecap, o Centro Comunitário constituiu um espaço decisivo na construção de uma identidade comunitária dos moradores.

Como qualquer espaço político de relação entre pessoas e representação, o Centro Comunitário não foi dado de “mão beijada”, mas resultado da insistência de alguns moradores e da relação contraditória entre poder público e condôminos, ou precisamente, a falta de tudo em um conjunto em que se prometia tudo. Porém, aqui devemos fazer uma importante mediação e esclarecimento: uma coisa foi o Centro Comunitário, espaço social, e outra foi o Conselho Comunitário, espaço de representação.

No processo de conquista, interação, busca de melhorias, o Centro Comunitário foi se construindo, agregando participações e contribuições. Das memórias dos seus conselheiros, de alguns documentos e de moradores, observamos a importância do Centro Comunitário na construção da identidade dos moradores que faziam do Cecap seu espaço de sociabilidade.

Será que o Centro Comunitário era previsto no projeto original? Será que tinha alguma informação ou prospecto do Centro? Quando perguntado sobre isso, Valdir Carleto, membro do Conselho Comunitário e importante figura nas relações de comunicação, à frente do departamento de jornalismo,

respondeu: “apenas sobre o clube.”²⁵

A diferença entre clube e centro não parecem tão significativas, mas devemos olhar sobre um prisma importante: Um clube como espaço de lazer e recreação para os moradores era previsto, como inclusive se tornaria comum nos futuros condomínios. A novidade é a participação dos moradores em Conselho, responsável pela gestão do Clube.

O Conselho Comunitário era a forma de organização dos moradores do Cecap para que se regulasse a atividade comunitária, tendo o Centro Comunitário como o principal equipamento para tal objetivo. Segundo um morador que participou da fundação do Conselho Comunitário, “o Centro Comunitário era o local e o Conselho Comunitário, era o corpo de pessoas que iria gerenciar aquele local.”²⁶

Fundado em 05 de novembro de 1977, o Conselho teria como primeiro presidente Dalvio de Oliveira, que escrevia a coluna “Sete dias no parque” no jornal *Folha Metropolitana*, dedicada a cobrir o Cecap. O Conselho Comunitário era formado pelos conselheiros deliberativos eleitos pelos condôminos e que elegiam a mesa diretora que teria um mandato de dois anos. O principal objetivo do Conselho Comunitário era dar representatividade aos moradores do Cecap. Conforme um dos depoentes, “o Conselho Comunitário surgiu como uma entidade representativa dos moradores, uma Sociedade Amigos de Bairro mesmo, fundamentalmente e

²⁵ É interessante observar no projeto inicial do condomínio aquilo que estava previsto. Segundo o processo nº. 7332/70, ofício 301/1968: “Construção de conjunto habitacional de 10440 apartamentos, compreendendo ainda unidades escolares de ensino primário, secundário e médio, hospital, centro de saúde, dispensário de lepra e tuberculose, ambulatório, posto de puericultura, estádio, cinema, hotel, teatro, igreja, clube e entreposto de abastecimento”. Portanto, nada de Conselho Comunitário.

²⁶ Vide Parte 3 - **Memória de Moradores**.

reivindicação.”²⁷

O Conselho logrou certa autonomia e, conforme o contato com as matérias do departamento de jornalismo, pode-se notar que essa representação era reforçada com o convite aos moradores para tomarem parte dos departamentos. Conforme o boletim *Comunicação* do Conselho Comunitário de Agosto de 1978:

A participação dos moradores se faz através de uma filiação, que consiste em modesta contribuição mensal. Pode-se além, disso participar, fazendo parte de um dos vários departamentos que compõem a Diretoria Executiva: Esportes, Segurança, Manutenção, Promoção, Jornalismo, Relações Públicas e Assistência Social. (CONSELHO COMUNITÁRIO, 1978)

O embrião da representatividade do Conselho Comunitário foram os conselhos consultivos: representantes de cada bloco de condomínio eleito pelo voto dos moradores. No depoimento de um antigo morador, o síndico fazia essa mediação entre as queixas dos condôminos e a administradora, responsável pelo condomínio. Havia reuniões regulares dos conselheiros consultivos, que eram no total oito efetivos, oito suplentes, mais o nono conselheiro, para dar o desempate, e a relação era direta.

As dificuldades corriqueiras, a falta de estrutura, fortaleciam a organização e a mobilização, mas isso até um determinado momento. Cada pessoa estabelece uma relação com o Cecap e a participação no Conselho Comunitário era uma delas.

O Conselho Comunitário será o passo seguinte dessa organização, pois segundo um dos fundadores do Conselho

²⁷ Idem.

Comunitário, Valdir Carleto:

Aquilo que não era para resolver dentro do condomínio, por exemplo, linha de ônibus [...] os Conselheiros dos condomínios falavam um com o outro tal, seria bom que tivesse um conjunto de acesso, uma inter-relação, entre os condomínios para que tivesse mais força.²⁸

Quando se estabelece a primeira diretoria, procura-se a representação de todos os condomínios do momento: São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, efetivos e suplentes eleitos para o Conselho Deliberativo. Além dessa representação, outros dois representantes da Cecap.

O Conselho é estabelecido quase que autonomamente. Houve o interesse dos moradores, mas também a mediação da Cecap que inclusive pediu um anteprojeto do grupo de moradores que estavam se mobilizando para ajudar na formatação do Conselho Comunitário²⁹.

Como observado, não era previsto Conselho algum que administrasse o condomínio ou que tivesse qualquer representação de moradores. A demanda pelo Conselho Comunitário surge, espontaneamente, como necessidade dos moradores, reticentes com a demora da autarquia e da Prefeitura de Guarulhos em solucionar os problemas do bairro. A partir do

²⁸ Ibidem.

²⁹ Além da demonstração de satisfação dos conselheiros com a reunião, é interessante observar a ação da autarquia na efetivação jurídica do Conselho Comunitário. A notícia é publicada na *Folha Metropolitana* de agosto de 1977, “O diretor do DPCI (Divisão de Ação Comunitária) fez pouco uso da palavra, esclarecendo aos presentes que no futuro, terminada a tarefa da Cecap, tudo será dos moradores, fazendo-se necessário o trabalho de conscientização da vida comunitária. ‘No entanto – enfatizou – nada vem de cima e não é imperativo’. Finalizando, Luiz Henrique Pedreira solicitou que fosse entregue aos conselheiros o ante-projeto do Estatuto do Conselho Comunitário, para estudos e sugestões.”

marco institucional, o ato de se comunicar, de reivindicar e de celebrar torna-se motriz da vida comunitária.

Relembrando os tempos de dureza no início do Cecap, o primeiro presidente do Conselho Comunitário escreve no *Diário de Guarulhos* de cinco de março de 1980:

Para tudo que existe no Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, houve um árduo trabalho de reivindicação e cobrança de promessas, mas assim mesmo, tudo aquilo que foi prometido a esta comunidade, ainda não foi cumprido. Muito pouco daquilo que foi idealizado pelo arquiteto Villanova Artigas e prometido aos moradores no ato de compra foi cumprido. (OLIVEIRA, 1980).

Dalvio respondia com o artigo a ponderação de um amigo que perguntava o porquê de tantas reclamações dos moradores do Cecap, já que o bairro era dotado de tantas realizações e estrutura, como quadras, escola, posto policial, posto de saúde, etc. Foi exatamente o organizar que permitiu, na visão do presidente do Conselho Comunitário, estes ganhos ao bairro. No mesmo artigo, ele vai apontar que a grande ausência do Cecap, naquela época, era o Centro Social:

No entanto, até hoje, passados mais de 8 anos, o conjunto ainda não conta com o tão sonhado Centro Social. Teria fracassado o plano de governo ou foi mudada a filosofia? A verdade é que apenas uma parte do Centro Social está construída e a obra está relegada ao abandono há mais de um ano. (OLIVEIRA, 1980).

A coluna escrita por Dalvio de Oliveira foi um importante instrumento para dar visibilidade ao Cecap, assim como ajudar na sua organização. Como um dos primeiros a dedicar parte do seu tempo para escrever sobre o Cecap, ele registra muitos capítulos importantes. Um desses momentos é

aquele que pode ser considerado o pontapé do Conselho Comunitário.

A importante reunião entre representantes de moradores do Cecap e membros da autarquia, realizada em agosto de 1977, seria uma espécie de antecedente do próprio Conselho Comunitário. Afirmava Dalvio,

O encontro objetivou um primeiro contato da Divisão de Ação Comunitária da Cecap com as lideranças do conjunto, visando implantar o mais recente plano de ação da Cecap para o desenvolvimento comunitário nos conjuntos habitacionais por elas construídos. (OLIVEIRA, 1977).

Dela participaram os mesmos conselheiros que comporiam o primeiro corpo deliberativo do Conselho Comunitário.

Nessa mesma coluna, outras informações sobressaem: a participação de uma equipe de moradores do Cecap no campeonato de futebol de Salão promovida pela Liga local; e o “Pílulas”, notinhas rápidas que traziam os queixumes, os azedumes e os aniversariantes do mês do bairro. Era o momento da coluna em que as reivindicações eram relatadas, como por exemplo, a instalação da caixa d’água do Cecap e das redes de esgoto por parte do Saae e da Sabesp, ou os problemas da fanfarra da Escola do Parque, que segundo o texto:

Está ameaçada a não desenvolver-se porque falta dinheiro para comprar o uniforme para os alunos integrantes. Os pais, na maioria, não podem arcar com as despesas porque o ‘mar não está para peixe’. (OLIVEIRA, 1977).

A coluna escrita por Dalvio de Oliveira logo foi seguida por outras. A mais significativa foi a coluna produzida pelo

departamento de comunicação do Conselho Comunitário e que irá passar por várias reformulações e mudanças de nome³⁰. O mesmo departamento terá a preocupação de fazer menções nos vários impressos de Guarulhos no final da década de 1970 e início de 1980. Essa necessidade da comunicação é outro dado importante do Conselho Comunitário: o convite à participação.

Num dos primeiros boletins do Conselho Comunitário, forma de comunicação direta e produzida dentro do grupo, havia um chamado à participação dos moradores:

O Centro Comunitário é administrado pelo Conselho Comunitário, eleito pelos moradores. Tem por finalidade proporcionar à nossa população, atividades sócio-culturais e esportivas, além de pleitear junto às autoridades, melhoramentos necessários a nossa comunidade. (CONSELHO COMUNITÁRIO, 1978).

Estava exposto claramente o conselho como administrador do centro comunitário. A visão sobre uma única comunidade já permeia o tratamento dado pelo Conselho Comunitário e a relação com os moradores do nascedouro bairro. Enfim, o trinômio “atividades culturais, - esportivas – reivindicação” nortearia o incentivo e o convite à participação dos moradores.

Vale mencionar que o mesmo texto já fazia referência às futuras instalações do Centro Comunitário, como: o funcionamento do campo de futebol, de três quadras e da sede provisória; as obras de construção do Centro Comunitário, com

³⁰ O “Cantinho do Centro Comunitário” era publicado nos jornais da cidade, o nome utilizado pela coluna era modificado constantemente, revelando, talvez, uma estratégia da própria direção do Conselho Comunitário de torná-la mais próxima dos moradores do Cecap: os pronomes “seu” e “nosso” são exemplos dessa mudança. Um outro detalhe é que a coluna era publicada com o mesmo nome e na mesma época, por jornais diferentes.

todos os equipamentos. E tudo isso, somado às palavras do governador Paulo Egídio Martins, “ficarão prontas em minha administração”. Dois anos depois, Dalvio de Oliveira denunciaria o descaso do governo estadual na sua coluna.

Segundo relatos, qualquer possibilidade de comunicar às pessoas o que estava acontecendo era válida, até uma cópia deixada na porta dos condomínios, com a notícia dos aniversariantes do mês ou dos eventos no bairro. Outra forma de comunicar o que estava acontecendo no Conjunto eram as notinhas enviadas às redações de jornais da cidade, mesmo aqueles em que o conjunto não possuía coluna fixa do jornal.

As notícias relacionadas ao Cecap merecem uma reflexão à parte. São várias as colunas que noticiavam o bairro. A primeira foi a coluna escrita por Dalvio de Oliveira na *Folha Metropolitana*, conhecida como “Sete dias no Parque”, no início da década de 1970. Essa mesma coluna é levada para o *Diário de Guarulhos*, posteriormente. A *Folha Metropolitana* passa a ter, então, uma coluna chamada “Notícias do Cecap” que incorpora os informes do Conselho Comunitário no final dos anos 1970 e começo dos 1980. Finalmente, o jornal *Olho Vivo* nascido em 1981, cujo embrião foi os boletins do Conselho Comunitário, estabelece uma forte identificação no bairro.

Enfim, o Parque Cecap sempre foi importante objeto de publicação e informação na imprensa guarulhense. Uma hipótese viável para esse caráter particular é o paradigma de bairro planejado e, ao mesmo tempo, caldeirão cultural de vivências que potencializaram consciência comunitária e política.

Compreendemos as notícias recortadas para esse trabalho, como retrato de uma determinada realidade, reflexo de algumas condições enfrentadas pelos moradores do condomínio: falta de pavimentação, ausência de posto de saúde,

falta de água e esgoto, problemas de segurança, ausência de comércio, abastecimento etc. Nesse sentido, o que perpassa de modo ainda mais forte nos recortes é a reivindicação e a queixa dos moradores. O reivindicar se torna, além de um ato político por si, uma forma de sociabilidade na vida dos moradores do Cecap.

O Conselho Comunitário encarnava este espírito de mudança. Em edição do *POP News* de 1978, era produzido um comunicado em que se afirmava:

O Centro Comunitário tem mantido contato com os poderes públicos, procurando obter melhoramentos para o Parque Cecap, alguns já atendidos, como por exemplo: Sinalização das ruas internas com placas limitando a velocidade dos veículos, colocação de um guarda junto ao farol da Av. Monteiro Lobato para travessia de pedestres; novas caixas coletoras de lixo, muito mais práticas e higiênicas. (CENTRO COMUNITÁRIO, 1978b).

Ao olhar esses recortes, entendemos como a comunicação foi importante na significação social do bairro, contribuindo para a construção da identidade. É a vida do povo que se intromete nas colunas sobre o cotidiano do Cecap, suas dificuldades e seus desejos. É com o meu vizinho que discutirei os problemas do meu condomínio. É assim que o Cecap se faz.

Era necessário divulgar o Cecap; era necessário apresentar o Conselho Comunitário; e como resultante dessas necessidades, o cotidiano das pessoas está ali representado. Fragmentos de uma realidade que ajudam a construir uma memória sobre o Cecap, sobre as pessoas que moraram, ou moram, nestas quadras. Hábitos e costumes. Vida que escorre pelas paredes frias dos edifícios e ganha novo sentido ao ser revisitada.

A Novela da Construção do Centro Comunitário

Talvez entre tantas notícias e inferências sobre o Cecap, a implantação do Centro Comunitário seja a que mais nos chama a atenção porque envolve muito “diz-que-me-diz”, avanços e recuos por parte da autarquia e uma intensa mobilização dos membros do recém-fundado Conselho Comunitário.

O primeiro Centro Comunitário, entendido como espaço de convivência dos moradores, foi o campo do atual “Panela de Pressão”, ou Praça José Augusto Mattos, perto do atual Varejão do Cecap. Na casa que seria modelo para empreendimentos da Cecap no interior ocorriam as primeiras reuniões do Conselho.

Havia um campo de futebol, um espaço de convivência e três quadras, entregues pela autarquia, mas o que ressoava era a promessa do Centro Social de que congregaria todas as atividades num único espaço. E o jornal era um instrumento para a pressão.

Em novembro de 1977, além da notícia de fundação do Conselho Comunitário com sua primeira diretoria empossada, era noticiada a verba de construção do Centro Comunitário a partir de convênio com a Secretaria de Promoção Social no valor de 10 milhões de cruzeiros.

Em uma coluna no mês de setembro de 1977, Dalvio de Oliveira noticia a reunião entre representantes de moradores dos condomínios SP, PR, SC e RJ, com os da autarquia, na qual: “Esclareceu Luiz Henrique Pereira que até o fim desse ano, terão início as obras do Centro Comunitário que consiste em piscinas, campo de futebol, teatro e igreja ecumênica.”. Luiz

Henrique era o chefe da Divisão de Ação Comunitária da Cecap em que se discutiu o anteprojeto do Conselho. Nessa mesma reunião, o Centro também era pautado pela Cecap e cobrado pelos representantes de moradores. Transcorrido pouco mais de três meses, as obras do Centro Comunitário se iniciam.

Após o início das obras, a fiscalização estaria presente nas colunas do jornal. Em 14 de Julho de 1979, a sessão “Cantinho do nosso Centro Comunitário” da *Folha Metropolitana* apresentaria uma série de dúvidas sobre a obra em andamento: não havia sido formalizada a data para entrega oficial, não havia sido realizada a ligação de água e de energia elétrica, a área ao redor dos condomínios ainda não havia sido urbanizada e cogitava-se que a autarquia entregaria a obra incompleta. Ao fim, a coluna faria cobrança para que:

A Cecap entregue as instalações devidamente prontas e a comunidade do Parque Cecap tudo fará para conservá-las e aprimorá-las e assim, engrandecer cada vez mais o nome do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, cujo cartão de visita pode e deve ser o Centro Comunitário. (CENTRO, 1979).

As obras foram iniciadas em fins de 1978 e acompanhadas com muito empenho por parte dos moradores durante o ano de 1979. Mas nem tinha acabado o ano de 1979 e metade da obra foi abandonada, sendo que a outra metade nem havia sido iniciada. Coube a Dalvio de Oliveira, novamente fazer o alerta em 05 de Março de 1980 e, em tom de cobrança, responsabilizar diretamente o governo de São Paulo. Depois de exemplificar com o caso das piscinas, que eram poucas para o conjunto de moradores e que poderiam ser usadas inclusive por todos os guarulhenses, dizia ele,

No passado foi possível contar com o entusiasmo dos governadores Laudo Natel e Paulo Egydio que em

diversas oportunidades visitaram o conjunto e ouviram as reivindicações dos moradores. Mas do Sr. Paulo Maluf, creio que não se pode esperar nada. (OLIVEIRA, 1980)

Finalmente, em 1981 o prédio seria entregue daquele jeito mesmo: incompleto, com o ginásio cercado por mato, pelo aparente descaso do poder público. Só mais tarde, com empenho do Conselho Comunitário e com a ação do CDH (Companhia de Desenvolvimento Habitacional), sobre o comando do governo de Franco Montoro (1982-1986), o Centro Comunitário adquiriria a sua feição atual, com ginásio de esportes, quadras, piscinas e área de eventos que registraria importantes momentos da história dos moradores.

“Nós Aprendemos a Reclamar!”

No quesito reclamação, os moradores do Cecap aprenderam cedo a apresentar suas queixas e a reivindicar melhorias para o bairro que nascia. Com uma vista sobre alguns depoimentos pode se perceber as grandes dificuldades dos moradores.

O local escolhido pela Cecap para as futuras instalações dos prédios precisou ser inteiramente aterrado. Segundo o Francisco Marinho:

Antes aqui havia muita atividade hortifrutigranjeira e esse solo teve que ser substituído. Então foram trocadas camadas de dois, três metros de solo. Era tudo alagadiço e as moradias que existiam eram moradias precárias dos próprios lavradores que trabalhavam aqui³¹

A proximidade com o Rio Baquirivu e com o Tietê fazia

³¹ Vide Parte 3 - **Memória de Moradores**.

da região uma enorme várzea com cheias. Além disso, o próprio curso do rio Baquirivu precisou ser mudado três vezes.

Alguns moradores que chegaram a visitar o primeiro prédio da Cécap ainda em Construção têm bem viva a primeira impressão de quando chegaram à região:

Quando estavam fazendo a inscrição, aqui era só barro. O taxista parou lá em cima onde era a Igreja de São Roque e disse que não descia mais porque era muito barro. Então veio eu e o meu marido andando no meio do barro.³²

A partir da instalação dos prédios do condomínio São Paulo, e com apenas a Dutra como via de acesso de quem vinha de São Paulo, chegaram os primeiros moradores em 1972. As dificuldades se iniciaram.

Apesar de ser uma das mais importantes cidades do estado, em 1972, Guarulhos ainda estava muito longe do colosso que se tornaria a partir dos anos 1980, com o Aeroporto e as migrações em torno do crescimento industrial. Esse processo ainda estava nos seus primeiros passos. Guarulhos possuía em torno de 240.000 habitantes, concentrados na Região Central, Vila Galvão e Pimentas. Uma cidade ainda com uma série de dificuldades estruturais que se refletiam na vida dos recém-chegados à região de São Roque.

Uma das primeiras queixas que se apresentam nas memórias dos moradores era a falta de armazéns ou comércio que pudessem suprir as necessidades diárias. Nesses relatos, de forma sucessiva aparecem as barracas do pão, do leite, das frutas, além de armazéns que ficavam mais distantes, mas não deixavam de ser visitados pelas donas de casa.

³² Idem.

Outra dificuldade eram os preços praticados por esse comércio ambulante. Segundo um morador, “quem quisesse comprar uma caixa de fósforos tinha de ir ao centro de Guarulhos. Algumas Kombis aventuravam-se até o conjunto, vendendo as coisas pelo preço que queriam.” (OLIVEIRA, 1980).

A inauguração do Centro Comercial foi comemorada pelos condôminos, pois poderiam finalmente contar com comércio próximo, solucionando os problemas de abastecimento da região.

A questão do transporte era outro problema muito grande para os moradores. Como a maioria não trabalhava em Guarulhos, chegar a São Paulo era necessariamente uma missão diária. Poucas linhas de ônibus faziam o trajeto Guarulhos-São Paulo e no início, o único caminho possível era atravessar o lamaçal que se tornara a construção do Cecap nas proximidades do Santa Catarina para se chegar até a Dutra. Segundo relato de morador no periódico Diário de Guarulhos no início da década de 1980,

Isso aqui era um lugar totalmente isolado, sem nada mesmo. Os primeiros moradores tinham que utilizar os ônibus de Moji e da Danúbio Azul, que circulavam pela Dutra para irem ao trabalho, pois não havia condução aqui. (OLIVEIRA, 1980).

Outra moradora traz mais este interessante relato:

Quando nos mudamos para cá era muito longe de onde eu trabalhava na Água Branca. A gente tinha que trabalhar, eu e o meu marido porque ele era bancário. Então a gente ia pela Dutra esperar o ônibus para levar até o serviço, mas quando chovia era terrível, era uma barreira para a gente atravessar. Aqui era tudo barro porque aqui foi aterrado parece que era tudo lagoa. Este

condomínio, como foi o primeiro a ser feito, ali o Santa Catarina era todo cercado com madeira porque eles também iam iniciar e tinha que passar do lado ali das madeiras do mato, barro.³³

Em consulta a arquivos antigos da Prefeitura de Guarulhos, a questão do transporte é uma das que mais são cobradas pelos moradores. A maioria dos ofícios encaminhados à Prefeitura sobre o transporte era pedindo instalação de linha, realocação das existentes e, finalmente, a instalação de um Terminal Urbano. Pouco a pouco, a questão foi solucionada com a organização de uma primeira linha que saía atrás do condomínio São Paulo; posteriormente, com a inauguração do Centro Comercial, os ônibus faziam sua parada em um local próximo à agência da Caixa Estadual.

No início, as queixas eram apenas sintomáticas, como qualquer condomínio recém-inaugurado em que muitas coisas vão sendo percebidas de fato quando se mora e se convive. Com a organização dos informativos do Conselho Comunitário, as reclamações dos moradores puderam ter outra visibilidade.

Com o crescimento do Cecap, o trânsito também se torna um problema no bairro. O “Cantinho do Seu Centro Comunitário” externaria essa preocupação após a morte de um morador do Santa Catarina - atropelado por um caminhão de entregas de eletrodoméstico quando esse era manobrado:

É muito grande o tráfego de veículos dentro do Parque Cecap, principalmente na saída para a avenida Monteiro Lobato [...] O Centro Comunitário pediu ao Destacamento de Trânsito de Guarulhos, para que se faça um estudo para que seja adotada outra saída. (FOLHA METROPOLITANA, 1978).

³³ Ibidem.

A organização do Conselho Comunitário privilegiava os reclames, os informes e as providências. Havia um departamento chamado Relações Públicas, em que se privilegiavam os contatos institucionais com o poder público. Invariavelmente, secretários, prefeitos e governadores eram recebidos ou recebiam representantes do Conselho Comunitário, que falava pela comunidade, concordando ou não.

Também, não era sem razão que a cada fechamento da coluna “Cantinho do seu Centro Comunitário”, invariavelmente vinha o convite a utilizar o espaço: “reclamações e sugestões encaminha carta ao Centro Comunitário” ou “divulgue esta coluna entre seus vizinhos e amigos” ou “ela é porta-voz dos moradores do Cecap”.

Essa ação do Conselho Comunitário de fato motivou a resolução de muitas dificuldades pontuais, sentidas pelos moradores no seu dia a dia. Mas não era porta-voz, tampouco o único foco das reivindicações.

Nos arquivos da Prefeitura, observamos muitos ofícios solicitando providência ao poder público em relação ao trânsito; comércio irregular; cessão de espaço comercial; ampliação da linha de ônibus; e sinalização. Situação que vai se avolumando partir da segunda metade da década de 1970, com a inauguração de novos condomínios e o crescimento da cidade de Guarulhos.

Não há apenas Conselho Comunitário como sujeito nessa relação com o poder público: aparecem moradores, vereadores, comerciantes, indústrias, escolas, enfim, atores cuja ação era apenas demonstrar uma insatisfação ou fazer um pedido a prefeitura.

Com a chegada dos anos 1980, a situação anterior se aprofunda. O Centro Comunitário vai adquirindo mais centralidade como espaço de recreação, esportes e eventos,

enquanto as características de representação do Conselho Comunitário para a resolução dos problemas perdem fôlego em meio à diversidade de demandas e à ação de novos agentes.

A Lembrança da Infância é o Único Sonho Real

Criar uma criança no Cecap não foi uma tarefa muito simples. No começo dos condomínios, havia muita dificuldade quanto ao que a criança poderia fazer no bairro. Onde estudar, brincar, correr, jogar futebol etc., enfim, existia uma preocupação no Cecap sobre qual era o espaço dedicado às crianças.

Foram deixados muitos registros sobre a experiência infantil nesses 38 anos de Cecap. Algumas delas muito significativas para a construção da identidade, pois para quem cresceu no Cecap o “viver criança” permitiu experiências que ainda estão presentes no imaginário coletivo.

Com a inauguração do condomínio São Paulo, não havia muito espaço para as crianças, a não ser o próprio vão dos prédios. Não faltava criatividade para a molecada na hora de brincar. Um banco de areia, um rio perto, mato fechado, na ausência de equipamentos específicos, a criançada criava maneiras de se divertir. Uma moradora que passou sua infância nesse espaço relata:

As lembranças de infância são das brincadeiras, da infância de brincar lá embaixo. Brincava de tudo, de mãe da mula, de esconde-esconde. Era ótimo, porque tinha as “comgases” e os pilares e a gente aproveitava pra se esconder, brincava de elástico. Lembra da brincadeira de pular o elástico? O quê que a gente usava? Os pilares daqui da escada! Então a gente punha e não precisava nenhuma menina ficar segurando, era a gente mesmo

que pulava todo mundo junto, porque já tinha o pilar do apartamento.³⁴

A falta de escolas era outro problema. As escolas mais próximas ficavam na Vila Barros ou no Macedo. Não havia escola infantil ou creche para as mães trabalhadoras.

Para completar, os arredores possuíam muito risco para as crianças: em 1972, as obras dos condomínios Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul ainda não estavam completas ou com moradores. Então sobrava muito espaço livre, porém nenhum tipo de infraestrutura, além dos riscos comuns de uma construção de grande porte. Por exemplo, as madeiras que rodeavam a construção do Santa Catarina e que obrigavam os moradores do São Paulo a adentrar o mato para chegar até a Dutra, pisando em lama e barro. Para as crianças, restavam o descampado do outro lado da Monteiro Lobato ou o próprio rio Baquirivu. “Neste rio aqui, as crianças saíam do condomínio e iam nadar neste rio, no Baquirivu e era sujo, os vizinhos ficavam atentos porque os maiores iam lá nadar neste rio”, diz uma moradora.

Em 1976, a parte do projeto previsto para a Freguesia F, que englobava o São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, já estava completa com o Centro Comercial, com a Escola de Primeiro Grau, Francisco Antunes, que ficaria conhecida como “Chicão”, além do campo e das quadras de futebol. Entre o Rio Grande do Sul e o Santa Catarina, seria fixado um gramado enorme que seria o local preferido da criançada, conforme uma antiga moradora:

Quando era final de semana a gente pegava as crianças e levava com a bola, para eles brincarem um pouco ali no gramado. Aqui não era cercado, então a gente tinha que

³⁴ Ibidem.

ficar atentos com as crianças e tinha que ir num lugar onde eles pudessem brincar e correr sem perigo.³⁵

Com a escola, a vida infantil ganhou um forte impulso. A concentração de crianças e proliferação de gramados para o futebol, dava força à vida comunitária do Cecap, que estreitava laços. Neste momento, o uso do espaço público ganhou uma dimensão simbólica importante: as mães com os filhos passam a ocupá-lo, como se segue:

Quando tinha aniversário também, depois começaram a mudar crianças para o prédio e era aquela festa. Festas Juninas, também tinha uma moradora do bloco três que ensaiava as crianças para a quadrilha e tinha uma participação geral, era uma farra, uma verdadeira união³⁶

Importante experiência na vida dos moradores do Cecap foi o “Trenzinho” que ficava localizado entre os condomínios Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cedido pelo mercado Morita, que realizava uma promoção para quem comprava no estabelecimento. Os pais faziam compras e os filhos se divertiam no trenzinho que durou apenas alguns meses, mas ficou registrado nas memórias e na iconografia levantada.

O local também foi palco de outra tentativa de recreação comunitária para as crianças. Alguns moradores, membros do Conselho Comunitário, organizavam o que ficou conhecido como “Pintando o sete”. Esse evento realizado aos domingos consistia em fazer no espaço da praça atividades de desenho e pintura com as crianças. Os materiais eram conseguidos através de doações e os “monitores” eram os próprios moradores.

Finalmente, neste espaço seria construído o Parque Infantil em 1981, resultado da insistência dos moradores e da

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

cobrança do Conselho Comunitário. As imagens antigas do parque em um dia concorrido dizem muito sobre o que ele representou para a vida comunitária: espaço ocupado por crianças e adultos. O mesmo parque, devido à falta de manutenção do poder público, seria completamente desmantelado, sobrevivendo apenas nas imagens e nas memórias dos moradores.

A Educação e o Clube de Mães³⁷

Pensar a Educação nos anos 1970 e início dos 1980 é algo complexo, já que as concepções educacionais são bem diferentes das que temos hoje. Por exemplo, o oferecimento do antigo pré-primário em instituições públicas como dever do Estado só irá aparecer na Constituição de 1988.

As creches eram responsabilidade da Secretaria de Assistência Social e não da Educação, por isso, difíceis de conseguir. Somente em 1988, com a Constituição, esse problema começa a ser superado. Com a nova lei, os Estados e Municípios em regime de cooperação devem garantir a escolaridade das

³⁷ O Clube de Mães nasceu na Califórnia (Estados Unidos) por volta de 1961. Pode-se dizer que o principal objetivo do Mother's Club era contribuir para a melhoria das condições de vida de crianças, jovens e adultos em vulnerabilidade e risco social. A missão era, portanto, fortalecer o conteúdo escolar dessas comunidades visando à criação de mecanismos para a superação da pobreza. Por meio da criação de atividades e de programas educacionais, o Clube de Mães tinha o objetivo de: promover o fortalecimento da relação mãe e filho, encorajá-los a ajuda mútua em comunidade através de ações sócio educativas e incentivar laços intracomunitários de solidariedade e redes de serviços sociais. Uma das principais características metodológicas dessa organização era de prover o desenvolvimento da educação infantil através também da própria melhoria do nível educacional das mães. Talvez, por isso que, até hoje, o Clube de Mães buscou intervir em frentes que vão desde a criação de pré-escolas para as crianças até a abertura de cursos de capacitação profissional para as mães.

crianças de zero a seis anos, só então essa etapa da educação infantil passa a ser considerada como parte do ensino básico.

Esse dado é importante para compreendermos porque as creches sempre foram pauta de reivindicação nos movimentos de mulheres. Ora, não ter onde deixar os filhos pequenos é um dos principais fatores que impedem a mulher de trabalhar ou exercer outras atividades que não sejam os papéis de mãe e dona de casa. No Cecap, esse contexto não era diferente.

Muitos moradores afirmam, nos depoimentos colhidos, que no início a maior parte das famílias era jovens casais, com filhos pequenos ou mulheres ainda grávidas. Os maridos é certo que trabalhavam fora, em São Paulo capital ou em trânsito, mas e as mulheres?

Assim, a questão da educação sempre foi uma importante reivindicação dos moradores do Cecap, principalmente das mães. O compromisso original do projeto era dotar os condomínios de escolas para os filhos dos moradores. Escolas para todas as faixas etárias. O cumprimento dessa obrigação constitucional teve alguns percalços quando da estruturação do Cecap e exigiu um acompanhamento dos pais e a cobrança para que o estado e o município pudessem mobilizar recursos para esse fim. Na falta, algumas improvisações tomaram corpo.

Uma das mais interessantes foi a escolinha que funcionava num dos apartamentos do condomínio Paraná, nos anos 1970. Com muitos apartamentos ainda vazios, não foi coincidência que uma família de professores criasse uma escola que ficasse com as crianças durante o dia. Uma mãe daquela época é quem traz o seguinte relato:

Os moradores ali do condomínio Paraná que eram

professoras resolveram alugar apartamentos para dar aula, então tinha uma moradora que ficava com as crianças do “prézinho”, o Alessandro iniciou lá com dois anos e meio, e uma delas ficavam com os menorzinhos e a outra ficava com os “maiorzinhos”. Isto dentro do apartamento que elas cuidavam, (...) era tudo muito organizado³⁸

Entretanto, um apartamento não era suficiente para atender toda a demanda de crianças do Cecap e não ter onde deixar os filhos pequenos ainda era um problema. Começam a surgir, então, as discussões para a abertura do Clube de Mães.

Após histórico de reivindicações das mães, as inutilizadas salas da então Secretaria de Promoção Social, no Centro Comunitário, passaram a ser usadas como sala de aula para crianças com idade entre três e cinco anos e meio. Era o início do Clube de Mães. A reunião de fundação contou com a presença de cerca de 300 mães que, além de oficializar a abertura da escola, elegeram a Diretoria e o Conselho Fiscal. Nessa reunião também se decidiu qual a melhor forma de manter o Clube.

Uma das premissas do Clube no início era não ter fins lucrativos, de forma que todos eram voluntários. Para arrecadar fundos que permitissem a manutenção do espaço, as mães envolvidas organizavam festas, chás, almoços e jantares cuja arrecadação era revertida para melhoria da escola. A Prefeitura cedia as professoras e a merendeira. Os demais, da Diretoria aos funcionários, eram todos voluntários, evidenciando o caráter comunitário da iniciativa:

Nós fazíamos festa, fazíamos Festa Junina e os bancos, móveis, tudo nós conseguíamos de doação de

³⁸ Ibidem

empresários. Pintura foram os próprios pais que fizeram, os bancos foram os próprios pais que fizeram, iam lá no final de semana os pais, pegavam as ferramentas e faziam os bancos para as crianças sentarem. Tudo foi construído a partir da comunidade e doação, não havia dinheiro em jogo entre os associados, não tinha isso.³⁹

O público alvo do Clube de Mães não eram apenas crianças. Muitas mulheres não trabalhavam naquela época e sofriam de perto com a falta de estrutura do ainda em construção Parque Cecap. Dessa forma, também eram oferecidas atividades para as mães:

Era um espaço que as mulheres e a comunidade poderiam utilizar. O espaço deveria atender mais às mulheres especificamente pelo fato de ser uma necessidade delas como donas de casa de ter atividades, de fazer inclusive cursos pra gerar renda, a gente fazia isso lá, muitas não tinham formação. Tinha coisas para os jovens e para as crianças também. Coisas para os jovens e crianças para que as mães deixassem seus filhos e elas tivessem as suas próprias atividades.⁴⁰

Assim, o Clube de Mães não se restringiu apenas a abertura de uma creche. Além do aspecto educacional para crianças e jovens, há uma preocupação evidente em refletir sobre o papel da mulher na sociedade. Seja com cursos ou palestras, o Clube de Mães representou um movimento que permitiu à mulher uma vida realmente participativa na comunidade, além de atuar no desenvolvimento profissional das mães, tirando-as do ambiente apenas doméstico para inseri-las como sujeitos sociais ativos.

Em 2010, após 29 anos de atividade, o Clube de Mães

³⁹ Ibidem

⁴⁰ Ibidem

fecha suas portas. Ao que se sabe, houve uma denúncia sobre o caráter particular que a escola teria assumido com a cobrança das mensalidades. Por estar num terreno estadual, a instituição não poderia ter fins lucrativos, por isso o fechamento.

Os moradores que presenciaram anos de atividade do Clube de Mães, receberam o fechamento com pesar. Sobraram os vínculos de amizades, as lembranças das festas e a certeza da importância daquela ação na formação de mães e das crianças que ali passaram.

Na modalidade seguinte, do Ensino Fundamental, o Cecap pôde contar a partir de 1977 com a Escola de Primeiro Grau do Bairro de São Roque. Construída atrás do condomínio Rio Grande do Sul, ganha o nome de Francisco Antunes Filho, morador do Cecap e conselheiro consultivo do condomínio São Paulo. Essa escola tem uma grande representação na memória dos moradores, não apenas dos que trabalharam lá, mas também dos filhos que lá estudavam.

Por estar localizada dentro do Cecap e receber a maioria de alunos do bairro, o “Chicão” foi importante espaço de socialização entre as crianças e jovens. Eram muitos os eventos patrocinados em parceria entre escola e Conselho Comunitário, como plantação de mudas, hortas comunitárias, festas cívicas etc. Conforme uma depoente:

A escola, eu estudei no Francisco Antunes Filho, que faz parte do Cecap. Também tinha as paradas de Sete de Setembro, fazia pelas ruas. Meu pai era fotógrafo profissional, então a gente tem muita recordação disso, porque o meu pai fotografou bastante esses eventos.⁴¹

Há ainda outra especificidade: muitos dos professores também moravam nos prédios, o que criou uma relação entre

⁴¹ Ibidem

aluno-professor não vista comumente nas escolas. Além dos amigos, os alunos tinham professores e funcionários como vizinhos, conheciam as famílias e se conhecem até hoje. Não foi sem razão que alguns nomes de rua foram homenagem a professores do Francisco Antunes Filho⁴².

Porém, essa configuração comunitária irá se modificar ao passo que o público do Cecap vai mudando. Essas crianças crescem, se casam e muitas vezes se mudam do Cecap. Novos moradores chegam. Atualmente, o “Chicão” chega a receber ônibus com alunos vindos de outros bairros. A maioria dos estudantes da escola não são mais moradores do Cecap.

A próxima escola que irá compor o *hall* educacional do Cecap é a Escola Estadual de Primeiro Grau “Flor do Campo”, que depois recebe o nome de Leopoldo Gentil Jr., construídas no início dos anos 1980. O prédio abriga atualmente a Diretoria de Ensino Guarulhos Norte. Suas salas de aula e professores foram transferidas para o prédio ao lado que recebeu o nome de Vereador Elísio de Oliveira Neves. Esta escola abrigou o extinto CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério) e foi construída em 1986. Hoje atende alunos dos ciclos I e II do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Além das escolas estaduais, o Cecap conta também com escola municipal denominada Zulma Castanheira Oliveira, que atualmente atende os alunos do ciclo I do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

Assim, nota-se que o aparato educacional foi crescendo paulatinamente ao longo dos anos no Cecap. Seja de maneira autônoma, como foi o Clube de Mães, ou por iniciativa do

⁴² O próprio nome do “Chicão” possuiu uma vinculação comunitária. Francisco Antunes Filho além de conselheiro do condomínio São Paulo, foi Vice-Prefeito de Guarulhos.

Estado e da Prefeitura, o importante é perceber que as escolas além de representarem um espaço educacional, são importantes espaços de convivência nos quais identidades são e foram construídas.

O Futebol no Cecap

Além de trazer inúmeros benefícios à saúde, o futebol tem outro importante significado: como esporte da paixão nacional, é um importante instrumento de sociabilidade entre as pessoas.

Quase que naturalmente, o futebol, expressão de cultura e de manifestação social⁴³, foi mais uma importante página na vida do Cecap. Sempre noticiado pela comunicação do Conselho Comunitário, com os campos que se espalhavam por quase todos os condôminos do bairro, o futebol está na memória

⁴³ Um dos principais estudiosos que pensa o futebol como manifestação da cultura é Roberto da Matta. O livro organizado pelo próprio, *O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, discute as várias facetas desse esporte e seu impacto na cultura popular e no sentido da identidade do brasileiro. Entre os vários tipos de enfoques utilizados, vale destacar que o futebol para se realizar como atividade esportiva, reúne uma série de ritos e significados: a aproximação com o grupo, a organização, a informalidade como regra, enfim, a catarse individual em meio a uma atividade essencialmente coletiva. Para da Matta, “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir” (DA MATTA, 1982, p. 21). Um outro importante estudo sobre futebol é o da antropóloga da UFRJ, Simone de Guedes, que analisa os campos de várzea do subúrbio carioca como elemento de sociabilidade. “Organizar um time seja para uma partida apenas, seja de modo mais permanente, é tarefa altamente complexa. A partir das relações de vizinhança, pensadas como relação de rua e não de casa, construídas tanto nos bares e botequins nos quais os homens se encontram [...] quanto estabelecidas no trabalho, compõem os times. [...] o time de pelada é extremamente sensível a todo processo de diferenciação interna que encontra expressão no local e as negociações de identidade que se passam no público.” (GUEDES, 1998, p.97).

coletiva (e em relatos e documentos particulares) dos moradores nas mais variadas formas: desde as iniciativas de organização dos campeonatos correntes, as tratativas com o poder público, até o futebol de domingo que significa um momento de diversão e manutenção das amizades que se constituíram nesses 38 anos. Apresentamos algumas dessas reminiscências presentes no espírito coletivo dos apaixonados por futebol.

Primeiro é importante ressaltar como geograficamente o Cecap permitiu a proliferação dos campos de futebol por suas redondezas. A área de planície com terrenos alagadiços aterrados para dar lugar às edificações pensadas por Vilanova Artigas se tornou propício para a prática esportiva. O ritmo da construção e a ausência de alguns equipamentos previstos para as freguesias dos condomínios Minas Gerais e Rio de Janeiro, por exemplo, possibilitaram a constituição de grandes áreas planas sem nenhum tipo de construção, que virariam campos de futebol, com times e sedes próprias.

De outro lado, a construção da praça de esportes - atrás do condomínio Paraná e Rio Grande do Sul – que pertencia ao projeto original, se tornou instantaneamente local para as “peladas” entre os moradores dos primeiros edifícios. E será neste lugar que encontramos uma das mais interessantes histórias do Cecap sobre a paixão do futebol na vida de um morador, no caso, o Sr. Nelson Hernandez.

Todo domingo, às sete horas da manhã, inicia-se no campo entregue pelo governador Paulo Egídio em 1977 – chegada vultuosa num helicóptero no meio do campo, com direito a beijos e abraços em todos os presentes -, o Rachão das 7, “pelada” que reúne de forma democrática moradores e visitantes no campo para o futebol que vai até as 10:00 da manhã. Cada jogador traz o seu calção, meias e chuteiras para o futebol e em ordem de chegada vão sendo agrupados em quatro

times que disputarão a supremacia do domingo da forma mais simples: o time que vence, fica.

Da construção do campo à consolidação do Rachão, o Sr. Nelson perseverou para que o futebol ali pudesse ser realizado. Tendo que enfrentar as “panelas”, recorrentes do futebol, é o próprio que conta os primórdios desse evento:

No início foi entregue as três quadras. Primeiramente, ali era uma panela tremenda. Eu como nunca fui bom de bola, mas sempre gostei, sempre tive vontade, você chegava lá, tinha sete, oito camaradas. Eu falava: “bom vamos entrar nessa aí e fazer nossa brincadeira”. Futebol de salão era 5 contra 5, aí falavam “Opa, meu time está completo” aí eu ia pro outro lado “o meu também está completo”, aí eu falei “perai! como está completo se tem sete aqui? Eu sou o 8º, ainda faltam dois”. “Não porque o cara vai vir dali, o cara vai vir.” Aí que tive que dar uma de cabra Lampião, porque eu não sou trouxa tem que ter respeito com a minha pessoa. Eu falei “opa se tem oito aqui, falta dois, o próximo tem que entrar e jogar e se tiver que dar uma de cabra Lampião eu vou dar também para poder jogar.”⁴⁴

A praça de esporte “Conselheiro José Augusto de Mattos” tinha, além do campo, as três quadras, apelidadas de “Três Marias” e o Centro de Saúde. Mesmo com o campo, o Sr. Nelson ainda não tinha facilidade para compor o time no onze contra onze, segundo ele: “Demos duro pra começar o primeiro jogo. Tinha vezes que ia começar com sete e eu falava não vamos esperar completar e nunca completava onze de cada lado. Aí o pessoal se mandava para a quadra.”⁴⁵

O primeiro jogo do Rachão foi disputado no dia sete de

⁴⁴ Vide Parte 3 - **Memória de Moradores**.

⁴⁵ Idem.

julho de 1977 entre o combinado de moradores dos condomínios Rio Grande do Sul e Paraná, sendo vencido pelos condôminos “sul rio-grandense” pelo placar de dois a um. Após esse primeiro jogo, foram muitos domingos em que a bola rolou sobre a coordenação do “Nelsão”.

A cada novo domingo, a “pelada” ganhava ares de tradição no bairro, motivada pela concorrência de todos os domingos entre as pessoas que às vezes chegavam às quatro da manhã para não perder o futebol, “virados” da noite de sábado.

Vale destacar que a ação pró-ativa dos moradores, coordenada por “Nelsão”, ajudou a consolidar a brincadeira como manifestação cultural e esportiva característica do bairro. Por trás do Rachão, foram formuladas regras: se compraram camisas e finalmente se programaram maneiras de administrar e arrecadar recursos, vindos da mensalidade individual (para pagar a lavagem das camisas e as rodadas de cerveja após o futebol).

Esse sentido de ação e cooperação entre os moradores que disputam a pelada todo domingo é o maior destaque do Rachão das 7, que precisou se mobilizar até para garantir que o campo não virasse estacionamento.

No início dos anos 1990, o prefeito da época, Paschoal Thomeu, tinha interesse em promover a desativação da praça para que ali fosse instalado um estacionamento. Após verificar a inviabilidade da obra devido aos custos e à mobilização dos moradores do Cecap em torno da manutenção do campo, a prefeitura desistiu de desativar o campo. O mercado foi adaptado no local que seria o terminal urbano de ônibus, no galpão ao lado do campo. Hoje esse galpão - ou o Varejão do Cecap - além de receber uma série de feiras na semana, ainda é a sede do CIRETRAN (Circunscrição Regional de Trânsito) de Guarulhos.

Outro componente interessante são as sete regras que compõem o rachão. Uma das mais curiosas é a regra nº. 7, em que se estabelece que após sair o sétimo gol de uma das partidas, o felizardo ganhava uma “Antártica”. Podia ser cerveja ou refrigerante, tudo por conta do “Nelsão”. Isto ficou conhecido como o “Gol Antártica”.

Um dia especial foi escolhido para celebrar a fundação do rachão. Como eventualmente o sete de julho pode cair em qualquer dia da semana, o “Rachão das 7” celebra seu aniversário com uma grande festa em todo dia Sete de Setembro com a realização de um quadrangular e a entrega de troféus a equipe vencedora e os destaques individuais. O evento conta com a participação das famílias e, eventualmente, a concorrência de políticos da época.

Podemos observar que a experiência do “Nelsão”, assim como dos demais times de futebol, está associada a uma apropriação do campo de futebol como espaço público. Será nesse espaço de disputa que haverá o reconhecimento e a construção da identidade com o bairro⁴⁶.

Isto fica muito claro na fala do Sr. Nelson Hernandez e do campo que “chegou” para ele, passando a impressão de que o campo “caiu do céu”. Ele acompanha seu nascimento a beira da janela de seu apartamento.

Dali mesmo são feitos os primeiros registros de imagem. Ansiosamente, semana após semana, Nelson Hernandez

⁴⁶ É neste espaço que haverá o reconhecimento e a alcunha, o apelido e os nomes de times se sobrepõe ao nome institucional. Segundo Guedes, estudando casos semelhantes e muito comuns em bairros operários do Rio de Janeiro, “na vizinhança nas áreas próximas ao local de residência, onde as pessoas são reconhecidas e conhecidas, não há espaço público que não seja penetrado pelos significados, éticas e etiquetas da cultura dos trabalhadores.” (GUEDES, 1998, p.91)

acompanha o trabalho dos tratores, a colocação da grama, a demarcação com a cal e a chegada das traves. De praxe, acontece a inauguração do campo pelo governador de época.

Nelson Hernandez não é político, mas adentra àquele espaço concebendo o rachão como ritual coletivo. Dessa forma, deixa de ser Nelson Hernandez, para, enfim, se transformar em “Nelsão”. Significando e sendo re-significado pelo campo de futebol, construindo o seu vínculo (e de outros) permanentemente com o Cecap.

Outro destaque do futebol no Cecap eram os campeonatos idealizados e promovidos pelo Conselho Comunitário, cujo farto material impresso comprova o sucesso do esporte junto aos moradores do condomínio.

Eram organizados vários torneios, em todas as faixas de idades e para todos os gostos: dente de leite, intercondomínios, juvenil, veteranos, futebol de campo e futebol de salão.

Esses campeonatos vão ajudando na construção da identidade do bairro e dos próprios condomínios, cuja algumas rivalidades se tornaram antológicas. Alguns exemplos serão abordados pelos próprios moradores na parte 3.

Novos moradores, outras dificuldades

A Avenida Monteiro Lobato não apenas cruza o Cecap. Essa afirmação parece um pouco frouxa e talvez sem sentido, mas a principal avenida que corta o Cecap também significou uma divisão das etapas de construção do conjunto de edifícios Zezinho Magalhães Prado. Essa divisão, apesar de não dizer mais nada hoje, reflete algumas falas e impressões dos antigos moradores. Apesar de todos iguais, as experiências dos moradores dos condomínios Minas Gerais, Rio de Janeiro,

Espírito Santo, Bahia, Sergipe e Alagoas refletiram outra idéia de sociabilidade e de vida em comunidade.

O ano 1977 marca a chegada dos moradores aos condomínios Minas Gerais e Rio de Janeiro, no outro lado da Avenida Monteiro Lobato. A freguesia F, que era a que congregava os prédios dos condomínios São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estava completa: além dos prédios, a Praça de Esporte, o grupo escolar, o Centro de Saúde, o Centro Comercial e o Parque Infantil. Funcionavam de maneira precária, como, por exemplo, o Centro de Saúde⁴⁷, mas estavam construídos. Ainda faltava o Centro Comunitário e a sua estrutura, apenas fundado o Conselho que iria geri-lo. Porém, a freguesia F já estava pronta.

Este modelo de freguesia serviu para os demais serem construídos. Entretanto, houve uma mudança de gestão na própria autarquia da Cecap. Isso teve impacto nos novos condomínios. O que se viu é que as dificuldades sentidas pelos primeiros moradores do Cecap, e as formas de se organizar, foram úteis para que esses novos moradores pudessem se apropriar dos problemas e da busca de soluções.

Ao consultar os documentos, uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelos moradores do condomínio Minas Gerais e Rio de Janeiro, foi a questão da pavimentação dos arredores, que não havia sido terminada e que era alvo de um jogo de empurra entre Proguaru (Progresso e Desenvolvimento

⁴⁷ Uma outra importante publicação sobre o Parque Cecap era a revista *O parque em Revista*. Na publicação da 1ª quinzena de Maio e 1978, uma matéria descrevia a situação do Centro de Saúde atrás do condomínio Paraná: “ Para muita gente o Centro de Saúde é um ponto negro no grandioso projeto do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado. E por uma razão muito simples? Não funciona e nunca funcionou. A situação do prédio construído a poucos anos, hoje é de completo abandono.”

de Guarulhos) e Cecap.

A pendenga entre a autarquia guarulhense e a autarquia Cecap era sobre a responsabilidade pelo asfaltamento. Já havia cobrança de IPTU para todos os moradores e esta era uma das revoltas, pois os arredores não estavam pavimentados. A primeira empresa escolhida pelo Proguaru não foi aceita pelos moradores, pois os valores estavam acima do mercado. Segundo reportagem da *Folha da Tarde* de novembro de 1979:

A empresa construtora contratada sem concorrência pública pela Proguaru para executar as obras de pavimentação dos condomínios do Cecap é a N.F. Motta e os proprietário dos imóveis estão irritados com o orçamento. (FOLHA, 1979).

Os moradores não aceitavam os preços pedidos pela Proguaru e organizaram outro orçamento a partir de nova metragem tirada na rua. Segundo Valdir Carleto, diretor do Conselho Comunitário na ocasião:

Fizemos lá um tipo de uma concorrência pública pros interessados, só a Pré-Mold apareceu pra fazer o serviço e foi feito uma cotização tanto a Fapel cada morador pagava e funcionou direitinho com a administração dos próprios moradores e os condomínios foram pavimentados.[...] Então aquelas quatro ruas foram pavimentadas com o pagamento feito pelos moradores dos condomínios Minas Gerais e Rio de Janeiro.⁴⁸

Os condôminos da ala nova do Cecap tiveram que lidar com outra dificuldade: a administração dos prédios. A administração dos condomínios era centralizada numa única entidade, a administradora Pedroso. Foco de muitas irritações por parte dos moradores, a Pedroso teve vida curta na

⁴⁸ Vide Parte 3 - **Memória de Moradores**.

administração do condomínio Minas Gerais. Na visão de um morador, este foi o estabelecimento da autonomia financeira e representativa:

O condomínio Minas Gerais foi o primeiro a criar a auto-administração, tirou a empresa e os próprios moradores criaram um corpo de administração, pra ter um síndico morador. Eles já economizavam de cara o dinheiro da administradora, aí contratava um escritório de contabilidade pra fazer folha de pagamento, o que já barateava e tinha autonomia pra decidir.⁴⁹

Condomínios ainda mais distantes, como o Espírito Santo, Bahia, Sergipe e Alagoas, sofreram também com a falta de asfaltamento e pavimentação dos arredores, assim como o distanciamento em relação ao Centro Comercial. O processo de inserção desses moradores se realiza num quadro diferente do Cecap: se inicia a saída de alguns moradores e, finalmente, a construção do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Visto de forma negativa por vários condôminos e tendo, inclusive, o próprio Conselho Comunitário organizado um abaixo assinado contra a instalação da pista de Cumbica⁵⁰, a instalação do aeroporto foi percebido de formas diferentes pelos moradores. Dona Dalva de Souza, moradora do condomínio Minas Gerais, rememora aquele momento:

Quando chegou o aeroporto alguns vizinhos reclamaram. Os meus antigos vizinhos que foram

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Valdir Carleto traz em seu depoimento essa questão, relacionando-a com a própria cidade de Guarulhos: “O Cecap se mobilizou muito contra o aeroporto achando que o aeroporto ia ser um transtorno sonoro etc. e tal. A cidade se mobilizou contra o aeroporto, mas em vão.(...) O prefeito era contra, teve passeata “Aeroporto não”, teve capa do Olho Vivo “Aeroporto não”. Se você pegar os primeiros números do *Olho Vivo* você vê que no primeiro ou segundo ano do *Olho Vivo* havia uma capa lá escrito como se fosse uma fumaça de avião: “Aeroporto não”.

embora saíram por causa do aeroporto. “Ah, vem aí o aeroporto, essas janelas vão cair. Esse prédio vai desabar”. Todos eles venderam e foram embora. Aí como eu não tinha condições de ir embora eu falei: “vou esperar pra ver”. Não aconteceu nada daquilo.⁵¹

O Aeroporto Internacional de Guarulhos tem efeito ambivalente no fluxo de moradores: concomitante à saída dos velhos moradores dá-se a chegada dos novos moradores. A mudança no perfil dos habitantes do Cecap é nítida: de jovens casais, com filhos e diante de uma situação de ausência e falta de muitas coisas, na primeira leva nos anos 1970, essa nova população encontra o Cecap em 1985 dotado de infraestrutura e com muitos dos problemas do passado solucionados. E com renda superior. Para Valter Fuso, o segundo morador do condomínio Paraná: “O condomínio Rio de Janeiro já veio com uma classe mais melhorada. Nós quando viemos era uma classe assalariada mesmo. O Rio de Janeiro pagava o triplo do nosso.”

Esse quadro delineia novas necessidades: administração própria, fechamento dos condomínios, organização de clubes internos, portaria, alteração de fachada e, finalmente, incorporação de novas formas de expressão identitária.

Considerações sobre o Cecap que vemos

Para a produção desse livro, colhemos vários depoimentos de moradores do Cecap. Invariavelmente, encerrávamos as entrevistas com duas perguntas: “O que o Cecap significou na sua vida?” e “Como você vê o Cecap hoje?”. Perguntas que deixávamos aberto para o depoente falar o que quisesse em relação ao bairro, a sua vida e, às vezes, em relação à própria entrevista.

⁵¹ Vide Parte 3 - **Memória de Moradores**.

As respostas foram muito diferentes, mas uma linha em comum - e que poderemos observar na íntegra dos depoimentos na Parte 3 - é que o Cecap renova-se com outros moradores e outras necessidades como se fosse algo inerente do próprio bairro.

A vida comunitária é intensa e vivida na sua plenitude. Isso não a exime de contradições. O cercamento dos condomínios, ao mesmo tempo em que age como resposta de segurança e limita o contato social intercondomínios, aviva outras possibilidades, em que pese algumas organizações internas, por exemplo, a do condomínio Alagoas.

Inscrito na idéia inicial de Artigas de dotá-lo como um espaço autossuficiente em relação à própria cidade de Guarulhos, pudemos observar nas várias experiências retratadas que o bairro tem sentido de existência não apenas na sua arquitetura, mas na vida dos próprios moradores: os que foram, os que estão e os que chegam.

Foram os moradores que protagonizaram soluções para as dificuldades que iam surgindo. Foram também esses moradores que construíram suas identidades por meio de uma prática comunitária, em festas, partidas de futebol, piscina e reclamações. São esses moradores que hoje aprovam ou desaprovam mudanças nas plantas dos edifícios ou nas portarias, sem preocupação estilística ou de manutenção das linhas arquitetônicas.

O limiar do novo século reservou ao Cecap e aos seus moradores novas fronteiras na relação com a cidade de Guarulhos. Ao mesmo tempo em que cresce o diversificado pólo industrial, o acesso ao transporte público e a promessa da construção do novo Fórum de Guarulhos, outros impactos também são sentidos: o campo de futebol ao lado do Bahia não

existe mais; moradores que viveram aqui antes da construção do Cecap deixaram a região. É a marcha da vida moderna, não positiva ou negativa, mas ambígua naquilo que ela produz.

Não foram por acaso as passagens a pouco contadas. Cada uma delas expressa, para cada morador, um jeito de morar, de viver, de sentir, de conviver e se divertir em particular. Outras experiências não foram relatadas aqui: o efeito Mamonas Assassinas na cultura jovem, os eventos católicos que reuniam (e ainda reúnem) muitos moradores, o carnaval promovido pelo Grêmio Escola de Samba do Cecap, os bailes no ginásio, a ação cultural do Instituto Pró-Cultura, o grupo espírita Bezerra de Menezes, as festas juninas organizadas pelo condomínio Santa Catarina e tantas outras que merecem capítulos, livros à parte para serem contadas.

Realizamos um recorte que pudesse permear a gênese dessa vida em comunidade no Cecap, identificada, principalmente, nos anos 1970 e 1980. Os demais ficam para outro livro.

UM SIMPLES NÃO MORADOR

Cristiano Francisco Jesus é um nome que certamente soa estranho aos nossos ouvidos, afinal, além de não ter sido nenhuma autoridade política ou militar, sequer chegou a ser morador dos condomínios do Cecap. Durante muito tempo os historiadores estiveram ocupados em narrar grandes acontecimentos sob o ponto de vista de grandes personagens, sobrepondo aspectos políticos e econômicos a aspectos de ordem social.

Uma cega reprodução deste paradigma imediatamente nos levaria a crer que dedicar um espaço para esse personagem poderia parecer algo inteiramente inoportuno. No entanto, em meio a suas histórias encontramos informações riquíssimas que versam sobre os mais diversos aspectos de nosso estudo sobre o Cecap: geográficos, econômicos, arquitetônicos, os quais compõem documentos históricos valiosíssimos, uma vez que estão carregados de indícios e fragmentos da realidade vivida.

Na memória encontramos marcas da vida: ela pode ser igualmente reveladora quando se busca ir na contra-mão de uma história evolutiva ou previamente emoldurada, como já nos referimos na introdução. Valorizar essas fontes significa ampliar o conceito que se tem acerca do que possa ser considerado documento histórico e sujeito histórico. Abre espaço para que possamos perceber as atuações dos mais diversos sujeitos que contribuíram no processo de transformação e modificação do espaço ao longo do tempo.

Uma das grandes discussões da nova historiografia reside na idéia de que a realidade social é construída culturalmente e só poderá ser apreendida a partir de uma maior

variedade de evidências. Ao falar sobre a perspectiva tradicional de História, Peter Burke aponta que essa

oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente, eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado papel secundário. (BURKE, 1992, p. 12)

Burke identifica que uma das mais importantes mudanças trazidas pela Nova História encontra-se exatamente na relativização entre o que é central e o que é periférico na história.

Cristiano Francisco de Jesus não idealizou o projeto arquitetônico de edifícios; e tampouco residiu num dos apartamentos. Tais afirmações podem sugerir ao leitor, não uma, mas várias perguntas: por que entrevistá-lo? Por que dedicar-lhe um espaço neste nosso livro? Ou ainda por que incluí-lo nessa história?

Cristiano Francisco de Jesus vivenciou junto com sua esposa Maria do Carmo de Jesus e toda a família, diferentes momentos na cidade de Guarulhos e do bairro do Cecap, acompanhando mudanças e transformações. Viveram na área que atualmente abrange o bairro, antes e depois de sua idealização e inauguração. Cristiano habitou a região desde a sua infância, quando veio de Minas Gerais com os pais. Herdou o terreno e seguiu a trajetória da família casando-se, criando os filhos e vivendo da agricultura local. Sua mãe trabalhou na Base Aérea, seu pai atuou com “cortes de estrada” na época de abertura da Rodovia Dutra e na estação de tratamento de água.

O seu conhecimento privilegiado da região permitiu também que prestasse serviços aos engenheiros na medição do terreno no período de construção dos edifícios. Acolheu

trabalhadores da obra em sua casa, foi convidado a vender apartamentos do Cecap, e por muitos anos comercializou produtos diversos aos moradores, que iam de verduras a rãs. Com o início das obras, foi obrigado a abandonar sua casa, retornando posteriormente com a sua família para outro local, ainda no bairro⁵².

Nessa trajetória pessoal, supostamente inexpressiva, encontramos um retrato do processo de desenvolvimento e de modernização de Guarulhos, que se consolida também com a edificação do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado. Transformações que foram conduzidas por indivíduos na relação entre si e com o espaço. Tais lembranças permitem atingir relações que nenhum documento oficial poderia contemplar, detalhes e ponderações que certamente seriam esquecidas pelo tempo. Em seu livro *A voz do passado - História Oral*, Paul Thompson aponta que

Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não-oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir. A própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem. (THOMPSON, 1992, p.28)

Iniciamos esta obra fazendo ressalvas sobre o quão inocente e falaciosa pode ser qualquer tentativa de se separar a história da vida. As histórias de vida de Cristiano e de Maria do Carmo estiveram atreladas à história do Cecap, seja pelas relações reais que estabeleceram com o bairro ou pelo sentimento de pertencimento e participação na memória coletiva. Suas memórias, ao se relacionar com outras, ora as

⁵² Ao longo da pesquisa sobre o Cecap conhecemos Cristiano e Maria do Carmo, que foram entrevistados durante alguns encontros e contaram suas histórias de vida. Moradores e outros entrevistados, também fizeram menção ao casal e contribuíram para que conhecêssemos essas constantes relações com o bairro.

complementam, ora as contradizem, mas de um modo ou de outro se inter-relacionam e compõem um mosaico de acontecimentos.

A história vista sob esse viés pode nos trazer outras perspectivas, apresenta-se mais sinuosa, dinâmica e até mesmo contraditória. Conhecer a história do Cecap e de Guarulhos implica perpassar este caráter multifacetado. Implica também apontar contradições, incompletudes, e inclusive por em xeque versões oficiais amparadas no discurso da modernidade e do progresso, que a olhos desatentos parece mais harmonioso e confortável. Extrapolar a história registrada apenas nos documentos oficiais, buscar fontes que se articulam diretamente com os sujeitos e enfim compreender como este processo histórico foi desencadeado no bairro ao longo dos anos, é a nossa intenção, e sobretudo nossa maior motivação neste livro.

Guarulhos entre memórias e lugares: das sete pontes ao Cecap

Ao ouvirmos o casal durante os encontros, nos perguntávamos: “que Guarulhos é esta?” ou “será que é Guarulhos mesmo?”. Estas pessoas viveram durante muito tempo do sustento retirado da terra e do rio próximos de sua chácara. Vida construída em cada barro amassado e em cada taipa armada.

Em torno de tantas oficialidades e oficialismos, a história de Cristiano nos permite entender não apenas o Cecap, mas uma face fluida e fragmentária da história de Guarulhos. Nessa trivial trajetória de vida, “desfraldes de pendões” ou “futuro de glória” cedem a algo mais singelo e, por isso, significativo. É uma Guarulhos em formação. É uma cidade que traindo o discurso oficial, constitui a sua identidade no árduo

cotidiano da terra, misturado às experiências coletivas e aos saberes comunitários.

Aos olhos de um senhor negro, analfabeto, migrante de Minas Gerais, padecedor de discriminações e, ao mesmo tempo de forma contraditória, dono de uma sapiência que o faz quase um renascentista no século XX, a cidade que passa é a do tempo dos bois, da passagem do trem e dos peixes do Baquirivu.

O que esboçaremos aqui são as lembranças de “velhos”, baseadas em seleção, limites e desordens temporais. Esboçar essa relação, mesmo que limitada, a uma concepção de cidade em processo de formação, de modo que talvez chamar de “cidade” já determine um valor *a priori*. No entanto, relatos como o de Cristiano e de Maria do Carmo não podem ser perdidos ou omitidos, afinal, “as palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história.” (THOMPSON, 1992, p. 41).

O Sr. Cristiano nos apresenta o local chamado de Sete Pontes:

Eram Sete Pontes porque eram sete pontes que tinham mesmo. As pontes eram na avenida principal. Quando eu cheguei já chamava Sete Pontes, porque eram sete pontes que tinham mesmo, já eram de concreto porque era para passar o trem. O nome Cecap para mim foi novidade.⁵³

A região era dividida pelo Rio Baquirivu-Guaçu: de um lado a Base Aérea⁵⁴, do outro, a região das Sete Pontes. Região

⁵³ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁵⁴ Instalada em 26 de Janeiro de 1945, numa região desprovida de tudo, a Base Aérea procurou criar no seu espaço estrutura autossuficiente. Dotada de orçamento e

que, conforme outras informações colhidas, servia como espaço de lazer para famílias que tinham chácaras na região do Gopoúva e caçavam pequenos animais.

Além das sete pontes, o trem que cruzava o rio vindo do Jaçanã pelo ramal de extensão de Guarulhos até a Base Aérea fazia parte dessa paisagem verde que circundava a atual Rodovia Presidente Dutra. Mata exuberante, segundo Cristiano:

Antes era pasto, várzea e mato grosso assim. Sabe aquela árvore que dá uma flor amarelinha? Ela fica toda cheia de flores, você olha assim de longe e ela está toda florada, enfeitada. Chamava Jacarandá. Era uma árvore grossa, arrebatava a boca de machado. Ela era muito forte.⁵⁵

O solo rico pela proximidade com o rio permitia a plantação de diversas culturas: “Onde é o posto de saúde ali era um canavial muito grande.” Maria do Carmo complementa lembrando-se dos vizinhos que conviviam com eles: “Onde é o clube, era plantação de verduras. Um japonês, colega dele, plantava verdura, pra levar para o mercado, para o CEASA.”⁵⁶

As moradias simples eram construídas com ajuda da família e de vizinhos, trançando madeiras, modelando com barro amassado e cobrindo com sapê. Era o pau-a-pique que comumente era usado no erguimento das casas e formava a arquitetura local.

A cidade de Guarulhos sempre foi carente de infraestrutura básica. Água, habitação e luz foram árduas conquistas das glebas periféricas da cidade, fruto da resistência e

ancorada numa região bucólica, a Base Aérea se constituiu como referência identitária para os moradores da região. Cristiano e Maria do Carmo fazem menção às festas no interior da Base.

⁵⁵ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁵⁶ Depoimento de Maria do Carmo de Jesus, realizado em 03/10/2009.

persistência de moradores. As memórias do casal também são muito elucidativas neste aspecto. Maria do Carmo lembra essas históricas dificuldades: “Nós moramos a maior parte do tempo ali sem luz, sem nada. Ali onde nós fazíamos tijolos não passava luz, era só lamparina. A luz era só para a base.” Para Cristiano, “a força passava direto, não tinha este negócio de repartir não, ia direto para a base.”

A mãe de Cristiano chegou a trabalhar na Base Aérea prestando serviços na lavanderia, mas o acesso a esta infraestrutura básica sempre esteve muito longe do alcance de todos. Algo muito interessante que aparece em seus depoimentos versa sobre os diferentes serviços prestados por ele e pela família. Atuações que estiveram diretamente ligadas as grandes obras de infraestrutura e que funcionaram também como uma engrenagem para a cidade. Seu pai com cortes de estrada na época da construção da Rodovia Dutra, rememorando as transformações no processo de produção e dos recursos utilizados na construção das estradas:

O meu pai criava burro, essas coisas. Trabalhava com carrocinha, para fazer a Dutra, porque não existia a Dutra. Trabalhava abrindo corte de estrada também. Para abrir um corte de estrada hoje em dia é com maquinário. Naquele tempo não existia isto, era pá e carrocinha, e meu pai trabalhava assim. Mais ou menos daqui do Macedo até Cumbica, pra lá de Cumbica. Em cada setor tinha uma turma que trabalhava; então o setor dele era este.⁵⁷

Ele relata detalhes da organização da obra abordando a distribuição por setores pelos quais eram divididos. Com uma preocupação em resgatar uma informação remota, faz questão de diferenciar essas formas tradicionais de produção, pois

⁵⁷ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

também evidencia um sentimento de pertencimento e de aproximação com a cidade, uma vez que acompanhou de perto este processo. Sobre o pai ainda, menciona um importante processo no desenvolvimento e urbanização da cidade, no qual seu pai também trabalhou: o de distribuição e abastecimento de água: “Depois de trabalhar lá, tinha um encanamento de água que vinha para Guarulhos que chamava ‘Tanque Grande’⁵⁸, ele trabalhou lá no Tanque Grande também fazendo encanação de água para Guarulhos. Veja como Guarulhos estava atrasado, não é!”⁵⁹

Em relação ao próprio Cecap, teve uma participação direta inclusive na época das obras. Como era morador antigo da região, conhecia muito bem o terreno e trabalhou fornecendo informações. Maria de Jesus relembra esta fase:

Ele trabalhava junto com o rapaz que estava medindo, olhando, fazendo sondagem, olhando com aquele aparelho para longe e ele ia junto. Ele conhecia as divisas para falar onde era isto, onde era aquilo. Eles queriam medir as coisas, mas não sabiam as medidas certas, então chamavam ele. Ele trabalhou bastante tempo ajudando a construir o Cecap.⁶⁰

Ainda na época das obras, ela relata que muitos trabalhadores almoçavam na sua casa:

⁵⁸ O Sistema Tanque Grande compreendia a represa do Tanque Grande, uma adutora de água que ia da barragem até a Cidade Satélite Industrial de Cumbica, onde havia a Estação de Tratamento de Água de Cumbica. A adutora de ferro passava por dentro do atual Aeroporto Internacional de Guarulhos junto a Estrada de Guarulhos- Nazaré Paulista, e foi resultado de um convênio assinado pela Prefeitura Municipal de Guarulhos com o governo do estado de São Paulo para fornecimento de água. No convênio constava contrato com a Vasp para levantamento aerofotogramétrico de Guarulhos e recursos para obras de água.

⁵⁹ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁶⁰ Depoimento de Maria do Carmo de Jesus, realizado em 03/10/2009.

Quando eles não traziam comida de restaurante, eles pediam para eu fazer comida. Eu fazia, era uns três ou quatro que vinham com aquelas máquinas. Vinham em uma caminhonete, eu fazia a comida, eles vinham e depois eles voltavam de novo.⁶¹

Depois da construção dos prédios, mais uma vez Cristiano atua diretamente, agora na venda dos apartamentos. Faz referência a um escritório de vendas que ficava em São Paulo:

A gente estava sendo ajustado para trabalhar e tinha que ir lá na cidade. Para receber o pagamento tinha que ir lá. Acharam que eu estava bom para trabalhar lá, mas eu tinha pouco estudo, eles me colocaram para fazer um teste e eles gostaram, mas não dava para ficar porque o estudo fazia muita falta e não tinha condições de eu ficar. [...] Queriam que eu trabalhasse em São Paulo numa repartição do Cecap. Eu fui para fazer outras coisas de documentação para registrar e estava faltando um pessoal, eles gostaram do meu modo de falar e falaram: fica um pouco aqui. Tinha uma mesa assim, tinha tudo lá.⁶²

Neste período chegou a trabalhar com Francisco Marinho:

Foi lá na maquete, ele era desenhista, me puseram lá na maquete que era uma mesa onde tinha todos os desenhos, todos os lugares onde ia ser. Qual lugar ia ser isto, qual lugar ia ser aquilo... E eu conhecia tudo, e eu dava as respostas para o pessoal que ia ver a seção da maquete porque iam comprar. E eu falava: aqui vai ser isto, aqui vai ser aquilo etc. Mas eu era novo, tinha

⁶¹ Idem.

⁶² Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

guardado tudo na memória, não precisava nem estudar.⁶³

Essas participações e lembranças não deixam dúvidas da importância destes sujeitos para o desenvolvimento de Guarulhos. Além de terem guardados vivos na memória detalhes inatingíveis, participaram de modo ativo neste processo. Vivenciaram todo este movimento de transformação da cidade e, em alguns casos, à margem dos benefícios conquistados.

A vida comunitária dessa família se constituiu ao redor de um rio. A relação com o Baquirivu-Guaçu, rio que nasce em Arujá e deságua no Tietê, cuja bacia hidrográfica cobre a maior parte da cidade, é um capítulo à parte nas memórias que merece menção. Maria do Carmo detalha a época em que era possível utilizar sua água para fins domésticos:

Em qualquer lugar que fizesse poço na beira da casa dava água limpa. A gente pegava no poço ou no ribeirão, mas às vezes a gente ia buscar no ribeirão que era mais limpa. A água era limpa, a gente via a areia, o ribeirão era aqui no Baquirivu, mais para o lado do mato que tinha o ribeirão. Eram dois ribeirões, tinham dois ribeirões repartidos, ia um pra lá e outro pra cá. Os ribeirões tinham água limpa, a gente podia até beber, a gente lavava roupa, tinha poço, a gente lavava roupa lá.⁶⁴

O casal acompanhou as inúmeras alterações do Baquirivu-Guaçu. De rio de várzea, rodeado de terras úmidas e com cobertura vegetal primitiva e extensa, ao rio retificado três vezes:

Quem fez a divisão foi a base que pôs o maquinário e abriu, fez uma reta, abriu a divisa. Então pra lá quem

⁶³ Idem.

⁶⁴ Depoimento de Maria do Carmo de Jesus, realizado em 03/10/2009.

tinha terra ficou pra lá e eles como tinham terra pra cá ficaram pra cá. “Retou” e ficou a divisão, quem tinha terras para lá ficou pra lá, a base tinha pra cá ficou pra cá e assim “retaram” o rio para manter a divisa dele.⁶⁵

As constantes alterações das margens do rio geraram problemas graves não só para a família, mas para todos os moradores do Cecap. As enchentes sempre foram constantes e só pioraram à medida que as intervenções se faziam presente:

O rio enchia, mas não era tanto assim. Tinha saída, tinha muito recorte que repartiam as águas, não é como agora e foi depois que começou. Você vê como o Cecap enche de água em toda chuva? Agora que eles arrumaram um pouco, o farol ficava por aqui de água, depois que eles arrumaram um pouco.⁶⁶

Aos olhos de Cristiano, Guarulhos está distante do centro da sua vida social. Voltada para interesse de poucos, um dos espaços que poderia simbolizar a administração pública tinha dois cômodos e era alugado.

As pessoas ricas moravam tudo no centro, foi aumentando ali. Tudo no centro, ali foram tomando conta de tudo. Aí a prefeitura alugou perto da Matriz. Tem uma rua que sobe, um pouco antes da rua principal que desce o ônibus. Ali então era a prefeitura. Eram dois cômodos alugados, eram alugados para manter o lugar. Mas o lugar não tinha casas, Guarulhos não tinha quase casa nenhuma. O lugar era dois cômodos, igual a uma

⁶⁵ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁶⁶ As alterações do rio também foram responsáveis por outra grande tragédia na vida da família, pois perderam tudo e quase morreram em uma das últimas grandes enchentes. Dalva de Souza, moradora do condomínio Minas Gerais, em seu depoimento, relatou que eles só sobreviveram porque foram socorridos por moradores do Cecap.

casa de família.⁶⁷

Os contatos do Sr. Cristiano com o centro de Guarulhos, em que se localizavam a Igreja da Matriz, comércios e escolas, eram realizados a pé ou de carroça, “a região era toda esburacada, tudo barranqueira. Você podia contar as casas.” Às vezes marcadas por limites e experiências amargas, como a escola: “Escola aqui em Guarulhos era só para rico. Depois começou no Macedo e gente assim, da minha cor não tinha vaga, nunca tinha vaga.”

Nesse sentido, cabem ponderações sobre essa Guarulhos. Em seu livro *Identidade Urbana e Globalização*, Carlos José Ferreira dos Santos utiliza o termo “cidade” entre aspas, discutindo, quando da emancipação política de Guarulhos, a iniciativa das autoridades municipais em postular uma identidade única, mesmo que nos primeiros documentos oficiais subsistissem ainda as “vilas”, como Bonsucesso e Cabuçu. Os primeiros ocupantes públicos provinham das famílias proprietárias da cidade. Para Carlos José,

o conceito ‘cidade’ referia-se a um dos seus núcleos populacionais: o central. Seu uso, portanto, implica a exclusão da diversidade da formação do município e impõe a todo seu território uma identidade histórica a partir de uma parte. (SANTOS, 2006, p. 98)

Pretende-se então perceber nas memórias do Sr. Cristiano rastros de uma identidade local (Sete Pontes) que se reafirmava pela ausência efetiva do poder público. O conjunto de saberes, práticas e ritos significativos do Sr. Cristiano e da Sra. Maria do Carmo remontam ao funcionamento deste núcleo populacional que se realizou apartado das autoridades públicas durante muito tempo. A riqueza está na manifestação desses

⁶⁷ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

costumes que não foram referendados por monumentos artificiais, mas é a plena manifestação da vida. Ainda segundo Carlos José:

São territórios perceptíveis através das memórias dos sujeitos históricos, dos patrimônios, dos discursos e das intervenções urbanísticas, dos usos que constituem costumes e tradições, por vezes indesejadas em relação às perspectivas dos poderes públicos. (SANTOS, 2006, p.100)

Idas e vindas do Cecap: o novo e o velho problema da habitação

No início do livro tivemos a preocupação de desenvolver uma reflexão sobre as políticas de habitação no Brasil, com o intuito de situar o projeto do Cecap dentro deste contexto. Questões relacionadas à falta de estrutura, precariedade de recursos e opção por um padrão específico de desenvolvimento, estiveram presentes em grande parte das políticas encaminhadas até então, intensificando o grande hiato entre as reais demandas habitacionais e as contradições iminentes ao crescimento racionalizado das cidades.

Assim como pudemos identificar a gama de problemas que os moradores enfrentavam ao mudarem para o Cecap, por meio do relato de Cristiano e de sua esposa Maria do Carmo, é possível aprofundar tais contradições porque aqui se apresentam de maneira mais emblemática atingindo problemas ainda mais estruturais. Apesar das saudosas lembranças, da harmoniosa relação com os vizinhos, para Cristiano o Cecap também significou momentos de tensão e de impasses no que diz respeito à moradia.

Como vimos, Cristiano viveu na região que abrangia o

projeto do Cecap desde a sua infância. Aqui criou seu espaço de referência: organizou sua chácara, testemunhou a chegada de vizinhos, desenvolveu técnicas agrárias, compartilhou manifestações culturais e construiu casas de pau-a-pique. Enfim, participou deste modo de vida em conjunto com todos que habitavam aquele espaço até então. Modo de vida caracterizado por saberes construídos coletivamente. Ao falar de sua vida, relata detalhes de como era organizada a vida naquele espaço. Havia pessoas, arquitetura própria, festas, enfim, um modo de produção:

Tinha o seu Isaque também que plantava arroz e banana, era o mais perto de onde a gente morava, eram só três vizinhos ali, não tinha mais. Era só plantação. Eles plantavam para comer, só para a família, não tinha para quem vender. Depois os outros também começaram a plantar, cada um se virava.⁶⁸

Maria do Carmo também relata essa experiência com o espaço:

A gente caçava muito também. Quando ele era solteiro, já caçava muito com o pai dele: tatu, preá, trancava a gaiola e pegava, era uma carne que a gente comia bastante. Peixe também, ele armava a rede, pegava muito bagre.⁶⁹

Quando aborda o momento em que fica sabendo da chegada do Cecap, faz referência a uma cooperativa que pretendia organizar os produtores da região e comenta o momento em que teve que sair devido ao projeto:

Era para fazer uma cooperativa, quando foi para fazer o Cecap, só não foi feita a cooperativa por causa da Cecap. Eu era o primeiro dali, então o japonês [vizinho] pegou

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Depoimento de Maria do Carmo de Jesus, realizado em 03/10/2009.

muita amizade comigo e como eu tinha muita prática para mexer com verdura, eles queriam fazer a cooperativa para não ser preciso sair dali. Mas não conseguiu porque já tinha o andamento do projeto da Cecap. Já existia o projeto para fazer a Cecap que eram os apartamentos. Quando os japoneses saíram, já veio o projeto tirando todo mundo.⁷⁰

Mesmo não tendo apresentado como se daria efetivamente a organização desta cooperativa, aparece nesta fala o momento em que tiveram que deixar suas casas. Toda esta organização local com suas devidas características foi, de certa maneira, desintegrada pela chegada do projeto da Cecap. Embora tenha sido um virtuoso projeto, cuja grande novidade em termos arquitetônicos era exatamente a possibilidade de criar uma vida integrada, trouxe junto consigo esta outra face.

Para dar início às obras, os moradores do local foram deslocados, em caráter provisório, para moradias de madeira construídas próximo à ABB⁷¹. Cristiano e sua esposa relatam o impacto da saída e as más lembranças que têm desta época:

Eles falaram que iria construir o Cecap e que a gente não podia ficar, que tinha que ir para lá. Eles fizeram um barraco ali onde é a ABB, atrás lá da ABB onde era a Stella. E eu ele e as crianças nós fomos para um barraco lá, eram moradias assim, tudo de três cômodos grandes, tudo de tábua. Muitos moradores foram. Neste tempo tinham bastante moradores, tinha uns oito ou dez que foram morar nestes barracos. Nós fomos morar lá, mas só que nós não gostamos, ele não gostou, eu não gostei.⁷²

⁷⁰ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁷¹ Empresa Asea Brown Boveri.

⁷² Depoimento de Maria do Carmo de Jesus, realizado em 03/10/2009.

Cristiano não deixa de reconhecer que foi oferecida assistência para a realização da mudança e que as moradias oferecidas pela própria Cecap, foram concedidas em caráter provisório. No entanto, as famílias deslocadas tiveram reações distintas, nem todos os moradores aceitaram a proposta devido às condições do local. Maria do Carmo de Jesus fala sobre os vizinhos mais próximos, os japoneses:

Os japoneses não aceitaram. Só brasileiros foram para os barracos. Os japoneses não quiseram, era muito junto, porta com porta e eles queriam morar com lugar para plantar. Os japoneses foram tudo embora, cada um foi para um lugar, foram para Mogi, Ibiúna. Foi pouca gente que foi para lá.⁷³

No Arquivo Municipal consta um memorando elaborado pela Divisão de Higiene e Saúde Pública da Prefeitura Municipal de Guarulhos encaminhado junto com um abaixo assinado, em 1969 na época das obras. O documento⁷⁴ é ainda mais elucidativo ao tratar sobre as más condições dessas habitações construídas pela Cecap:

A rua apontada fica situada entre as firmas ASEA ELÉTRICA e STELA, bairro São Roque onde a Cecap construiu três compartimentos com o fim de abrigar 36 famílias oriundas de diferentes estados da federação e desalojados de suas habitações primitivas situadas em terrenos da Caixa Econômica e também próximo. Os referidos pavilhões são de construção simples, aceitáveis como moradia provisória, porém situados em um terreno de péssimas condições, alagadiço e baixo, não

⁷³ Idem.

⁷⁴ Trata-se de uma resposta à um memorando escrito por responsável pela divisão de Higiene e Saúde da prefeitura de Guarulhos Sebastião Carlos Pannocchia Filho.

existem fossas sépticas, somente fossas negras que em virtude das condições do solo logo alcançam água e transbordam facilmente. As condições de higiene constatadas no local são as mais precárias possíveis; fossas transbordando, ausências de luz elétrica, poços de água para consumo contaminados macroscopicamente por insetos, valetas rasas de escoamento de água com água estagnada, detritos por toda parte. (PROCESSO ADMINISTRATIVO, 1969)

No corpo do texto lemos outros registros e uma lista de medidas pleiteadas ante os órgãos responsáveis. Além de uma séria queixa envolvendo a morte de uma criança por bronquite atribuída às condições rudimentares do solo:

Nestas últimas chuvas os pavilhões ficaram alagados e algumas famílias foram obrigadas a mudar para outros pavilhões. Uma criança faleceu de bronquite e outros doentes foram atendidos e medicados no pronto-socorro municipal. (Idem)

As reivindicações foram encaminhadas, mas a intervenção do poder público diante da situação se encerrou por aí. Não houve nenhum encaminhamento efetivo que resolvesse esse problema.

Antes de habitar nesses barracões, Cristiano e sua família morava na região do outro lado da Rodovia Dutra, onde fica, atualmente, o Presídio Adriano Marrey. Posteriormente, habitou também as proximidades de onde hoje está o Hotel Marriot. Essas idas e vindas não são abordadas com precisão, assim com não ficam claras as questões relacionadas à documentação de posse. Segundo Dona Maria:

Mandaram nós voltarmos lá pra plantar de novo, era onde nós estávamos até agora. Nós ficamos uns três, quatro anos nos barracos lá em cima, depois nós

voltamos para trás de novo. Voltamos para lá e fizemos lá de madeira, porque não tinha como comprar. Outros saíram e compraram terreno, mas a gente não tinha dinheiro para comprar um terreno.⁷⁵

Até hoje a família enfrenta implicações jurídicas acerca da posse do terreno em que viveram antes da construção do Cecap. Cristiano, também se refere a esta fase, mas sempre com muito desconforto devido a todas as mudanças pelo qual passou desde a chegada do projeto. Afirma ter um documento que atesta seu direito de posse, mas o processo jurídico continua inconcluso:

Mandaram nós voltarmos para o mesmo lugar. Os anos continuaram como se estivéssemos morando lá no barraco. Quando voltamos era o mesmo lugar que ficávamos antes. Eles falavam que o contrato de compra e venda não valia nada, mas nós voltamos porque tinha advogado que está até hoje lá brigando. Eles não podiam me proibir porque eu tinha o contrato de compra e venda.⁷⁶

Ao longo de toda a entrevista, sempre que tais questões surgiam Cristiano e Maria do Carmo manifestavam comoção e incômodo. Após voltar a falar das plantações e sobre o que vendia e outras situações corriqueiras de seu cotidiano, ele mencionava sua condição, evitando aprofundar o assunto.

A opção por este tipo de fonte (oralidade) também tem as suas especificidades e limites. Se por um lado seu valor reside no fato de emanarem da subjetividade dos indivíduos, por outro também abriga sua dificuldade, afinal subjetividade implica em sentimento e em emoção.

⁷⁵ Depoimento de Cristiano Francisco de Jesus, realizado em 03/10/2009.

⁷⁶ Idem.

A história oral trabalha com a memória que está sujeita a falhas. Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito a sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais, os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. (THOMPSON, 1992, p. 19).

Se por um lado essas versões são produtos de subjetividades particulares, o fato de existirem como tal compõem um elemento objetivo da realidade.

De fato as pessoas não gozaram das condições idealizadas prometidas pela modernidade. Ao longo deste processo sofreram com as enchentes provocadas pelas alterações do rio e com os problemas de infraestrutura de um conjunto de moradias populares. A escassez de recursos e os impasses durante a execução das obras se fizeram presentes, as agruras cotidianas vivenciadas pelos moradores do Cecap oriundas da falta de infraestrutura, a ineficiência das políticas de habitação no país, assim como o drama de Cristiano e de Dona Maria na luta pelo direito à moradia, são elementos que fizeram parte desta história.

Todo o processo de desenvolvimento urbano sustenta-se, quase que cegamente, sob a égide do discurso do progresso e do moderno. No entanto, essa “modernidade”, exaltada como marca do bairro do Cecap, erigiu-se também na condição de sujeitos como Cristiano e de muitos outros que sequer foram conhecidos. Esse é o preço da modernidade.

Como nos ensina o *Fausto* de Goethe (1746-1832), o

discurso da “modernidade” e do “progresso” constrói uma moralidade carregada de ambiguidade em que o conceito de justiça é abandonado pela força de seus inadiáveis propósitos. Nessa obra de Goethe os dois anciãos, Filemon e Baucis, vão parar debaixo das rodas, pois não podem integrar-se tão depressa assim ao novo ritmo, e tampouco querem integrar-se porque representam uma cultura inteiramente diferente, isto é, a cultura do deter-se calmo, da serenidade.

Por que tudo o que existe precisa ser permanentemente desvalorizado? Por que todo espaço de repouso e serenidade tem de ser colonizado no sentido da moderna lei do dinamismo e arrastado para aquele fervilhar generalizado? Quais são os custos reais – assim nos perguntamos hoje em dia – do princípio moderno da intensificação incessante do movimento; quem e o que é atropelado pela mobilização geral a serviço da permanente negação do presente? (JAEGER, 2007).

Os personagens de Goethe constituem uma metáfora no plano literário, no entanto, este questionamento de sua obra incita uma clara expressão da falência deste “messianismo moderno” que, ao julgar-se capaz de imortalizar todos os males sociais por meio da técnica edifica-se através da ruptura abrupta com o seu passado.

Essa mítica suporta-se pretendendo quase uma “evolução natural” das diferenças sociais, econômicas e os efeitos disto sobre as regras do mercado. Ignoram-se as diferenças de oportunidades e as dificuldades de acesso aos bens de consumo advindos da modernidade, dentre eles o lote urbano, a casa própria, sua infraestrutura e sua localização. Perde-se de vista, nesta inocente crença, uma análise mais aprofundada capaz de identificar que a simples implementação do novo não garante um processo ou uma cidade socialmente mais justa.

PARTE 3
Memória dos moradores

Nota dos autores: os depoimentos a seguir foram colhidos em áudio em dias diferentes. Depois foram transcritos, revisados e indexados por intertítulos, privilegiando a fluidez do texto, como se segue.

ANA LÍGIA PACATERRA, arquiteta, 34 anos.

Entrevista realizada em 02/10/2010

ANTES DO CECAP

Moro no Cecap desde que eu nasci. Minha mãe mudou para o Cecap no dia 15 de dezembro de 1975. Eu nasci em 15 de janeiro de 1976, um mês depois.

Meus pais, quando casaram, foram pra Brasília. Moraram lá um tempo afastados dos meus avós, que moravam aqui. Depois meu pai ficou sabendo da venda dos apartamentos daqui. A minha mãe falava assim: “eu não vou pra aquele fim de mundo”. Só que ela disse que quando ela entrou aqui, e que ela viu que era dela, ela falou assim: “é meu. Não importa que seja no fim do mundo, mas é meu”. Então, por isso que eles decidiram vir, pois acho que era pela facilidade do financiamento dos apartamentos, acho que alguma coisa assim. Eles foram morar no condomínio Paraná.

INFÂNCIA NO CECAP

As lembranças de infância são das brincadeiras, de brincar lá embaixo do prédio. Brincava de tudo, de mãe da mula, de esconde-esconde. Era ótimo, porque tinha as “comgases” e os pilares e a gente aproveitava pra se esconder, brincava de elástico. Lembra da brincadeira de pular o elástico? Usávamos os pilares daqui da escada. Então a gente punha e não precisava

nenhuma menina ficar segurando, era a gente mesmo que pulava todo mundo junto, porque já tinha o pilar do apartamento. A gente usava também as escadas pra brincar de hospital: cada uma levava a sua boneca, cada degrau era um leito do paciente. A escola, eu estudei no Francisco Antunes Filho, que faz parte do Cecap.

Também tinha as paradas de Sete de Setembro, fazia pelas ruas. Meu pai era fotógrafo profissional, então a gente tem muita recordação disso, porque o meu pai fotografou bastante esses eventos. Lá no condomínio Paraná tinha uma festa junina que o pessoal do meu bloco agitava, era muito legal. A minha mãe era uma das pessoas que participavam da organização da festa junina.

Tinha um parquinho, um parquinho simples, mas acho que criança nunca está satisfeita com coisas de criança, quer sempre um algo mais. Então, a gente brincava com tudo, menos com o parquinho. Mas era no espaço embaixo. Brincava muito de queimada também. Vinham os guardas reclamar porque às vezes batiam nos carros as bolas. Os carros na época já ficavam aí. Eu devia ter uns seis anos quando cercaram os condomínios. Era livre. Eu tenho fotos com a minha mãe na lateral dos condomínios e não tem a cerca. Era bem aberto. Acho que não foi feito pra ficar fechado, acho que pra ficar com aquela cara meio de Brasília que ele foi criado. Mas acho que por segurança teve que cercar.

INFRAESTRUTURA

Desde que eu me conheço por gente já era pavimentado aqui. Quer dizer, era no paralelepípedo. Acho que algumas ruas ainda preservaram o paralelepípedo. Tinha o centro comercial também. A minha mãe nunca saiu pra fazer compra, mesmo meu pai tendo carro. Não era quem nem hoje, que não faço

compra aqui, a compra do mês. Minha mãe sempre fez aqui no mercado mesmo. Então já tinha tudo, pelo menos a farmácia, o posto de saúde - se bem que o posto a minha mãe não usava muito - mas o posto de saúde já existia. Para as necessidades do dia-a-dia tínhamos tudo.

O hospital construiu há pouco tempo, mas também não é ele que era o do projeto do Cecap. Quando você pega o projeto original, de como iria ser, tinha um centro comercial que atendesse os condomínios lá no fundo, entre o edifício Minas Gerais e o Espírito Santo. Disseram que agora vai sair de novo, vão fazer. Porque quem está lá, tem que vir até aqui, pra vir no centro comercial. A gente que está aqui, está mais fácil, está na frente. A minha mãe fazia a compra com o carrinho e levava o carrinho até lá na escada pra poder descarregar as coisas. Agora quem mora lá daquele lado, se é pra fazer uma compra pesada e não tem um veículo, fica complicado porque tem que levar na sacola ou tem que vir com um carrinho de feira, pra poder agüentar o peso. Mas disseram que agora vai sair lá um centro comercial. E agora estão fazendo a rodoviária também, que eu acredito que seja pro bem do bairro.

Antigamente, o ponto final do ônibus que hoje é lá no fundo, perto do condomínio Alagoas e Sergipe, era aqui na frente, perto do centro comercial. O centro comercial também não era fechado, era aberto. Eu não sei como foi feito o negócio da compra dos espaços, porque antigamente, quem mais comandava era o pessoal do mercado, que era um Morita. Então, eu não sei como foi fazendo porque hoje as lojas são de pessoas que sempre tiveram comércio ali. E quando aumentaram, porque era térreo, não tinha a parte de cima no centro comercial. Quando aumentaram, quem comprou as lojas? As pessoas que sempre estiveram aí, então a gente também não sabe que rolo que teve. Eu não tive a opção de comprar uma

lojinha ali, ninguém me ofereceu pra comprar. Então, assim, foi meio que tomando conta, tanto que é errado ser cercado ali, é um espaço que eu acho que é errado eles cercarem, porque está certo que é pra proteger as lojas, mas ali faz parte do bairro. Mas assim como o condomínio teve que ser cercado, fazer o quê?

VIZINHANÇA

Todos os vizinhos ali são como parentes. Nós somos todos amigos. Tenho vizinhos ali de quem eu sou madrinha. Isso por causa da convivência que teve. É como parente mesmo. Quando um muda, um fica chateado. Não era muito não de um almoçar na casa do outro, mas de trocar marmitinha, isso acontecia muito. A minha mãe fazia um bolo e a metade era distribuída entre as vizinhas, metade ficava em casa.

A propósito, a maioria dos estudantes, como a escola estava aqui dentro, era daqui do bairro. Hoje você vê muitos estudantes pegando ônibus, tem até ônibus fretado, na minha época não tinha pessoas de outros bairros, a maioria eram os amigos. Tanto que eu conheço muita gente aqui no Cecap. Às vezes a gente esquece um nome, talvez eu até já tenha visto uma pessoa, não lembro o nome dela, mas já vi, já convivi. Todos os meus vizinhos estudaram comigo inclusive na mesma sala. De todo o condomínio, se você falar, eu conheço muita gente, porque estudava junto. Então cresceu junto. Muitos casamentos que hoje a gente tem vieram do Cecap. No meu casamento, por exemplo, estava lotado de gente que a gente conviveu na infância.

Meu marido era do condomínio Minas Gerais, a minha sogra e a minha cunhada ainda moram lá. Mas a gente não começou a namorar aqui, a gente começou a namorar na Oktoberfest. A gente era do mesmo grupo de amigos, tinha algumas amizades em comum. Nós fomos na mesma excursão, a excursão saiu

daqui, de lá da Praça Alessandra Gil, da frente do Rio Grande do Sul.

VIDA COMUNITÁRIA

Eu sou sócia do Clube do Cecap. Tinha as festas juninas ali no Clube. Inclusive eram os Mamonas Assassinas que tocavam lá na época em que eles não eram Mamonas Assassinas, eram Utopia. Tinha também uma festa junina entre o Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Isso era na Praça Alessandra Gil. Havia uma festa junina lá. Então eu sempre participava quando tinha alguma coisa lá.

O CECAP HOJE

Acho que houve muitas mudanças na vida comunitária. Eu mesma quando casei, a primeira coisa que eu falei, eu acho interessante você ter amizade, mas não tanta intimidade. Aqui no Cecap, o fato de serem abertos, os corredores, todo mundo sabe um pouco da sua vida. A pessoa sabe o carro que você tem, porque ele sabe onde é a sua garagem. Não é uma garagem de subsolo, que às vezes você nem encontra aquele vizinho. Então aqui todo mundo sabe se você trocou de carro, isso desde a minha época de criança até agora é comentado. “Ah, fulano está bem de vida, trocou de carro.” Porque vê. “Ah, fulano chegou de madrugada”. Porque dá pra olhar pela janela e você está vendo que a pessoa está chegando de madrugada. Isso era ruim e eu falava que eu não queria esse tipo de intimidade com os vizinhos. Então eu acho que esse fator diminuiu mesmo.

Lá na minha irmã, depois que a minha mãe se mudou, as vizinhas não mais tem intimidade porque sabem que a minha irmã se preserva mais do que minha mãe se preservava. E eu acho que pelo fato da confiança, hoje em dia, a gente não sabe mais em quem confiar. Então o povo breca. Lógico que os que têm mais amizade, tudo bem. Acho que por causa da segurança

mesmo, o pessoal meio que bloqueou.

ARQUITETURA/URBANISMO DO CECAP

O que eu sei é que ele foi projetado pra atender a classe baixa e média, além de funcionários que participariam da construção do aeroporto de Guarulhos, foi isso que eu fiquei sabendo. Quando lançaram, eles já tinham essa visão de que o aeroporto seria aí, então fizeram dessa forma. Quanto ao que eu acho mais interessante, é o fato dos pilotis, que é o que faz com que ele fique suspenso, sirva de garagem e de área de lazer e de convivência. Aliás, essa foi a parte que é a que eu mais usei na minha infância pra brincar. Eu acho interessante isso ser dessa forma.

O que eu acho ruim é que pela estrutura dele, ele não suporta caixa d'água, não foi projetado pra caixa d'água. Quando tem algum problema com a rede de esgoto aqui de Guarulhos, que eles precisam fechar aí complica. Já aconteceu da gente ficar uns dias sem água por conta de ter que arrumar ou concertar o encanamento da região. Agora sobre as transformações que foram feitas, eu acho que por segurança tudo bem cercar, mas tem um condomínio que eles estão construindo um muro ao redor. Eu até escrevi pra um jornal isso, porque eu não acho certo. Porque o elemento principal daqui são os pilotis e eles murando, você não tem essa visão da arquitetura do local. É o condomínio Alagoas, em frente à Praça dos Mamonas Assassinas que fizeram isso.

O que é interessante aqui são essas paredes de gesso, que hoje em dia chama drywall. Elas te permitem alterar o projeto. As únicas paredes que não podem ser alteradas são as de fechamento, que são as laterais, e as de encanamento, que são as da cozinha, área de serviço e banheiro. Essas não podem mexer. Até pode, mas desde que você mexa no encanamento, o que

pode prejudicar. Uma coisa que acontece muito aqui no Cecap é vazamento. Acho que porque é encanamento antigo, essas coisas. Teve uma época em que trocaram tudo. Lá na minha mãe trocaram tudo por encanamento de PVC, porque era de metal antes, era de ferro, e enferruja mesmo. A casa da minha mãe passou por um vazamento de muitos anos, achava-se que era da minha mãe que vazava no vizinho e esses dias, depois de uns 10 anos, que a gente foi descobrir que era do vizinho do lado. Vazava e infiltrava pelas paredes e a água corria pro lado que ela queria, então dava a entender que era do vizinho de cima, mas não era, era do lado. Então isso é ruim. Agora, quanto à parede ser de gesso, eu até já fiz um projeto aqui pra uma amiga minha, eu alterei o apartamento inteiro. E adoro. Eu sempre falava assim pra minha mãe: “Se eu casar e morar aqui no Cecap, eu já tenho o projeto do meu apartamento” e daí eu tenho as opções de derrubar as paredes, fazer o que eu quiser no apartamento. Isso eu acho bacana, porque daí se você quer uma sala menor, você pode diminuir, se você quer um quarto maior, você pode aumentar, então o fato das paredes serem de drywall eu acho interessante.

Na casa da minha mãe nunca fizemos reforma, então se manteve as paredes normais. Reformou de trocar o piso, fez os armários – que é também interessante aqui que tem esses vãos embaixo da janela que serve como armário. A casa dela é toda reformada, mas parede ela não mexeu. No meu apartamento, quando eu comprei pra casar, ele já era reformado, mas não era uma reforma que eu faria, então a minha intenção era reformá-lo. E por isso aconteceu de eu mudar daqui. Eu fui ver um apartamento e surgiu a dúvida: reformo o do Cecap ou mudo? E como o outro apartamento a gente achou que tinha uma distribuição melhor, a gente pensou: “já que vai gastar dinheiro, a gente gasta para uma coisa nova”, por isso. Mas se fosse pra mudar, mesmo o meu que tinha alteração no projeto, eu iria

mudar totalmente. O que eu gosto do Cecap é o tamanho. Muitos apartamentos que você vai ver hoje, até maiores em metragem, a área de serviço é na cozinha, ou seja, tem que pôr um vidro pra afastar o fogão da área de serviço. Os projetos de ultimamente estão todos assim. Estreitam demais a parte de serviço pra aumentar a parte social e eu acho que isso é complicado. O Cecap é bom por isso, você pode refazer o projeto.

Quanto à parte externa do projeto, tem algumas coisas: o fato de cercar não fazia parte do projeto, mas já que é pra uma segurança, tudo bem. Por que às vezes a criança desce e pode se perder, o que acontecia na minha época. Acontecia isso muito quando eu era criança. Tinha criança que às vezes saía e ia parar em outro condomínio. Pode confundir porque o formato é parecido de um condomínio pro outro.

Antigamente a conta de água era dividida por bloco. Era um único relógio por bloco, então dividia aquela conta por todos os apartamentos. E agora no Paraná, por exemplo, eles fizeram a individualização da água. E os encanamentos dos relógios eles fizeram perto da Comgás. O condomínio Paraná era um dos mais bonitos na minha época, hoje eu acho que é um dos mais feios porque ficou com um cano. Onde você passa lá embaixo do bloco, você vai vendo aqueles canos descendo. Do lado da Comgás tiveram que fazer uma caixa pro relógio. Na minha época os condomínios eram muito melhor cuidados, eram mais limpos, principalmente a parte de pintura. Uma coisa que era também de antigamente, cada apartamento era pintado de uma cor, era bem colorido o Cecap. Isso eu já gostei, porque agora eles mantiveram um padrão.

O Cecap é antigo, mas ele é moderno. Eu sou apaixonada pela arquitetura de linhas retas. Quer coisa mais reta do que o Cecap? Eu gosto disso. Ele é antigo, mas é inovador ao mesmo tempo.

Os espaços livres para convivência das pessoas, a parte dos pilotis, que é onde os carros podem ficar estacionados e também ser uma área comum das pessoas conviverem.

O SIGNIFICADO DO CECAP

Agora que eu mudei daqui, estou morando no Centro de Guarulhos. Todo mundo que eu conheço fala que não existe um lugar como o Cecap. Eu tenho amigas que mudaram daqui e foram para Interlagos ou que hoje estão na cidade de Brotas. Essas moram numa casa super espaçosa, enorme, com piscina, tem de tudo na cidade, ou seja, uma cidade com infraestrutura boa. Mas elas falam: “nunca morei num lugar como o Cecap”. Morou em Interlagos, que era um lugar movimentado, e sempre vai sentir falta do Cecap. Então, agora é que eu vou ver isso. As pessoas, meus amigos, minha família está aqui, eu tenho tios que moram aqui. Acho que eu vou sentir falta disso, da convivência das pessoas. Isso acho que é a parte ruim de ter mudado.

MARIA APARECIDA LIMA CORDEIRO (DONA CIDA) professora aposentada, 70 anos.

Entrevista realizada em 28/08/2010

A ESCOLHA DO CECAP

Meu pai gostava muito de olhar, passear, andar, então foi ele quem descobriu que estavam fazendo inscrição, a CDHU. E ele falou para a gente ir ver que estava um plano bom, e nós viemos aqui. O meu pai gostava muito de olhar os lugares que estavam vendendo terreno. Ele sempre olhava onde eram os mais baratos. Como nós estávamos interessados em comprar um apartamento foi ele quem indicou. Nós viemos fazer a inscrição e estávamos só esperando chamar.

Naquela época tinha um critério: eu e o Altino colocamos os nossos nomes para dar a renda porque naquela época a gente não ganhava tanto. Então pusemos a renda dos dois. Vimos na planta como seria. Tinha um modelo com os armários, porque nós compramos aqui e era uns buracos, não eram esses armários que têm aqui debaixo da janela. O chão era diferente, era um colado, parecia um carpete áspero amarelo que agente teimava em passar uma cerinha, era tudo diferente. Nós gostamos da estrutura. Quando estavam fazendo a inscrição, aqui era só barro. O taxista parou lá em cima onde era a Igreja de São Roque e disse que não descia mais porque era muito barro. Então veio eu e o meu marido andando no meio do barro, pois estava chovendo no dia da inscrição. Foi interessante porque nós fizemos a inscrição, mas nós desistimos porque achamos que era muito barro, muito longe do serviço. Por duas vezes desistimos, ele falava que era muito longe e duas vezes nós conversamos entre nós e falávamos que futuramente iria ser bom. Todo mundo em casa falava que era um ótimo negócio e que não

podíamos perder a oportunidade. Foi aí que resolvemos voltar a trás e falar: “seja o que houver nós vamos fazer o negócio”.

A CHEGADA NO CECAP

Eu nasci em Araçatuba e vim com 25 anos para São Paulo. Aqui que eu conheci meu marido e me casei. Casei em 1970, fui morar na Vila Augusta pagando aluguel durante um ano e me inscrevi aqui no CECAP. Então em 1972 eu mudei para cá para o Cecap. Aqui quando eu mudei só tinha um morador no primeiro andar. O meu primeiro dia aqui no Cecap foi 31 de julho de 1972. Como eu estava com um bebê pequeno, o meu marido veio com uma moça que ajudava na limpeza e os dois vieram aqui limpar. Jogaram água para tudo quanto era lugar, só que não tem um lugar pra a água descer e deu muito trabalho. Eles ficaram a madrugada toda utilizando roupas para secar, eles limparam tudo direitinho aí foi que nós mudamos. Estava um frio terrível aqui, como era descampado era um frio que eu não esqueço.

INFRAESTRUTURA

Quando nos mudamos para cá era muito longe de onde eu trabalhava, que era na Água Branca. Então nós, eu e o meu marido, íamos pela Dutra esperar o ônibus para levar-nos até o serviço, mas quando chovia era terrível, era uma barreira para a gente atravessar. Aqui era tudo barro porque aqui foi aterrado, parece que era tudo lagoa. Ali no Condomínio Santa Catarina era todo cercado com madeira porque eles também iam iniciar e tinha que passar do lado ali das madeiras do mato, barro.

O ônibus também: depois que começou a funcionar ele saía aqui do bloco sete e ficava estacionado e formava a fila dentro do bloco sete esperando o ônibus chegar para ir para São Paulo. Depois mudou o ponto que passou a ser ali do lado da padaria, dentro do centro comercial. Eu pegava às 05h15 porque eu ia

para a Água Branca e às 05h15 eu tinha que estar dentro do ônibus porque eu pegava três conduções: um ônibus, o trem e o metrô. Então eu tinha que sair cedo, pois batia o cartão 07h00.

Aqui este condomínio foi o primeiro a ser feito. Então a gente tinha que passar ali para pegar o ônibus na Dutra. Chegava à estação da Luz a gente tinha que tirar aquele calçado cheio de barro, guardar numa sacola e por outro sapato. Lá onde eu trabalhava eles falavam: “Dona Cida, a senhora não mora a senhora se esconde”. Porque era longe de tudo. Agora é uma maravilha: tem mercado, açougue, tudo. Antes não, era difícil para a gente. Para comprar as coisas também era complicado. Aqui na Monteiro Lobato, perto da igreja São Roque, uma quadra para cima, tinha uma moradora que tinha um armazém grande e todos os moradores iam lá, faziam uma lista. Era o principal ponto, todo mundo ia lá. Eu não me lembro o nome do comércio, mas a dona do comércio chamava Dona Hermínia. Ela ia pegando os mantimentos e ia colocando tudo num caminhãozinho e o filho vinha trazer aqui. Também tinha a fila do pão, vinha uma perua entregar aqui, era a fila da carne.

VIDA COMUNITÁRIA

Era uma amizade como se fosse parente mesmo. Quando era festa de natal a gente comemorava junto, cada um levava um prato e a gente fazia esta confraternização, era uma união mesmo. Quando tinha aniversário também, depois começaram a mudar crianças para o prédio e era aquela festa. Festas Juninas também. Tinha uma moradora do bloco três que ensaiava as crianças para a quadrilha e tinha uma participação geral, era uma farra, uma verdadeira união. Depois foram crescendo, foi tudo mudando se transformando e agora é tudo diferente, mas nós continuamos com a mesma amizade, porque o vizinho é como se fosse um parente porque é ele quem ajuda quando a gente

precisa de alguma coisa.

No condomínio aqui, tudo o que acontece a gente entrava em contato com o síndico. Então quando a gente via qualquer coisa errada, qualquer coisa que estava prejudicando, a gente se comunicava com o síndico. Ele [o marido] foi um dos conselheiros. Havia reunião do conselho para debater as coisas, cada conselheiro era morador de uma escada. Agora que está mais modernizado eles se comunicam mais, mas antigamente cada um cuidava do seu. Apesar de que todos os condomínios tinham os mesmos problemas: roupa para fora, barulho, multas.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Antes de ter o Clube de Mães, alguns moradores do Condomínio Paraná, que também eram professores, resolveram alugar apartamentos para dar aula. Então tinha uma moradora que ficava com as crianças do prézinho. O Alessandro [o filho] iniciou lá com dois anos e meio e uma delas ficava com os menores e a outra ficava com os mais grandinhos. Isto dentro do apartamento que elas cuidavam, inclusive eu mostrei uma foto deles recebendo o diploma e tudo, era tudo muito organizado.

CLUBE DE MÃES

Foi no Clube de Mães onde todo mundo levava os filhos para fazer o prézinho. Depois eles fizeram no Colégio Antunes. O Antunes já existia e depois que construíram o Clube de Mães. Era bem organizado o Clube de Mães, as professoras cuidavam com muita dedicação e era tudo organizado por idades. Tinha reunião, aula de balé, de música, era bem organizado. Iniciava ali no prézinho e depois a gente passava ali para o Francisco Antunes, era de primeira à quarta série, depois teve da quinta à oitava.

ENTORNO/IGREJA SÃO ROQUE

A igreja de São Roque, que agora é bem maior, era uma capelinha e nós íamos nesta capelinha. Como era bem pequena ficávamos do lado de fora. Eram pouquíssimos, mas depois começou a aumentar e aí começamos a conhecer os outros moradores, a fazer amizade e freqüentar a missa. Atualmente a missa da Igreja São Roque é feita aqui em baixo. Inclusive eu sou coordenadora aqui do condomínio São Paulo pela igreja de São Roque. Quando tem a missa o padre avisa, toda terça-feira tem uma missa. A gente avisa o síndico e o síndico prepara a garagem para ninguém estacionar o carro. Naquele estacionamento da igreja que está fechado, que a gente passa ali de carro, era ali que era a capelinha, ali atrás. Foi demolida a construção porque eles queriam fazer uma paróquia maior. Lá na época tinham quermesses, festas da padroeira, ou seja, era aquela confraternização.

RECREAÇÃO

Ali, onde hoje é a pracinha, era igual a um campo de futebol, era um gramado com uns bancos que eles colocaram para a gente assistir. Quando era final de semana a gente pegava as crianças e levava com a bola para eles brincarem um pouco ali no gramado. Aqui não era cercado, então a gente tinha que ficar atentos com as crianças e tinha que ir num lugar onde eles pudessem brincar e correr sem perigo.

Neste rio aqui, as crianças saíam do condomínio e iam nadar neste rio, no Baquirivu. Era sujo e os vizinhos ficavam atentos porque os maiores iam lá nadar neste rio. Depois eles construíram, com a prefeitura, um parquinho que tinha roda-roda, escorregador, balanço, muitos brinquedinhos. Mas com o tempo uns vândalos começaram a destruir e então a prefeitura começou a tirar e aí construíram esse jardim abandonado, pois

está toda abandonada esta pracinha. Mas tinha um parque e era onde a gente levava as crianças para brincar.

CLUBE DO CECAP

Tinha no Clube, tinha aquele jogo de bocha que a turma ia jogar, eles faziam churrascos, confraternizavam mesmo, iam para lá para o clube. No clube era diferente, pois, os fundadores foram os próprios moradores. Antigamente eu ia muito na sauna, agora eu não vou mais por causa da pele. Mas o meu marido ia mais. Ia ao jogo de bocha, participava bastante. Depois a gente ficou sócio. Tinha que ficar sócio para entrar e tinha piscina, sauna. Nos fins de semana a gente se reunia com os amigos e ia fazer churrasco.

CAUSOS/CECAP

Aqui no começo tinha muito bicho, inclusive rato. Mas não era rato, era gato, era enorme. Uma vez eu estava descendo a escada e haviam jogado um pedaço de pão e o rato estava roendo o pedaço de pão. Eu precisava descer a escada porque eu ia trabalhar então eu bati o pé pensando que ele ia se assustar e ficar com medo de mim e ele ameaçou me atacar. Eu fiquei morrendo de medo do rato, então eu pulei o degrau porque eu estava atrasada e tinha que ir trabalhar. Mas tinha mesmo um monte de rato. Depois melhorou, eles começaram a colocar veneno para dedetizar, a colocar veneno para matar, mas tinha mesmo e não eram ratos, eram do tamanho de um gato, enormes.

DALVA DE SOUZA, dona de casa, 58 anos.

Entrevista realizada em 02/10/2010

Eu sou Dalva de Souza, moradora do condomínio Minas Gerais. Eu nasci no dia quatro de janeiro de 1952 em São Paulo, mas vim para Guarulhos com quatro anos de idade.

ANTES DO CECAP

Antes de vir pra cá, eu morei minha vida toda no bairro do Gopoúva na casa dos meus pais. Depois me casei e fiquei lá por oito anos, já na casa dos meus sogros. Depois começou a vender aqui no Cecap e foi a nossa primeira casa. Eu cheguei aqui com uma filha de sete e um filho de três anos.

A COMPRA DO APARTAMENTO

Era muita dificuldade para pagar porque naquela época era caro. Aqui não tinha nada, era muito difícil, mas foi bom. Eu vim para o Cecap logo depois que inaugurou. Eu cheguei dia 21 de novembro de 1977. Eu vim ver apartamento aqui desde a inauguração do Condomínio São Paulo. Eu já tinha até quase comprado um outro terreno, mas pra construir era mais difícil. Além disso, eu precisava sair da casa da sogra. Depois eu vim ver a inauguração do Condomínio Paraná e chegando lá a gente não gostou daquelas vigas e tal. Foi quando um moço disse que brevemente seria construído do outro lado. Mas aí aquilo passou. Depois eu vim pra ver o primeiro prédio do Rio de Janeiro e aí me interessou. O meu marido tinha o fundo de garantia pra comprar. Aí depois foi inaugurado aqui e foi até hoje e não pretendo ir embora.

A CHEGADA NO CECAP

Foi num sábado maravilhoso. É um dia inesquecível da vida da

gente. Não havia ninguém porque eu fui a primeira moradora da escada. Não tinham muitos condomínios e não tinha nem luz. Eu fiquei 20 dias sem luz. Aqui era muito mato e dava muito medo. O primeiro dia foi muito louco. Na mudança estava toda a família aqui e tudo. Eu já vim preparada porque não tinha nada ainda. Tinha já um supermercado que na época se chamava Morita. Não tinha padaria também ainda. A padaria, se eu não me engano, foi inaugurada no dia 25 de janeiro, mas não me lembro o ano.

Eu também cheguei a ver a inauguração do Clube do Cecap, vi a formação do Clube de Mães e a inauguração dos outros condomínios. Aqui quando a gente chegou todos os casais estavam em seu primeiro imóvel. Então estava todo mundo naquela euforia de montar e de cuidar. A gente foi crescendo junto com o condomínio.

COTIDIANO

Eu fazia unha em casa pra ajudar. Fiz isso muitos anos. Olhei muito os filhos das vizinhas porque elas trabalhavam e eu ficava em casa e também queria ter o meu dinheiro. Então eu cheguei a ficar com quatro, cinco crianças aqui dentro de casa. Quando a creche fechou teve uma vizinha aqui que ficou com 15 crianças. Porque as mães precisavam trabalhar e não tinha a creche. A minha vizinha pegou e aí depois eu também me cansei de fazer unha e comecei a olhar. Comecei com uma garotinha pequena e a mãe era professora e depois foi vindo o segundo, o terceiro, o quarto e se tornaram meus filhos praticamente aqui dentro de casa. Hoje eu tenho saudades.

Inclusive uma menina está no Japão dando aulas de inglês. Ela até já se formou e tudo. Um outro menino está em Fortaleza e está estudando para ser médico. Um outro é jogador de futebol e está morando no Paraguai. Até hoje eu recebo cartas,

telefonemas deles, então é uma delícia. É uma família. Eu fazia o meu serviço, ganhava meu dinheiro e descia com as crianças e participava. No Colégio Chicão tinha muito campeonato de vôlei das meninas. Então eu pegava as crianças, as colocava nas costas e atravessava a Dutra junto com as outras mães e nós íamos todas juntas. Era uma delícia. São coisas que não têm mais hoje e que a gente sente muita saudade.

VIDA COMUNITÁRIA

A gente se juntava para brincar e jogar aqui na rua. Era tudo aberto. Jogávamos vôlei com as crianças, descia um lanche, descia a água e participava. Era aquela união. As crianças brincavam de Miss, tinha gente que enfeitavam as crianças. Então tínhamos várias atividades aqui dentro. Sem nada sem nada. Porque agora tem quadra e ninguém participa de nada. Eu na minha escada eu considero as 11 famílias todas minhas. É cada um na sua, mas você pediu e logo está todo mundo querendo ajudar, todo mundo correndo. Então pra mim ainda continua uma família. A maioria das pessoas que chegaram comigo foram embora. Infelizmente, agora só restaram poucos como a vizinha da frente e mais duas lá do primeiro andar que são mais antigas também. Agora o resto já tudo renovou, foram embora.

FILHOS/CLUBE DE MÃES

Na época minha filha tinha sete anos. Hoje ela é casada e mora na minha escada. Já meu filho tem agora 34 anos. Ele tinha três anos nessa época. A minha filha estudou no Chicão e o meu filho estudou aqui do lado de casa, no Leopoldo. Ele fez o prézinho no Clube de Mães. O objetivo de lá era ter creche para as mães daqui poderem trabalhar e ajudar o marido. O Clube de Mães também tinha uns espaços para as mães trabalharem de manicure, fazer artesanato e tinha uma escola gratuita, aliás,

começou gratuita. A gente ajudava fazendo almoço pra comprar uma cortina, pra comprar carteira, ou seja, lutando. Depois de tudo isso montado houve eleições e fizeram isso particular e agora fechou. O Zulma pediu algumas salas do Clube de Mães para a população da Hatsuta que encostou aqui. Tinham muitas crianças pequenas e o Zulma não tinha sala e não podia deixar as crianças de fora. Então pegou duas ou três salas aí. E chegando aí, como elas tinham formado uma escola particular, determinou que as crianças da Hatsuta entrassem até por outro portão para que não se misturassem. Então isso daí criou na gente, que era mais antiga, uma revolta. Fizeram ali um “só pra mim”. E as mães que não têm condições, como é que ficam?

O meu negócio no Clube de Mães não era ficar só lá no escrito e nada: eu ia pegar um gás, eu ajudava no mercado, ajudava com as crianças, ajudava nas festas. Depois aqui no nosso condomínio, pra levantar dinheiro, foi feita uma festa lá. Eu gostava de participar de tudo. Eu gostava de todas as festas: as festas juninas e as festas dos dias das mães. Teve a festa da feijoada do condomínio, que era para arrecadar fundos, depois teve uma pra colocar o antigo PABX, que não era como era agora que tem telefone fácil. Eu sempre participei de tudo.

CLUBE DE MÃES/FECHAMENTO

Os diretores ficavam um tempo, como, por exemplo, os conselheiros. Aqui um síndico fica dois anos e depois faz a assembléia e ele pode ser renovado. Como às vezes um não quer, então o antigo é renovado. Lá no Clube de Mães aconteceu a mesma coisa. Tinha a eleição com as mães e então determinada mãe entra e a outra não quer ficar e foi indo e indo. Isso foi fundado sem fins lucrativos: a prefeitura dava a merenda, a prefeitura dava psicóloga, a prefeitura dava professoras. E depois com o dinheiro da creche ia-se arrumando professores para abrir novas salas pra poder trazer mais crianças.

Então isso daí foi crescendo e quando estava tudo perfeito teve alguém lá que quis mudar o Estatuto e tudo. Aí então no que ela foi se fazendo como particular o povo foi se afastando. O dinheiro vinha das festas lá de dentro e o dinheiro que ia ganhando ia se revertendo na compra de carteiras, cortinas, um quadro, fazendo uma pintura. Era para a própria escola.

A PAVIMENTAÇÃO/ILUMINAÇÃO

Nós mesmos que pagamos tudo. Houve uma movimentação dos síndicos dos condomínios para asfaltar. Foi a Proguaru que fez. A iluminação também foi a gente que pagou.

IMPrensa/FOLHA METROPOLITANA/OLHO VIVO

Antigamente tinha umas partes nesses jornais dos problemas só daqui do Cecap. Eu achava legal. Também havia uma moradora aqui que já faleceu que ela fazia um jornal interno daqui dos nossos problemas. A Mara [trecho inaudível]. Ela faleceu.

ESCOLAS

Quando eu cheguei o Chicão já estava pronto. Quando eu cheguei era tampado aqui na frente com um tapume, não se ia pra lá. Aí passou a se construir o Condomínio Espírito Santo e o Condomínio Bahia. Conforme eles foram construindo pra lá aí já foram também construindo as escolas. O Colégio Elísio era o antigo CEFAM que fechou. Todo mundo achou uma perda enorme isso. Era oportunidade para os jovens ter um curso legal. Foi uma pena aquilo ter fechado.

O ENTORNO

Eu acho que o aeroporto mudou o Cecap pra melhor. Eu tenho essa visão. Por exemplo, eu fui convidada a ir a várias passeatas por causa da cadeia. Só que no primeiro dia que eu fui à passeata, eu olhei do outro lado da Dutra o negócio já estava

pronto. Quando chegou o aeroporto alguns vizinhos reclamaram. Os meus antigos vizinhos que foram embora saíram por causa do aeroporto. “Ah, vem aí o aeroporto, essas janelas vão cair. Esse prédio vai desabar”. Todos eles venderam e foram embora. Aí como eu não tinha condições de ir embora eu falei: “vou esperar pra ver”. Não aconteceu nada daquilo.

Também tem a Rodoviária agora. Aí dizem: “ah, mas vai encher de prostitutas, pedintes, ladrão”. Vamos esperar chegar pra ver, né? Às vezes não é nada disso. Também tem o Fórum que está pra ser construído e o meu síndico está com a idéia de fazer um muro. Faz um muro e tal e deixe acontecer, deixa acontecer. Vou fazer o que? O pessoal: “ah, porque a família dos condenados vai vir e vai dar tiroteio”. Eu já não penso assim. Sabe o que eu penso? Eu já penso que muitos advogados vão querer morar aqui perto do trabalho. Vão vir muitos juízes, muitas secretárias, gente de um nível melhor e o negócio só tem a melhorar. Eu penso assim.

Agora tem uma coisa aqui que eu odeio: são essas barracas daqui da frente. Nós queremos que saia esses trailers daí. Entra gente e sai gente na política e isso aí não muda nada. O único condomínio que está sendo prejudicado é o nosso. Esse negócio aí vai a noite inteira. Certa hora fecha aí na frente, mas continua lá atrás. Estão falando que agora lá vai ser um centro esportivo, mas os proprietários estão reformando as barracas cada vez mais. Então nós achamos que não vai sair nunca. Ficamos muito tristes com esse negócio. É aquilo de ir deixando e ir deixando e quando vai ver. É como na Hatsuta: foi deixando o primeiro, o segundo, o milésimo e aí foi. É a mesma coisa no que agora era o Clube de Mães: se não tomarem atitude aquilo vai virar a segunda Hatsuta porque ali já está enchendo de gente pra dormir, gente pra se drogar. É isso que a gente fica decepcionada com os políticos daqui.

O CECAP HOJE

Houve os cercamentos nos condomínios. Quanto aos cercamentos de portões nos condomínios nós fomos os primeiros a brigar e os últimos a fazer. Como inauguraram o varejão aqui na frente do Clube, aos sábados o pessoal passava aqui perto justo na época de mexerica. Então eles compravam sacolas de mexerica e comiam nas nossas garagens e largavam aquele monte de coisa e iam embora. Aí você descia e tinha pessoas, pedintes e cachorros dormindo nos bancos aí. Uma pessoa, que eu não me lembro quem, disse: “vamos fechar”. Então foram feitas várias assembléias pra ver se ia fechar. “Vamos fechar assim, vamos fechar assado” e não sabíamos onde ia ficar a portaria, se era na frente ou mais no fundo. Depois de tanta discussão não acabava em nada. Aí começou todo mundo fechar. Nós falávamos: “nós tivemos a ideia e vamos ser os últimos”. E realmente fomos os últimos. Eu nunca soube de nada de ruim com relação à segurança aqui. Foi fechado mais pela questão das pessoas passarem por dentro e tal.

O SIGNIFICADO DO CECAP

Aquí, por exemplo, eu sou muito feliz. Foi a minha primeira casa e acho que será a última. Muitas dificuldades e tudo, mas um lugar maravilhoso, ótimo de morar. A convivência com o pessoal é muito boa. Então só tenho coisas boas para falar e pra elogiar porque é um lugar que você tem tudo. Você quer um dentista, um oculista, uma loja. Eu acho que você tem tudo. Melhor estraga.

ELIZABETA GALLO FERRARI, Psicóloga, 55 anos, morou no condomínio Rio Grande do Sul.

Entrevista realizada em 26/08/2010

ORIGEM/FAMÍLIA

Eu nasci no dia 21 de março de 1955 na Itália, mas vim para o Brasil com três anos de idade. Já estou aqui há 55 anos.

Toda minha cultura é brasileira, todo meu arquétipo de formação é brasileiro. Tenho dois filhos brasileiros, o Fábio e a Simone. A Simone já tem 37 e o Fabio 32 de idade.

A ESCOLHA DO CECAP

Pra mim era um encanto porque era a minha casa. Eu tinha minha filha que era novinha, estava grávida do meu segundo filho e eu estava super feliz. Um pouco de receio por causa do isolamento, porque não tinha nada naquela época. Fiquei um pouco assustada porque eu era muito nova e era longe de tudo. Mas fora isso eu amei o lugar, eu me encantei, fiquei apaixonada, tanto que eu vi o apartamento e falei “eu quero morar aqui, pode comprar”.

Também decidi morar aqui por causa do projeto. Pelo fato dele ser do Vilanova Artigas, pelo modelo, pela coisa do trabalho comunitário, pela idéia mesmo do Cecap. Eu me apaixonei por isso: a vida comunitária, os apartamentos iguais. Naquela época eu me encantei com o projeto e com os apartamentos que eram bem agradáveis.

A COMPRA DO APARTAMENTO

Era bem acessível, essa era uma das coisas. Quer dizer, pra nós era acessível. Se você me perguntar se pra o que ele foi

idealizado o valor era acessível ou não eu não saberia te dizer, mas pra nós ele estava acessível. Quando eu me mudei tinha os dois condomínios. O Centro Comunitário já existia. E só. Não tinha mais nada, só mato. Tinha os prédios daquela ala do São Paulo só que eles não estavam habitados. Eles começaram a ser habitados aos poucos, então era um apartamento aqui, outro ali. Primeiro essa ala da Monteiro Lobato, depois é que foi construindo o Rio de Janeiro, Minas. Então era só um grande deserto mesmo.

Perto dos prédios havia algum quiosque que vendia pão, leite. O quiosque era ali onde é agora a Escola Francisco Antunes. No campo, onde tem hoje um Posto de Saúde ficava um trailerzinho que vendia essas coisas. Era a única coisa que tinha, não tinha mais nada. Hoje tem tudo lá, na época não tinha nada. Então tudo o que foi construído, foi construído depois, praticamente depois de uns quatro anos que começou. Mas não tinha nada, não tinha farmácia, absolutamente nada.

O ENTORNO

Eu fui morar no Cecap em 1978. Quando eu fui morar no Cecap eu estava grávida do meu filho do Fábio e acabei morando lá por 18 anos.

Quando nós mudamos só tinha dois condomínios: o São Paulo e o Rio Grande do Sul, que é onde eu morei. Como era uma comunidade em formação - e a gente tinha esse ideal de participação comunitária - começamos a nos articular e a fazer reuniões com os moradores, buscar reivindicações etc. Disso acabou surgindo também uma coluna num jornal diário em Guarulhos e nós tínhamos uma coluna do Cecap. Como o Cecap era meio isolado do resto de Guarulhos a gente buscou formar uma comissão de moradores pra levar as reivindicações, já que não havia nada de estrutura no Cecap. Tinha uma

barraquinha onde a gente comprava leite e pão, então não tinha padaria, não tinha nada. A gente precisava das melhorias. A partir disso nasceu a idéia da organização comunitária justamente com esse intuito de fortalecer a comunidade e buscar as melhorias para o bairro.

Uma coisa que a gente fazia muito era fazer as atividades no próprio bairro. No começo isso não era tão intenso, era mais em termos de reivindicação de melhoria. Agora a partir que o tempo foi passando, que mais pessoas foram se mudando pra lá e mais condomínios foram sendo construídos, foi que veio a idéia de trabalhar de uma maneira mais organizada.

INFRAESTRUTURA

Não tinha lugar pra estudar, na época não tinha escola. Depois foi surgindo tudo como conquista da comunidade, tudo o que veio depois. O próprio Clube de Mães. O Clube de Mães era uma escolinha na época, não tinha fins lucrativos. Eu não sei como está hoje, mas a gente tinha uma escolinha pré e maternal para abrigar essas crianças para que suas mães pudessem trabalhar, fazer outras coisas. Não tinha creche, não tinha nada. Provavelmente tinha que pegar ônibus na Dutra também porque também não tinha linha de ônibus. As linhas de ônibus que hoje fazem aquele percurso não tinham naquela época. Tinha a Monteiro Lobato, era tudo diferente, se tivesse uma ou duas linhas de ônibus. Eu não sei dizer com precisão, pois eu sempre usei carro e dificilmente pegava ônibus. Eu dirigia, eu tinha o meu carro e o meu marido tinha o dele. A gente ficava de certa forma isolada por causa disso. Precisava-se sair e se você não dirigia não dava, lá não tinha nada. Hoje você tem o Centro Comercial, antes não tinha, tinha que ir pro Centro de Guarulhos e aí pra quem não dirigia e pra quem tinha filho pequeno era complicado mesmo. A gente ficava meio isolado do resto de Guarulhos.

CONSELHO COMUNITÁRIO

O Conselho Comunitário era uma organização de moradores que se reunia em qualquer lugar. Com o tempo eles montaram aquele Centro Comunitário daquele prédio enorme que tem ali onde tem as quadras hoje. Aquilo ficou muito tempo parado e a gente até brincava e chamava de elefante branco porque era um prédio enorme que não tinha uso nenhum, ficou muitos anos sem utilidade. Estou falando por volta de 1982. A gente começou um movimento pra ocupar o Centro Comunitário e o colocamos pra funcionar para a própria comunidade. Então nós ocupamos espaço através desse Conselho Comunitário e também através do Clube de Mães que havia sido fundado. Na época havia dois ambientes: um que era as quadras, piscina e tudo e outro que era um prédio que tinha umas salas e um anfiteatro. Então surgiu a idéia de fazer um espaço para que as mulheres moradoras do Cecap tivessem algumas atividades, além de um lugar pra abrigar as crianças e os jovens que ficavam sem atividade. Eu fui a primeira presidente desse Clube de Mães, acho que foi em 1981.

ATIVIDADES DO CONSELHO

Eu participava muito das atividades do Conselho. Fazíamos atividades para as crianças, sempre tinha corrida e a gente conseguia patrocinador, tinha o Pintando o Sete (aos domingos a gente pegava a criançadinha e conseguia tinta e montava a atividade).

Lá tinha uma pracinha e com muitas áreas abertas. Então nós pedíamos para a Prefeitura e ela fechava para fazermos atividades ali. Era como as ruas de lazer hoje. Fazíamos tudo isso na própria comunidade. Quem sugeriu que nós colocássemos pra funcionar o Clube de Mães pra trabalhar dentro do prédio do Centro Comunitário foi uma pessoa que era

inclusive uma professora. Ela era da regional aqui da Educação e ela era do governo. Como éramos da comunidade e éramos líderes de certa maneira, então eu acho que eles tinham certo interesse que nós fizéssemos o Clube de Mães. Na época eles viram uma maneira de unir o útil ao agradável.

“Então a gente dá apoio e eles vão lá e vão botar pra funcionar o prédio que está parado”. Eu tinha essa impressão. Por que eu to te dizendo isso? Porque sempre há tramites políticos que às vezes vai no purismo do idealismo e você não capta muito bem o que é que ta por traz da coisa, mas eu tenho a impressão que foi isso, viram que éramos líderes, fazíamos atividades, botávamos a mão na massa e eles resolveram botar pra funcionar essa outra parte que é onde é o Clube de Mães. Aí ela veio e disse: “olha a gente está pensando em colocar...”, provavelmente estava a serviço da Codespaulo. O nome dela era Neide Aragão. Ela veio e eu me entusiasmei muito com a idéia porque era uma reivindicação nossa ter uma escolinha, ter um lugar para as crianças fazerem atividades, um lugar para os jovens.

E aí eu topei a parada e fui a primeira presidente do Clube de Mães, ela voltou e nos ajudou a montar toda aquela papelada , porque a gente não sabia muito bem, eu era muito crua nesses assuntos, não sabia lidar com a questão legal. Tinha que fazer uma entidade sobre determinados moldes, que tinha que fazer um estatuto, eu não sabia. Eu era entusiasmada, era idealista, eu queria trabalhar, queria fazer a coisa acontecer. Agora essa questão burocrática eu não era muito boa nisso. E ela deu uma mão nisso, porque ela tinha interesse e o governo provavelmente também tinha interesse de falar que tava funcionando. E aí ela ajudou a gente com a papelada e fundamos o Clube de Mães com as mulheres que já estavam articuladas com o Conselho e as que estavam participando normalmente e aí colocamos pra

funcionar.

A MULHER NO CECAP

Naquela época eu não trabalhava com nada. Eu era dona de casa e eu estava grávida. Há que pensar que em 1980, a configuração da família e a configuração social da questão da participação da mulher eram bem diferentes. Em 20 anos mudou muita coisa. Tanto que, por exemplo, as atividades que a gente desenvolvia no Clube de Mães eram no sentido de conscientizar as mulheres, de fazê-las participarem de teatro e de participarem de outras coisas. Ou seja, fazê-las abrirem a mente para as outras atividades. Isso era uma coisa revolucionária naquela época.

Hoje é absolutamente natural uma mulher estar incorporada na vida social, mas naquela época não era, principalmente para as moradoras do Cecap que ficavam muito enclausuradas no seu mundinho particular, porque o próprio apartamento, o próprio projeto facilita isso, esse isolamento. Ao mesmo tempo em que tem uma idéia de comunidade tem-se também a do isolamento porque cada um fica no seu apartamento e essa não era a idéia. A idéia era haver essa troca. Então, naquela época uma mulher que trabalhava e que participava ativamente era difícil de encontrar. Até porque em 1980 ainda tinha um pouco daquele resquício do autoritarismo, da questão do regime que prevaleceu no Brasil, eu estou falando isso sem conotação política porque eu não sou filiada a partido político nenhum, nunca fui. Sou uma pessoa que participa da política, participo, me interessa, eu acho que todos somos seres políticos em essência, mas eu não gosto de vincular-me a partido, não é da minha natureza, meu trabalho é por outro viés. Então, na época tinha muito dessa herança, a minha geração tem muito essa coisa da herança. Herança que eu falo desse autoritarismo, do machismo e tal. Além disso, em 1980 a gente tinha muito pouca liberdade pra ser reunir em grupo.

MOBILIZAÇÃO

Na verdade, quando você tem poucas pessoas no entorno você procura se fortalecer e você se vincula muito aos vizinhos. Porque como você fica sozinho, fica longe de pai, de família, então era uma coisa natural não só da minha parte, mas da parte das vizinhas também. Então aconteciam aqueles encontros, conversas, um ia na casa do outro, tinha essa troca. Eu penso que esse fortalecimento já surgiu dessas dificuldades que todo mundo sentia. Então nós começamos a nos encontrar e foi uma coisa que aconteceu meio que naturalmente. Surgiu aí a idéia do Conselho, que era um de cada condomínio, na época era um de cada bloco eu acho, porque só tinha o Rio Grande do Sul. Então era um de cada bloco.

Esse Conselho se reunia exatamente pra isso: “olha, vamos reivindicar, vamos trazer equipamentos pra cá, vamos trazer uma farmácia, vamos trazer supermercado, justamente por isso, se não nós vamos ficar isolados aqui e tudo o que a gente precisar vai depender do Centro de Guarulhos, vai depender de ir pra lá”. Não tinha segurança, não tinha nada, então nesse sentido, foi uma coisa meio espontânea, meio natural. Nos reuníamos ali mesmo nas casas, nos apartamentos. Porque não tinha Centro Comunitário, não tinha nada, então a gente se reunia ali mesmo. Aí depois que a gente começou a usar o Centro Comunitário. Isso foi muito rápido, foi muito pouco tempo porque logo já pôde usar lá o Centro Comunitário. Então a gente já foi se reunindo, já conseguiu a coluna, o Cecap começou a se fazer ouvir.

Nós buscávamos a Prefeitura e a Codespaulo, o pessoal que tinha construído o prédio, o Cecap. Então sempre tinha essa conversa direta do Conselho de moradores com a Codespaulo. Então sempre tinha isso de “olha está aqui no Projeto que vocês iam construir um Centro Comercial, quando vai ser? Como é

que vai ser? Precisa ter porque nós temos crianças, precisamos de atendimento médico, precisamos de segurança, precisamos ter supermercado”.

O CLUBE DE MÃES

Era um espaço que as mulheres e a comunidade poderiam utilizar. O espaço deveria atender mais às mulheres especificamente pelo fato de ser uma necessidade delas como donas de casa de ter atividades, de fazer inclusive cursos pra gerar renda, a gente fazia isso lá. Muitas não tinham formação. Tinha coisas para os jovens e para as crianças também. Coisas para os jovens e crianças para que as mães deixassem seus filhos e elas tivessem as suas próprias atividades. Então era esse o objetivo, fazer com que essa comunidade através dos próprios recursos melhorasse a sua qualidade de vida e arrumar meios de trabalhar essas carências. Porque era isso mesmo a questão das mulheres que ficavam em casa e não tinham informação nenhuma. Então a gente tinha curso profissionalizante, aí tínhamos a escolinha para as crianças e tínhamos atividades para os jovens, que era o teatro, música etc. Enfim, envolver a própria comunidade cada vez mais nas atividades.

Nosso objetivo também era trazer cada vez mais a comunidade pra dentro do Clube de Mães, pra que a comunidade participasse e buscasse fortalecimento não só em termos de atividades, mas também que pudessem se fortalecer e buscar as melhorias. E as mulheres, por que as mulheres? Porque elas que ficavam mais tempo, elas que viviam toda a situação do Cecap. Isso era muito vivenciado pelas mulheres, elas é que ficavam o dia inteiro lá. O homem ia trabalhar e a mulher ficava ali com a criança, então era quem mais sofria.

O Clube de Mães não era o clube da Luluzinha, era realmente mais dirigido às mulheres por conta dessa carência das mulheres

que ficavam no Cecap. E também porque elas participavam mais da vida comunitária. Naquela época, hoje nós temos uma outra realidade com relação à mulher, então você tem que ser reportar a uma realidade de 20 anos atrás pra você entender o porquê do objetivo e o papel que teve o Clube de Mães naquela época de abrir um espaço pra autonomia da mulher, pra independência, pra que ela pudesse se valorizar e encontrar dentro dos próprios recursos dela a condição de ela ter uma qualidade de vida melhor. Isso na época era alguma coisa de muito significado. Hoje não, hoje a mulher é independente, hoje a mulher tem uma conquista social e no mercado que não se compara com vinte anos atrás, parece que não, mas 20 anos faz diferença.

O Clube de Mães era no prédio do governo do Estado, na época era o Maluf, o pessoal do PDS. A gente trabalhava muito com os jovens. Tínhamos uma coisa quando começou: os meninos começaram a crescer e a ficar jovens, fora os que vieram. Eles não tinham muito que fazer. Então usava bebida, então começou a ter uma coisa de droga e a gente procurou ocupar esses jovens, vamos fazer teatro, vamos tentar fazer música, vamos tentar dar uma atividade pra eles canalizarem essa energia. E aí o Clube de Mães começou a aparecer. Eu não era política, mas um equipamento daquele acaba sendo usado politicamente, há pessoas que acabam estando junto e que são políticas e aí começam aquelas intrigas.

Uma vez nós trouxemos o Plínio Marcos, nós trouxemos outros espetáculos, mas ele veio. Então tudo isso causava um problema como se a gente tivesse alguma conotação política, mas não tinha. De fato não tinha, nunca tive a conotação política. Meu objetivo era fazer com que justamente tivesse algum tipo de atividade, que as mulheres abrissem a cabeça e pudessem ter aquela noção de comunidade, que elas pudessem sair, trabalhar, ser mais independentes. Elas precisavam ter uma outra visão da

vida, não ficar só no mundo delas. Os próprios jovens, que eles não precisavam canalizar pra isso, que eles podiam usar de outra maneira a sua energia, enfim, esse era o objetivo não tinha outro, não tinha objetivo político.

TEMAS DO CLUBE DE MÃES

Nós tínhamos, não sei se era uma vez por semana, mas nós tínhamos palestras. Nós trazíamos pessoas, personalidades de São Paulo, sempre procurávamos fazer palestras dirigidas às mulheres no sentido delas se valorizarem, pra mulher não aceitar o mau trato, pra elas se respeitarem, buscarem reconhecer o potencial delas já que elas tinham capacidade. Ela poderia ser a mãe, a dona de casa, mas ela poderia também se interar com o mundo, saber o que estava acontecendo, se respeitar mesmo. Elas tinham esse direito e deveria buscá-los. A gente também tinha essa conotação.

Queríamos uma coisa voltada para a conquista dessa liberdade e para essa participação efetiva. Eu acho que em Guarulhos, em termos de trabalho, é um trabalho pioneiro. Era uma coisa que nós fazíamos com os próprios recursos da comunidade. Nós fazíamos festa, fazíamos Festa Junina e os bancos, móveis, tudo nós conseguíamos de doação de empresários. Pintura foram os próprios pais que fizeram, os bancos foram os próprios pais que fizeram, iam lá no final de semana os pais, pegavam as ferramentas e faziam os bancos para as crianças sentarem. Tudo foi construído a partir da comunidade e doação, não havia dinheiro em jogo entre os associados, não tinha isso.

RELATOS DO CLUBE DE MÃES

Eu ainda encontro pessoas que falam pra mim sobre o Clube de Mães. Aliás, não faz muito tempo um ano, eu encontrei uma mulher e ela falou assim: “Olha você não sabe como foi importante eu ter participado do Clube de Mães. Um tempo

depois que estava participando lá o meu marido foi embora de casa, me abandonou e eu nunca tinha trabalhado eu fiquei perdida. O que me ajudou foi justamente o que eu aprendi lá no Clube de Mães. Aprendi a me valorizar. Eu saí e fui trabalhar e consegui tocar minha vida e eu me lembrava sempre das coisas que eu aprendi lá, isso me ajudou.” Então isso é gratificante. Não fui eu, porque eu era diretoria, mas todas as pessoas que passaram lá e ajudaram essa mulher. Ela poderia ter se desesperado, mas não se desesperou.

OS RECURSOS

Depois de uma época começou a vir as professoras. Como a gente não tinha arrecadação, a Prefeitura nos cedia as professoras pra poder atuar na escolinha. Mas na época o que a Prefeitura nos cedia era isso, era a merendeira e o era o R.H. porque a gente não tinha recurso pra pagar. Agora a diretoria, todo mundo que trabalhava ali era tudo voluntário, não tinha salário. Na minha época não tinha. Depois eu fiquei sabendo que mudou. Depois que eu saí mudou um pouco a configuração, aí eu não sei dizer como é que está, mas na época que eu estava não tinha, ninguém recebia nada.

Lá fiquei uns dois anos. Eu fiquei bem pouco tempo. Foi intenso, mas pouco tempo. Logo eu saí.

IMPrensa/OLHO VIVO

Eu acho particularmente que o jornal Olho Vivo, que nasceu no Cecap, contribuiu muito pra Guarulhos, não só para o Cecap, mas para Guarulhos também. Então ele tem um aspecto muito significativo pra cidade. A gente acaba contribuindo quando você tem um trabalho de comunicação forte. Você ajuda a cidade também. Esses movimentos foram significativos e eles não mudaram só a cara do Cecap: eles mudaram a cara de Guarulhos também.

Quando a gente tinha o jornal, tinha só a Folha Metropolitana, era um monopólio, aí surgiu o jornal, outros jornais surgiram depois, então ampliou. Só tinha a Folha e a Folha era do Prefeito, que também tinha a empresa de ônibus. Então ficava tudo amarrado. Com um outro jornal veio uma outra mentalidade também, você abre a perspectiva de uma coisa diferente para as pessoas pensarem e não só pensar naquilo. Queira ou não queira a imprensa é formadora de opinião, então sempre tem uma influência muito grande.

O CECAP HOJE

Mudou totalmente. É outro Cecap. Em termos de comunidade, de articulação de comunidade eu não vejo. Vejo agora um Conjunto Residencial, cada um tem sua vida, como em outro qualquer. Mudou a configuração total do Cecap. Eu vejo assim, não sei se porque eu estou distante, mas às vezes que eu voltei, tenho amigos lá, eu não tenho mais aquela impressão que eu tinha. Porque como eu disse, o movimento que surgiu da comunidade foi um movimento muito ditado pela necessidade, pelo fato de ter pouca gente, não ter nada, ele era um bairro que estava se estruturando, estava nascendo. Então tudo isso colaborou. Depois ele foi ganhando outras caras. A vida é muito dinâmica, as coisas mudam, o que você pensa hoje, daqui a pouco você não é mais. Tanto o ser humano quanto a própria vida estão em constante transformação então.

O Cecap hoje é outra coisa. Mas acho que hoje ele é resultado do passado. Então se hoje o Cecap é o que é e se tem a estrutura que tem é porque houve essa união dos moradores, essa preocupação, houve esse ideal. Porque acho que não é só uma questão do trabalho, é uma questão daquilo que você idealiza, do sentimento que você coloca nas coisas, do desejo que você quer que aquilo se torne uma coisa boa pra todo mundo, eu acredito muito nesse poder: do teu sentimento, do seu ideal, do seu

desejo e de isso se concretizar. Pode não ser através de você, mas através de outras pessoas. Então eu penso que hoje o Cecap é muito fruto disso. O Cecap hoje é um lugar que tem tudo, você vai lá tem Centro Comercial, tem tudo. Hoje tem até o Hospital Geral, que não é do Cecap, tem o Terminal Rodoviário que está chegando, enfim. E Guarulhos também mudou, não tinha o aeroporto, hoje tem.

O SIGNIFICADO DO CECAP

Eu acho que pra Guarulhos, o fato de ter um movimento no Cecap foi significativo porque hoje você tem muitas lideranças do Cecap que estão na vida política de Guarulhos, na vida pública de Guarulhos. Foi importantíssimo porque eu aprendi a trabalhar em comunidade, aprendi a me relacionar socialmente, aprendi a ampliar minha visão sobre a questão política. Então toda a minha formação hoje eu uso muito, inclusive no trabalho que eu faço, nas palestras que eu dou, no próprio trabalho que eu estou fazendo hoje na área da saúde.

Você aprende a interagir, aprende a se relacionar e você amplia sua visão sobre o mundo e sobre as coisas, então pra mim foi fundamental. E não só pra mim como para os meus filhos também. Hoje uma coisa que eles têm, da qual eu me orgulho bastante, é justamente essa visão que eles têm de comunidade, eles respeitam as pessoas, respeitam o espaço dos outros, se preocupam com as outras pessoas.

E você poder enxergar o outro, se valorizar, mas também valorizar o outro, respeitar, ter ética, ter comprometimento, saber que o que você vai fazer, o que você faz influi na vida das outras pessoas. Hoje eu tenho o maior orgulho do trabalho que eu fiz lá porque eu sei a intenção que eu fiz, eu sei que beneficiou muita gente.

FRANCISCO MARINHO, Engenheiro, 60 anos, mora no condomínio Paraná.

Entrevista realizada em 14/07/2010

ANTES DO CECAP

Eu morei ali próximo da Avenida Paulista, Rua Carlos Sampaio, no Paraíso. De lá eu mudei pra Penha e em 1974 mudei pra Guarulhos, aqui pro Parque Cecap.

VIDA PROFISSIONAL

Eu nasci na cidade de Presidente Prudente, estado de São Paulo, há exatamente 60 anos e vim pra São Paulo aos quatro anos de idade. Fiz meus estudos aqui. Aos 14 anos eu ingressei na Cecap, empresa Cecap. Na época se chamava Caixa Estadual de Casas para o Povo, onde eu fiquei de 1964 até agosto de 1980. Foi por um acaso que eu caí pra trabalhar na Cecap. Entrei lá de garoto, naturalmente entrei como office boy, e cheguei na área de engenharia. Permaneci na engenharia até 1980.

CAIXA ESTADUAL DE CASAS PARA O POVO

Nesse período de 1964 até 1980, nós participamos de vários projetos habitacionais em todo o interior do Estado de São Paulo, além de Guarulhos. Esse Parque Cecap de Guarulhos, Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, tem esse nome de Zezinho Magalhães Prado em homenagem ao superintendente na época de 1965/66. Ele foi um dos idealizadores desse empreendimento onde ele contratou um escritório técnico liderado pelos arquitetos Vilanova Artigas e Fábio Pentead. Eu tive o prazer de fazer parte desse grupo, trabalhar com esses homens aí. Tive o prazer de trabalhar com esses artistas e de participar aqui do projeto e de todo

acompanhamento da construção do Parque Cecap Guarulhos.

A COMPRA DO APARTAMENTO

Foi em 1977. Nesse ano foi liberada a compra dos apartamentos para os funcionários da Cecap, pois a maioria das pessoas não tinha um perfil de salário compatível com as exigências da empresa. Então foi em 1977, foi quando liberou pra gente. Porque quando eu mudei pra cá em 1974 eu mudei pro apartamento de um amigo meu que estava desocupado. Eu casei em abril de 1974 e ele me ofereceu o apartamento pra morar. Nunca nem imaginava morar aqui em Guarulhos, só que eu estava próximo de casar e esse amigo me ofereceu o apartamento. Foi quando aceitei e vim morar aqui em Guarulhos. Eu enfrentei todo esse problema de falta de condução, lama, falta de comércio etc. Eu enfrentei isso aí.

O CECAP-GUARULHOS

Parque Cecap Guarulhos. Esse foi o pioneiro. Essas casas populares nós fomos modificando o projeto no decorrer dos anos. Aí os projetos foram bastante modificados, as casas foram reduzidas, os terrenos foram reduzidos também onde a gente fazia cem lotes, de cem casas, passamos a fazer 150, 200. Conjuntos Habitacionais eu lembro que nós já fizemos um conjunto de 571 casas. Quinhentos e setenta e um é bastante. Foi um dos maiores projetos de casa em Jaú e era terra do Zezinho e na época de Zezinho também que ele era de Jaú. E lá em Jaú foram construídos acho que sete conjuntos habitacionais e têm várias outras cidades que têm mais que três conjuntos da Cecap. O primeiro projeto da Cecap na Grande São Paulo foi em Guarulhos. Depois fizemos também Santo André, grande conjunto habitacional em Santo André, aliás, um terreno de bastante relento de características completamente diferentes desse aqui.

SR. ZEZINHO MAGALHÃES PRADO

Acho que a escolha partiu do próprio Zezinho Magalhães. O Zezinho Magalhães era uma pessoa bastante conhecida em São Paulo. Ele foi deputado estadual e foi prefeito municipal de Jaú e tal. Então inteligente como ele era, ele queria a melhor equipe pra trabalhar com ele. Então foi escolha do Zezinho. Foi o Zezinho que escolheu o arquiteto Artigas para fazer o Projeto.

O PROJETO/TERRENO

Não existia o Projeto, existia só a idéia do Zezinho Magalhães. O que nós tínhamos era uma área de 1.800.000 m² pra elaborar um projeto habitacional diferente (da Caixa Econômica Estadual). A primeira coisa que a gente fez da área de engenharia foi conhecer o terreno, conhecer e fazer toda a demarcação. Então a gente veio com a equipe de topografia e fomos demarcando toda área e demarcamos toda essa área de 1.800.000 m². Aí vieram os estudos de solo, foi quando contrataram a Engesolo. Antes aqui havia muita atividade hortifrutigranjeira e esse solo teve que ser substituído. Então foram trocadas camadas de dois, três metros de solo. Era tudo alagadiço e as moradias que existiam era moradias precárias dos próprios lavradores que trabalhavam aqui. Eram coisas muito pequenas, não significavam muito em termos de construção, eram obras precárias.

A ÁREA

A gente só teve idéia da área, “a área é essa aqui”, tinha algumas placas da Caixa definindo por aqui o eixo do rio e tal. Aí a gente foi pregando e correndo todo o perímetro por aqui e demarcando. Depois foi feita a topografia, a aerofotogrametria foi feita pela Vasp na época. Então a Vasp fez a foto aérea, a aerofoto, que nos ajudou a gente também a fazer a demarcação. Em termos de topografia, aqui é uma área bastante plana. É

planície, não tem subida, decida não tem declives, aclives. Então a topografia aqui era uma constante, então eram mais limites.

A PLANTA

O projeto foi muito bem estudado, muito bem elaborado. Para executar esse projeto não houve problema nenhum, não houve alterações. Houve algumas alterações de projeto com relação ao que o Vilanova Artigas queria implantar. Por exemplo, a cozinha e a lavanderia já seriam dotados de equipamentos fixos. Queríamos fogão, geladeira e máquina de lavar feito em concreto armado. Isso aí não vingou, não sei se onde pode haver esse tipo de informação sobre o Projeto. A única alteração de projeto foi essa, foi a exclusão desses equipamentos.

A CONSTRUÇÃO/PERFIL SOCIOECONOMICO DOS MORADORES

O Condomínio São Paulo foi o primeiro, o Paraná o segundo, o Rio Grande do Sul o terceiro e o Santa Catarina o quarto. Eles foram a cada dois anos entregando um quarto de freguesia porque freguesia aqui no Projeto Artigas eram quatro condomínios. O primeiro conjunto, o Condomínio São Paulo, foi construído de forma que só metade teria garagem. A outra metade não foi feita a demarcação e nem o espaço pra veículos, pois como foi projetado para as pessoas de baixíssima renda, eles não alcançariam a posição de ter um automóvel.

Quem fez os outros 50% foram os próprios moradores, já que a idéia é que aqui no máximo 50% teriam carro. Só que a história mudou, hoje tem gente com três, quatro carros. Falta garagem hoje. Havia um departamento na Cecap que analisava o potencial de pagamento de cada morador. Aquele sujeito de baixíssima renda possivelmente não pagaria a terceira prestação, então era feito um levantamento criterioso de forma que essas pessoas permanecessem aqui pelo menos uns 20 anos pagando.

Pensavam assim: a gente faz 50% porque no máximo 50% vão ter carro, agora se a gente estiver equivocado a gente faz outros 50%. Foi o que aconteceu no Condomínio São Paulo. Esse restante foi realizado depois já com as pessoas morando lá, só que os carros ficavam lá fora e nós íamos fazendo as garagens 50% restantes.

Depois mudou muito o perfil sócio econômico porque aqui passou a ser um conjunto habitacional visado por pessoas que queriam morar num lugar tranquilo. Então muitos compradores daquela época lá venderam. Isso aqui já tem terceiros, quartos donos, então o perfil econômico já está muito grande. Hoje têm médicos, engenheiros, tínhamos deputados federais que morava aqui, tínhamos cinco vereadores que moravam aqui, então mudou completamente.

PREFEITURA DE GUARULHOS/A CECAP

A relação entre os poderes era boa. A relação era muito boa porque pra Guarulhos era bastante interessante a implantação de um conjunto habitacional desse porte. Era uma grande área que estaria sendo ocupada pra um projeto de primeiríssima qualidade. O relacionamento com a Prefeitura de Guarulhos foi o melhor possível. O prefeito estava sempre lá com a gente na Cecap, a gente estava aqui sempre com os prefeitos. Teve o Valdomiro Pompeu, teve o Pascoal Thomeu e outros. Havia mandatos que se prolongavam, mandatos que encurtavam, prefeitos que eram cassados então a troca era bastante grande.

Nós apresentamos pra prefeitura o projeto básico, projeto arquitetônico, onde em cima desse projeto a prefeitura, que já tinha o SAAE, deveria lançar nesse projeto os sistemas de águas pluviais, de esgoto e de água potável. Também foi com a questão do gás: nós fizemos a mesma coisa entregamos o projeto arquitetônico pra que a Comgás implantasse o projeto

de distribuição. Só que a rede da Comgás, por exemplo, ela não vinha de São Paulo pra cá, fizemos um gasômetro aqui e esse gasômetro era abastecido pela Comgás constantemente. Guarulhos foi um dos primeiros lugares a ter gás canalizado. Dá pra ver que o Projeto da Cecap-Guarulhos foi um projeto pensado bastante bem pra frente.

A REPERCUSÃO DO PROJETO

Essa obra do parque Cecap foi vista por arquitetos do mundo inteiro. Quando outros países vinham visitar a obra, os nossos arquitetos Vila Nova Artigas, Fábio Penteado, Andre Nunes e Paulo Mendes sempre os acompanhavam. Isso daqui era um espelho para o mundo inteiro, não existe conjunto habitacional igual a esse.

Agora, isso aqui se tivesse concluído seria uma beleza. Seria uma cidade pra 60 mil habitantes. Apesar de ser um projeto de vanguarda, ele foi de execução simples. Ele pensou bastante pra que se produzisse isso aqui de uma forma mais simples e foi plenamente atendido, tanto é que as obras transcorreram no prazo previsto e dentro do cronograma.

O IDEAL E O REAL

A obra em si, a construção habitacional, estava pronta. O que não tinha era o comércio, mas era coisa que eles já sabiam que iam ter que esperar um pouco. Nós tínhamos problemas de comércio aqui. Não tinha comércio. Esse Centro Comercial não existia quando mudamos pra cá, então vinham perueiros vender leite, açúcar, café e quando a gente ia trabalhar lá em São Paulo a gente já trazia de lá porque aqui não tinha.

Não tinha asfalto, não tinha nenhuma rua calçada. Era uma lama só e esse aperfeiçoamento de pavimentação foi tudo cobrado da gente e a gente pagou tudo depois. O número previsto de

habitações ficou pela metade. De 10.560 pra 4.680 casas, que é o que temos hoje. Escola não seria só uma, seriam quatro escolas, postos de saúde seriam uns três ou quatro também, campos de futebol teríamos um, dois, três, incluindo o estádio lá pra quinze mil expectadores. Poderia até ser ampliado, então realmente ficou pela metade.

Em 1980 acabou toda a construção. Ela só foi retomada depois que o Maluf saiu. Durante o governo Maluf não se construiu mais nada. Então se tivesse dado prosseguimento, isso aqui já estaria pronto e todos esses anexos estariam prontos também. Se tivesse continuado, não teríamos somente esse Centro Comercial. Teriam mais ou menos uns oito ou dez Centro Comerciais. Não teríamos só essa escola, teríamos umas quatro ou cinco. Hospital era aquele mesmo que estava no projeto, aquilo não era projeto do Artigas, mas estava delimitado que ali seria o Hospital Geral de Guarulhos e teríamos outros centros de saúde, pois só temos um hoje.

Esse conjunto do lado de cá é que tem tudo [lado do cond. São Paulo], aqui nós temos o comércio, a escola, temos um posto de saúde, temos um campo de futebol, tem as quadras poliesportivas e os outros não tem. Questão política. O varejão na realidade não seria varejão, ele seria um terminal rodoviário e alguns anos atrás houve um plebiscito aqui que nós não queríamos o terminal rodoviário e o plebiscito fez com que eles transformassem aquela área num varejão, só que hoje já estão querendo colocar o terminal rodoviário.

Assim que o Paulo Maluf assumiu o governo em Janeiro de 1980, ele mudou o nome da Cecap para Codespaulo e as obras populares encerraram. Guarulhos foi uma das cidades que foram prejudicadas por isso. E eu estava lá em 1980 só que na época eu já nem estava mais na engenharia, eu estava já na presidência. Nessa época eu já era assessor do presidente, o

Oscar Klabin Segall, e eu não estava nem trabalhando lá em São Paulo. Eu estava lá em Presidente Prudente comissionado. Quando houve o desentendimento entre o presidente do Cecap e o Paulo Maluf, o presidente foi destituído e eu fui junto.

AS TÉCNICAS/ OS MATERIAIS

Lembro que aqui foram utilizadas estacas de profundidade, tem estacas aqui com mais de 30 metros de profundidade. Então embaixo de todos esses pilotis nós vamos encontrar estacas de 20, 30 metros. Elas só paravam a hora que quebravam, então a partir daí começavam as estruturas. Nós utilizamos o concreto armado e utilizamos a vedação de na época com blocos de cimento da Reagru. A qualidade do material a melhor possível. A Reagru é uma empresa de material antiquíssima.

A PRÉ FABRICAÇÃO

Na época pré-fabricado foram os blocos de concreto. A laje foi normal, laje contínua. O concreto usinado. Foram construídas usinas aqui dentro do parque Cecap. Usinas de concreto. Não tem nada pré-moldado, tudo é moldado: blocos, essas vigas e colunas. Foi feito um esqueleto pré-moldado.

AS DIVISÓRIAS

O que veio pronto pra cá foram as divisórias que eram em drywall. Então todas as divisórias do apartamento foram executadas em drywall, que na época já era um avanço porque hoje o drywall é caro, hoje é parede de gesso acartunado. Se tirá-las do apartamento, ficam apenas os quatro lados. Então é de fácil remoção, cada apartamento e cada morador adaptam-se da forma que quiser. O drywall foi inovação na época, coisa de 33 quase 40 anos atrás.

O PISO

Em cima do piso foi colocado um plástico da Vulcan. É um piso

que durou uns cinco, dez anos. Acho que tem apartamento até com esse piso ainda. Era em rolo sola de contato. Foi feito o piso todinho e por cima do piso levantaram as paredes de drywall. Era tudo nacional. Vulcan é empresa aqui do ABC, foi tudo material nacional.

AS JANELAS

A instalação de janelas de alumínio, por exemplo, foi através do Liceu de Artes e Ofícios. E a grade da caixinha de alumínio é mais prática, pois coloca-se e tira-se no mesmo dia. Esses fechamentos laterais não têm aqui nos apartamentos. Não estava previsto. Embaixo da escada fizeram uns porta-trecos que não estava previsto porque a escada é completamente vazada por baixo, então são coisas que vieram fazendo e hoje não pode mandar tirar. Se fosse obedecido fielmente o que ficou determinado na convenção nada disso poderia ter sido feito.

OS TRABALHADORES

Havia uma relação direta com os trabalhadores no escritório do Artigas. O escritório do Artigas era na Cecap, nós éramos do escritório técnico e nós trabalhávamos no escritório e na obra. Então a gente projetava e acompanhava a execução. Os trabalhadores passaram a ser contratados pela empresa de construção na época, que foi a Services Engenharia. Eles traziam os trabalhadores de onde fosse possível. Até contrataram pessoas de Guarulhos, mas muitos vieram de outras obras. Essa aqui deve ter sido umas das maiores obras na época. Apesar de algumas dificuldades de relacionamento, as obras daqui foram muito bem tocadas, muito bem administradas, o projeto foi muito bem elaborado. Portanto, tudo transcorreu legal com os contratantes e os contratados.

O CERCAMENTO EXTERNO DOS CONDOMÍNIOS

Não teria fechamento, seria um Cecap completamente aberto, nunca houve a idéia de ser aqui um condomínio fechado. Não teria fechamento não. O fechamento com grade veio em função da segurança e privacidade, o que, aliás, também não gera segurança nenhuma porque é uma gradezinha somente.

O CECAP NA MINHA VIDA

Aqui você conhece todo mundo, todo mundo te conhece. No momento em que você mudar, você vai ter que conhecer novas pessoas e aí demora um pouco mais. Acho que aqui foi bom pra todo mundo. Meus filhos nasceram aqui, meus filhos se formaram aqui. Eu tenho uma filha advogada e dois filhos engenheiros.

NELSON HERNANDES MANUEL, comerciante, 63 anos.

Entrevista realizada em 12/09/2010.

Eu sou Nelson Hernandez Manuel. Eu nasci na Mooca, dia 14 de novembro de 1947.

A COMPRA DO APARTAMENTO

Pode ser dizer que foi uma galinha morta. Foi tranqüilo, paguei e liquidei tudo antes do tempo, me isentei da dívida e fiquei aqui sossegado durante 26 anos.

A CHEGADA NO CECAP

Eu vim pra Guarulhos em 1974 quando eu casei, meu primeiro lar foi aqui no Parque Cecap, Condomínio Paraná. Eu vim através de uma pessoa que trabalhava na Avenida Rio Branco que me deu a dica que o Cecap era uma coisa boa e eu vim. Tomei conhecimento e abracei aqui. E estou feliz. Eu lembro que era uma sexta feira, e minha cunhada fez uma compra na feira pra nós. Tinha uma feirinha no lado do Condomínio São Paulo, não sei se existe ainda. Nós almoçamos juntos e foi a primeira vez que nós participamos aqui do Cecap. Como nós éramos recém-casados ela fez questão de fazer a primeira feira pra dar sorte na vida da gente. E eu não posso me queixar de sorte porque sou um cara realizado, sempre tive meu sonho tudo bacana, sempre deu tudo certo e me sinto legal.

Na verdade tinha pouca gente vindo pra cá e eu acabei chegando na frente de muita gente. Foi exatamente no dia nove de abril de 1974. Tudo novinho, tudo bonitinho, tudo casal novinho, tudo tinha casado recentemente. O apartamento era muito bom, eu não tenho queixa: três dormitórios, sala, cozinha,

banheiro, área de serviço, garagem, tudo de acordo. Eu sinto de ter saído daqui. Sai porque a mulher, filha e neta se cansaram e quiseram sair. Mas isso após 26 anos. Se não nós estaríamos até hoje aí, 36 anos.

O ENTORNO/COMÉRCIO

Tinha o Clovis aqui nessa beira do campo, aqui no muro da escola, no posto. Tinha o Clóvis que tinha o Makro, vendia as coisinhas dele aqui e nós éramos fregueses número um dele. Era uma barraquinha, um trailerzinho. Tinha uns prédios levantados, pouca gente. Só tinha o Condomínio São Paulo que foi o pioneiro, o primeiro. Depois veio o Paraná, o número dois. Na verdade ficou um pouco a desejar porque estava começando e tudo no início é difícil.

O FUTEBOL/RACHÃO

Demos duro pra começar o primeiro jogo. Tinha vezes que ia começar com sete e eu falava “não, vamos esperar completar”, mas nunca completava onze de cada lado. Aí o pessoal se mandava pra lá, a quadra sempre em primeiro lugar. Eu falei: “não vou desistir”. Persisti e hoje estou aqui com o meu Rachão, 33 anos. É uma farra da bola, como eu sempre disse. Se você vier aqui e não se interessar você pode só olhar, todo mundo vem aqui. Mas se você quiser jogar tudo bem. Não tinha “panela”. Por pior que o cara fosse ele jogaria. E se eu tomava conhecimento que um cara ruim tinha saído eu chegava nele e perguntava: “o que aconteceu, você saiu por que cansou?” “O cara ali mandou eu sair porque vai entrar esse aqui e depois eu volto a jogar”. Eu falava “pode voltar no campo”, aí eu chegava no outro que tinha entrado no lugar dele e falava “você está ali, então você vai jogar no próximo de acordo com a regra”. Eu sempre batalhei por isso e consegui, por isso que acabou com a panela.

PARTICIPANTES DO RACHAO

Eu convidava gente de tudo quanto foi lugar: se viesse todo mundo não ia sobrar vez pra mim. É que de domingo pra domingo muda o pessoal. Então vem gente da Penha, do Cangaíba, do São Miguel, Itaim, “Itaquá”, Bonsucesso e de tudo quanto é lugar. Pra todo mundo eu dava meu cartãozinho do Rachão das Sete. Eu cheguei a te dar o cartãozinho. Aquele cartãozinho eu falava: “olha gente, guarda com carinho, se você não for domingo agora, daqui um mês, daqui um ano você lembra, vai estar na carteirinha e vai lembrar: Opa! Vou ver se o Nelson está vivo, se o Nelson esta correndo, se esta jogando e o que ele esta fazendo”.

E tem gente aparecendo, gente que eu nem lembro mais. “Lembra lá na Praia Grande? Lembra na Aparecida?”. Todo lugar eu dava meu cartãozinho. Sou que nem aquele comediante do “Leva meu cartão”. Eu recebi esse campo do governador Paulo Egidio em 1977 quando ele desceu aqui de helicóptero. Eu tenho até as fotos e tudo mais. Ele entregou como área de lazer dos moradores e por isso eu luto até hoje por aqui.

INAUGURAÇÃO DO RACHÃO

Foi num domingo. Eu lembro o que está na foto, faz muitos anos. Ele [o Governador do Estado de São Paulo] desceu de helicóptero perto da trave. Desceu e veio ao meu encontro e se apresentou e entregou como área de lazer aos moradores. Antigamente nós não tínhamos nem camisa. Então era o time com camisa e os “descamisados”. Por sinal, o meu time aquele dia jogou três de camisa e um sem camisa, que é o meu time. Eu joguei sem camisa e ganhei dos três times. Coincidência do destino, mas é a verdade.

O RACHÃO DAS SETE/R7

Porque é uma festa comemorativa por ser dia sete, na verdade é sete de julho a fundação, mas como sete de julho cai geralmente durante a semana, a gente comemora dia sete de setembro, que por ser feriado. É a tradição aqui do Cecap já há muitos anos. É tudo bem boladinho. Todo sete de setembro tem uma festa de comemoração. Sempre foi uma instituição sem fins lucrativos. Antigamente ninguém pagava nada e tinha tudo, agora começaram a cobrar uma taxa simbólica, seja dois “mil réis” por domingo ou cinco por mês. Por exemplo, o mês passado de agosto teve cinco domingos. Então vai ser R\$1,00 por domingo e você tem bola, tem o campo, está no meio dos amigos, toma cervejinha e tudo mais. Esta se divertindo, é o mínimo.

Nunca chegou a virar uma instituição formada juridicamente. Nunca nada registrado. E eu estou pegando a bola aqui e não vou deixar murchar não. Foi um negócio bem bolado. São sete, o Rachão das 7, então é tudo com sete. Dia sete, mês sete, ano 77. É onde a gente pinta o sete mesmo. As regras não podiam deixar de ser sete. Então vamos à primeira ordem: “ordem de chegada desde que venha se inscrever junto a prancheta“. O pessoal chegava fosse a hora que fosse e vinha com o papelzinho e marcava número um. O próximo logicamente ia na sequência até dar os 44. No início era uma loucura total, tinha gente que chegava quatro, cinco horas da manhã e isso aqui estava lotado. Quatro horas, cinco já não tinham nem vaga às vezes. Até que uns e outros deram uma idéia e eu acatei e mudamos o regulamento que hoje é diferente. Esse foi mudado em 2007.

Bom, segundo item: “Listão dos 44”, significa dizer os primeiros 44 poriam os nomes e encerrariam as inscrições. O tempo de jogo, ao invés de ser 90, era 45 pra poder dar vez pra todo mundo brincar. Depois quando acaba o primeiro jogo entra o outro que vai jogar até 8h30.

ILUSTRES NO RACHÃO

Aqui já jogou o Tupãzinho que jogava no Corinthians, jogou o Edson, jogou o Zé Maria do Corinthians. Teve uns que jogaram em uns times do interior, o caso do Bidê, Alex , o Carlinhos. Tem muita gente boa no meio dos caras ruins, é que mistura tudo. Aqui é a farra da bola, a gente mistura e se diverte, é o intuito da gente. Ainda tem o Ademar que jogava no Santos. O André Santos que morava aqui veio brincar aqui com a gente. E teve mais, o Serginho Chulapa já veio aqui, já teve show dos veteranos. Houve alguns que eu não lembro mais. Mas isso aqui já valeu, já foi brincadeira que teve muita coisa boa por aqui.

OUTROS CAMPOS

Aí realmente têm diversos campos espalhados, principalmente naqueles condomínios Rio de Janeiro, Minas. Os outros condomínios lá pro fundo, o Alagoas e tudo mais. Tinha um aqui no São Paulo que eu cheguei a jogar lá. Ao lado do Condomínio São Paulo. Tinha um riozinho ali perto da Rodovia, o campo da Helio Smith, mas era encostado no São Paulo. Eu cheguei a jogar lá também. Isso foi logo no início em 1974 e durou pouco.

Chegou a ter vários campeonatos entre os Condomínios do Cecap. O Clube Cecap organizava e eles jogavam aqui após o Rachão das Sete. Mas aí eu não participei, eu fazia minha brincadeira aqui, saía cedo e já ia curtir a família do outro lado, passear, almoçar. Porque o meu rachão é das sete às dez horas. Depois disso, tomamos uma cervejinha e “área”, pra casa pra toma seu banho e pegar a família passear, almoçar, curtir o outro lado.

O SIGNIFICADO DO RACHÃO

Olha pra mim, se for somar tudo, todo domingo é especial, cada

domingo é diferente. É tudo a mesma coisa, cada domingo é um prazer a gente estar aqui com o pessoal brincando, se divertindo e eu com 63 anos correndo no meio da turma não precisa provar nada pra ninguém.

CLUBE CECAP

Eu tenho a carteirinha até hoje. E eu não podia deixar de participar, vinha aqui nas horas vagas, vinha aqui na piscina, tinha muita amizade aqui também. Eu era sócio lá e era sócio aqui. Eu podia vir aqui durante a semana e deixar o domingo para o Rachão das Sete. Na época tinha piscina, a quadra, tinha um campinho lá. Eu tinha dois clubes que eu participava dos dois ao mesmo tempo.

VIDA COMUNITÁRIA

Eu tomei parte de várias reuniões, que por sinal eram aqui no bar, no boteco do Devanir. Eu lembro do senhor Pereira que comandava tudo, participei de várias reuniões. As reuniões eram tudo em prol de melhoramentos aqui para o Cecap.

O SIGNIFICADO DO CECAP

Pra mim o Cecap é tudo. Aqui foi meu primeiro lar, aqui eu tive a minha família, eu tenho meus amigos até hoje, aqui eu tenho muitas amizades. É muito gratificante estar no meio desse pessoal todo. Eu gosto muito do Cecap. Pra mim vale muito isso aqui. Infelizmente eu mudei daqui. Em 1998 a mulher começou a dizer que estava cansada de ficar por aqui, aí a filha acompanhou e a neta também: elas queriam mudar. Aí eu falei: “no ano 2000, quem sabe”. E não é que o ano 2000 chegou? Já tinha até negócio montado e esquematizado. Então eu falei ok. Estou sossegado, mas continuo aqui no Cecap brincando, me divertindo com os meus amigos. Faz parte da vida isso aí.

VALDIR CARLETO, jornalista, 57 anos.

Entrevista realizada em 01/06/2010

VIDA PROFISSIONAL

Quando surgiu o Jornal Comunicação, que foi o primeiro que foi feito, eu fazia faculdade de Ciências Contábeis. Depois de um ano que começou o Olho Vivo que eu fui fazer faculdade de jornalismo. O Olho Vivo começou em janeiro de 1981, naquele ano eu fui fazer faculdade de jornalismo. Terminei em 1984.

DA OPASA À AUTOADMINISTRAÇÃO

Embora tivesse uma empresa que era contratada pela Cecap pra ser a administradora dos condomínios, os condôminos pagavam, mas quem escolhia a administradora era a Cecap. Era uma empresa chamada OPASA, que era uma piada, ela era muito deficiente. Então na primeira oportunidade que os moradores começaram a se organizar eles trataram de tirar essa OPASA e colocar outras administradoras.

Os moradores pressionaram a Cecap porque tinha um período contratual que a Cecap tinha o direito de impor a administradora. Passado aquele período, parece-me que eram dois anos após o condomínio ter sido implantado, os condôminos ganhavam autonomia pra contratar outra administradora. E aí a opção foi romper com a OPASA e aí apareceram outras empresas propondo administrar. Surgiu uma empresa de um morador, que era morador do Condomínio Paraná, Administradora Pedroso, que chegou a administrar vários condomínios do Parque Cecap. Até então síndico era síndico-administrador. Então esse Pedroso chegou a ser síndico de vários condomínios.

Depois de um tempo que a Administradora Pedroso administrou, não lembro se chegou a ter outras empresas, aí começou a surgir, e o Condomínio Minas Gerais foi o primeiro a criar a autoadministração, tirou a empresa e os próprios moradores criaram um corpo de administração, pra ter um síndico-morador. Eles já economizavam de cara o dinheiro da administradora, aí contratava um escritório de contabilidade pra fazer folha de pagamento, o que já barateava e tinha autonomia pra decidir.

Se o faxineiro não tava limpando direito, vinha meia dúzia de dona de casa na casa do Conselheiro, o Conselheiro chamava a administração e já demitia a pessoa, ou tinha condomínio de colocava um faxineiro em cada bloco aí: “Ah, não estamos satisfeitos com esse faxineiro, ele é mal criado”, às vezes em vez de demitir trocava, bota outra pessoa pra limpar lá e bota ele na outra. “Ah, mas o cara é mal educado na outra também”, bom, aí demite. Mas os moradores passaram a ter autonomia pra decidir: “estou pagando, posso decidir quem vai trabalhar pra mim ou não?”

OS CONSELHOS CONSULTIVOS

Os três condomínios que já existiam tinham os Conselhos Consultivos. Era mais esse Conselho que se reunia, às vezes vinha um ou outro morador pra apresentar uma queixa pontual. No dia a dia os moradores já falavam com os conselheiros. Tinha um efetivo e um suplente de cada bloco, oito Conselheiros, digamos seis no Santa Catarina e oito nos demais, oito suplentes e mais um nono Conselheiro que era um cara que podia ser de qualquer um dos blocos pra não dar os impasses. Então no dia a dia as pessoas já falavam com os Conselheiros iam bater na porta lá: “olha, ali tem um vazamento que está empoçando água lá, quando eu paro o carro tem sempre uma poça d’água, precisa ver isso”.

A POLITICA/CECAP

Na composição do Conselho Comunitário foram eleitas pessoas das mais diversas cores políticas, inclusive gente que não tinha nenhum envolvimento partidário. Eu até então não tinha, mas havia em mim uma simpatia pelo então MDB, não gostava do regime militar da ARENA etc e tal. Então eu tinha dentro de mim que a ARENA não prestava, já que era o partido dos militares.

Quando a ARENA se transformou em PDS não mudou nada, mudou o rótulo, mas eram as mesmas pessoas, era o Paulo Maluf que era governador, por exemplo. As guerras todas que a gente tinha contra a Cecap contra quem eram? Contra o governo do Maluf que prometia e não cumpria. Então eu tinha simpatia pelo MDB que virou PMDB e aí surgiu também o PT, o PDT e o PTB. Então na eleição de 1982 teve cinco partidos, cada um desses partidos teve um candidato a governador e eu fui pela movimentação que eu tive lá no Condomínio e depois no Conselho Comunitário.

Nisso, foi fundado um núcleo do PMDB no Parque Cecap e o pessoal de lá formou esse núcleo e eu fui convidado a fazer parte. Acabei sendo apontado por esse núcleo como o candidato do Cecap a vereador em 1982. Mas já em 1979 quando eu comecei a fazer o Jornal Comunicação, novembro de 1979, no âmbito mesmo do Conselho Comunitário tinha o senhor Jerônimo Esteves, na primeira composição ele não tinha feito parte, mas ele ia às reuniões. O Jerônimo morava no bloco 14 do Condomínio Rio Grande do Sul, era meu vizinho. Ele fazia parte comigo do Conselho Consultivo eu representando o bloco 16 e ele representando o bloco 14 e ele era simpatizante dos militares, do Maluf e tal. E ele se aproximou muito do pessoal do PDS de Guarulhos e levou o pessoal da diretoria do Centro Comunitário até a sede do PDS em São Paulo, a Secretaria de

Esportes e tal e vieram lá com umas bolas, redes pra por no campo que não tinha. Ali eles falaram: “olha a gente conseguiu isso aí, mas se a Diretoria se filiar ao PDS a gente vai conseguir muito mais coisas, aí vamos conseguir muito mais benefícios se a gente se filiar ao PDS”. E eu já estava aproximadamente um ano fazendo o jornal graciosamente como voluntário.

CLUBE DE MÃES

Quando fizeram a construção do Ginásio de esportes e aquelas salinhas onde está o Clube de Mães, havia um intervalo geográfico ali. Aquelas salinhas do Clube de Mães lá nos fundos e o Ginásio de Esportes na frente, o resto era invadido. E aí tinha uma divisão da Secretaria de Promoção Social do Estado, que aquele conjunto de estrutura foi construído com verba da Secretaria de Promoção Social do Estado. O Clube de Mães foi fundado em 1981 e já foi ocupar esse espaço lá, então ele já estava construído em 1980 durante a gestão do Maluf.

Tinha um escritório da Promoção Social em Guarulhos, cuja titular era Neide Campos Aragão, uma mulher que tinha sido Delegada de Ensino em Guarulhos e ela foi nomeada como uma espécie de gerente da Promoção Social em Guarulhos. O escritório desse departamento foi colocado lá naquele espaço onde é o Clube de Mães. E não tinha verba pra por aquilo pra funcionar, não tinha móveis e precisava de uma pré-escola. Então ela organizou as mães, as mulheres tal, ela chamou a mulherada lá pra conversar, falou pelo Condomínio que ia ter uma reunião pra tratar disso, ocupar aquele espaço. Ela falou: “vamos invadir isso aqui, vai esperar o governo dar verba? Não vai ter. Então vamos pôr a escola pra funcionar. Tragam seus maridos, vamos fazer um mutirão.” Aí uma: “Meu marido é marceneiro.” Aí ela falou: “Sou muito amiga do Pompeu ele tem uma serraria lá em Bonsucesso, vamos numa comissão lá em Bonsucesso conseguir madeira.”

Nefi Tales era o então prefeito, o anterior tinha sido o Pompeu. E aí foram lá na serraria do Pompeu pedir madeira. Aí ele doou um caminhão de madeira. Os pais se cotizaram, serraram lá e as primeiras carteiras foram feitas pelos próprios pais. E aí precisava de professora, o Estado não tem professora e não dinheiro pra pagar professora. Aí foi uma comissão falar com o Nefi Tales e ele deu as professoras da prefeitura pro Clube de mães.

CENTRO COMERCIAL

Foi construído normalmente pela Cecap, essa reunião de fundação do Conselho Comunitário foi feita já dentro do prédio do Centro Comercial. A Cecap mudou pra lá, desativou o stand de vendas e passou a ter uma sala dentro do Centro Comercial pra atender as pessoas, pra vender os apartamentos e tal. Mas o comércio mesmo não funcionou como precisava funcionar.

Interessados tinham muitos, eles fizeram tipo de uma concorrência, mas não sei bem o critério que eles adotaram. Tinha o Morita que era supermercado, que ocupou primeiro lá, mas tinha um problema grave com relação à energia elétrica que estava instalada e que não comportava a instalação dos equipamentos comerciais que tinham que ser instalados. Isso criou um problema de projeto.

Um dos primeiros comerciantes a se estabelecer lá é o José Marinho da Trópicos Magazine. Ele foi um dos primeiros a se estabelecer. Acho que o Bazar do Parque, ao lado da farmácia, ainda tem o Bazar do Parque lá. Aquele lugar funcionava a ótica e o Bazar do Parque. Depois quando a Cecap licitou a venda dos espaços, todos eram inquilinos da Cecap.

MOBILIZAÇÃO/CONSELHO COMUNITÁRIO/PAVIMENTAÇÃO

O Conselho Comunitário surgiu como uma entidade representativa dos moradores, uma Sociedade Amigos de Bairro mesmo, fundamentalmente de reivindicação, embora os estatutos realizassem atividades sociais, recreativas, esportivas, culturais etc e tal. Mas a função que levou as pessoas a sair das suas casas e ir pras reuniões e participar do Conselho Comunitário fundamentalmente era reivindicação.

A pavimentação também foi uma reivindicação do Cecap. Fizemos um tipo de concorrência pública para os interessados, só a Pré-Mold apareceu pra fazer o serviço e foi feito uma cotização: cada morador pagava e funcionou direitinho com a administração dos próprios moradores e os condomínios foram pavimentados. A avenida hoje é a Aldair Santa Nele e as travessinhas uma antes, uma no meio e a outra depois. Então aquelas quatro ruas foram pavimentadas com o pagamento feito pelos moradores do condomínio Minas Gerais e Rio de Janeiro. E aí a Pré-Mold se organizou perante a Cecap, mostrou serviço e a Cecap a contratou. Nessa época ela chamava Codespaulo, no tempo do Maluf era tudo Paulo: Eletropaulo, Codespaulo etc. E aí a Codespaulo contratou a Pré-Mold para fazer o restante, da esquina do Minas Gerais em diante e os condomínios Rio Grande do Sul.

A Pré-Mold quase quebrou por causa dessa contratação porque penaram pra conseguir receber do Estado esse serviço deles. Foi uma situação muito difícil que a Pré-Mold atravessou por causa dessa contratação do Cecap. No Conselho Comunitário tinha as reuniões pra discutir preço e diziam "tem que ser mais barato", discutimos com a Pré-Mold mesmo. "Tem que baratear mais, facilitar mais, pois não vai dar, tem muita gente aqui aposentado, tem professor do Estado que mora aí e que não tem condições de pagar isso não porque já está pagando apartamento. O condômino paga apartamento e ainda vai pagar o asfalto, o

pavimento, isso não pode.” Então foi facilitado mais. Foi naquela casinha lá do campo do Panelão tinham grandes discussões sobre esse pavimento aí. Nessa época estive com o prefeito Nefi Tales também. Reivindicávamos árvores para as crianças plantarem, na campanha “Adote uma Árvore”, também fomos pedir o parque infantil que foi construído entre os condomínios Rio Grande do Sul e Santa Catarina, linha de ônibus etc. A linha de ônibus pra Penha, por exemplo, foi uma reivindicação atendida pelo intermédio da prefeitura. Só tinha a linha “Ponte Pequena”, que depois passou a se chamar “Armênia”. Só depois passou a ter a linha “Penha” também. Ou seja, nós sempre estávamos batendo na porta da prefeitura pra pedir coisas.

No Cecap você tinha muita coisa pra reivindicar. o Cecap tinha só os prédios aí entra as ruas. Então é uma coisa inerente do ser humano reivindicar, você já tem uma excelente infraestrutura, mas você tem que ter mais, você tem duas linhas de ônibus, mas podia ter três, podia ter uma linha expressa. O Cecap chegou a ter linha expressa que sai do Cecap direto pra Armênia sem parar em lugar nenhum, não sei se ainda existe, mas a empresa Guarulhos chegou a por. Foi a primeira que surgiu. Depois começaram a surgir outras, mas a primeira foi no Cecap. Por quê? Porque as pessoas se juntavam pra ir pedir.

IMPRENSA

Inicialmente não tinha sede, o jornal era feito no meu apartamento, no tempo do Jornal Comunicação era feito no meu apartamento e depois quando começou o Olho Vivo nos primeiros meses também não tinha nenhum escritório. Pra poder abrir a firma tinha que ter um escritório, a Citilar que era uma imobiliária anunciante me cedeu uma sala deles na Avenida Monteiro Lobato. Cedeu um número de uma sala, fizeram um contratinho de locação pra poder apresentar pra prefeitura pra

poder abrir a primeira. E aí a Citilar me cedeu o endereço lá. E não era gráfica, era só escritório. O jornal certinho tinha máquina de escrever, mas na realidade não funcionava lá. Aí depois de algum tempo, ainda em 1981 ou no começo de 82, alugamos uma sala na Avenida Monteiro Lobato no número 255 em frente à delegacia o 1º DP. Ali foi o primeiro endereço do Olho Vivo. O jornal já era semanal e tinha uma página que era só do Cecap. Tinha uma página “Cecap é notícia” que era uma página de assuntos do Parque Cecap e que tinha como patrocinadores os comerciantes do Parque Cecap, Trópicos Magazine, Padaria, a Farmácia que se chamava Boa Vontade e depois virou Farmais.

O ENTORNO/AEROPORTO INTERNACIONAL DE GUARULHOS

O Cecap se mobilizou muito contra o aeroporto achando que o aeroporto ia ser um transtorno sonoro etc e tal. A cidade se mobilizou contra o aeroporto, mas em vão. Era inexorável. Isso aí uma hora ia acontecer. O prefeito era contra, teve passeata “Aeroporto não”, teve capa do Olho Vivo “Aeroporto não”. Se você pegar os primeiros números do Olho Vivo você ver que no primeiro ou segundo ano do Olho Vivo havia uma capa lá escrito como se fosse uma fumaça de avião: “Aeroporto não”.

O Cecap não é afetado pelo aeroporto em termos de barulho, passa ali do lado, você vê passar, mas não afeta. A Vila Barros já sofre com o aeroporto, mas a gente não sabia. Eu moro no Jardim Cocaia que é mais afetado pelo aeroporto do que o Cecap. Aqui às vezes passa um avião que estavam falando comigo e teve que parar de falar porque não dava pra ouvir. E no Cecap não, mas a gente não imaginava, achava que ia ser um terror. E no final das contas o aeroporto trouxe muita valorização pro Cecap, procura de moradia, o aluguel subiu mais. Depois da construção do aeroporto começa a ter

gradativamente uma mudança no Cecap. O Cecap recebeu muitos casais novos, recém-casados, primeira moradia, alguns desses casais tiveram ascensão profissional, melhoria de renda, puderam mudar pra outros lugares. Muitos foram transferidos, a empresa mudou de endereço, muita empresa saiu de Guarulhos, é o caso da SKF e da Philips. Como a empresa mudou, os funcionários foram embora de Guarulhos e consequentemente do Cecap.

E ao mesmo tempo começou a ter um fluxo migratório para o Cecap de gente que vinha trabalhar no aeroporto. Esse novo público não sofreu o que nós sofremos pra conseguir as melhorias que o Cecap havia conquistado. Para essas pessoas, o Conselho Comunitário não era nada. O que era o Conselho Comunitário pra essas pessoas? Era o Clube do Cecap. Tanto que foi pintado lá assim: “Conselho Comunitário”, mas apagaram e colocaram “Clube do Parque Cecap”, não sei hoje como está. Depois com o tempo, o Cecap passou a ter vereadores, tais como o Lucio, de 1988, e o Geraldo, que assumiu como vereador em 1991. O Cecap passou a ter dois vereadores. A partir do momento que tem vereador pra quê precisa ficar juntando gente pra falar com o prefeito? O vereador faz isso. A importância política do Centro Comunitário de esvaiu. Passou a ser lugar de lazer, lugar pra ter baile, pra tomar cerveja, fazer samba, Escola de Samba, ou seja, virou um clube.

Eu sou o filiado número nove do Conselho Comunitário.

CECAP/PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Eu acho que o Cecap é um patrimônio sim, pela organização, pelo fato de ter sido um projeto do Vilanova Artigas que é um cara muito conceituado na arquitetura. Várias delegações de vários países já vieram ao Parque Cecap pra verificar a

arquitetura. É a otimização do espaço. Ele é um exemplo.

As pessoas que estudam arquitetura estudam a obra do Vilanova Artigas. O prédio do Conselheiro Crispiniano também é do Vilanova Artigas. O que leva uma pessoa a pagar 130 mil num apartamento do Cecap é que ele é perto do Centro e o aspecto urbanístico é bastante agradável, fácil de pegar a Dutra e pra ir embora pra São Paulo, pra qualquer lugar sentido rio também é fácil. Emprego tem em volta por ali, quantas pessoas devem trabalhar naquele Centro Comercial? Devem ser moradores do Cecap ou até que vem de outros bairros. Quantos estabelecimentos comerciais que fizeram aquela divisão nos espaços do Centro Comercial. É a soma desses atributos que fazem com que ele valha isso. O Cecap é uma cidade dentro de Guarulhos. O Cecap tem 20 mil habitantes e quantas cidades por aí que tem prefeito, tem Câmara Municipal e que não tem 20 mil habitantes?

WALTER FUSO, administrador.

Entrevista realizada em 01/10/2010

ANTES DO CECAP

Eu trabalhei 30 anos numa firma em São Paulo na biscoito São Luiz, na Rua Catumbi aqui no Brás, Belém. Lá trabalhei como motorista. Fui ajudante de caminhão, fui motorista, vendedor, fui supervisor, chegamos a gerente, depois aposentamos.

A COMPRA DO APARTAMENTO

Em 1972 eu vi uma reportagem no jornal dizendo dos prédios aqui. No domingo eu vim ver. Eu e a minha mulher viemos pra ver os prédios aqui e não tinha nada, não existia nada. Tinha só uma casinha onde se vendia. Estava começando a fazer o São Paulo. Então na época eu comprei no Condomínio Paraná. Eu me lembro bem que eu paguei dez prestações de trezentos e poucos cruzeiros.

A CHEGADA NO CECAP

Eu fui o segundo morador do Paraná, amassamos muito barro. Não existia nada, era um transtorno só. Eu me lembro que foi num sábado, quando eu fui pegar a chave pra eu morar, porque eu pagava aluguel, o aluguel estava vencendo, a mulher queria a casa e eu com uma menina de três anos e o CDHU não quis me dar a chave. Eu falei: “Eu vou pra baixo do bloco assim mesmo, sem chave sem nada”. Tanto é que eu fiquei sem luz uma semana, fiquei sem gás mais de um mês. Mas tinha o lampião e tinha o fogão a gás e água já tinha. O Cecap ainda não estava pronto, mas quando eu vim já tinha uma pessoa. Eu vim no bloco 13 e vi que tinham umas velas acesas no bloco 15, então eu fui lá e o cara disse: “Eu fui lá e eles não queriam me dar a

chave e eu falei que vinha debaixo dos blocos”. Esse rapaz eu conheço até hoje. Depois começou o pessoal a vir, mas tudo casalzinho novo.

COTIDIANO

Aqui o pessoal sofreu muito. A Monteiro Lobato não era assim, ela passava do lado dos blocos, ninguém dormia de noite. Aí o pessoal disse: “vamos fechar a Avenida Monteiro Lobato?” Porque não era essa avenida de hoje. Então nós enchemos de pneu, porque não tinha esse viaduto, só tinha uma pontinha de madeira.

Aqui era um sacrifício. A gente comprava leite desse pessoal que vinha vender leite das vaquinhas. Eu tinha facilidade porque eu tinha carro, trabalhava com vendas então trazia as coisas da rua, mas não tinha nada. Tinha uns botequinhos, umas vendinhas perto do São Paulo. De noite ninguém saía na rua. E nós do Paraná tivemos um problema muito grave: quando veio o Paraná pra cá começou a ciúmeira com o São Paulo, a rapaziada lá e a rapaziada daqui era só briga e briga.

MUDANÇAS NO CECAP

Em 1981 quando inaugurou o Centro Comercial, se não me falha a memória, o Lauro Latel tinha a Farmácia. O mercado que veio foi o Morita. Depois passou para o Peralta. Do Peralta passou para o Extra. O Cecap hoje tem uma vida boa financeiramente. Você pode ver que o povo do Cecap estuda em escola particular. O Condomínio Rio de Janeiro já veio com uma classe mais melhorada. Nós quando viemos era uma classe assalariada mesmo. O Rio de Janeiro pagava o triplo do nosso. O Apartamento é completamente diferente. A gente falava que era o pessoal pobre e o pessoal rico.

VIDA COMUNITARIA

Tinha o campo de futebol. Tinha um campo atrás do São Paulo. O divertimento nosso era esse, ou seja, jogar uma bola ali. Tinha um campo atrás do São Paulo, depois é que o campo foi pra lá. Depois começamos a fazer amizade com o pessoal do São Paulo. Tinha campeonato de buraco. Nós fazíamos esses campeonatos de buraco. Fazíamos na nossa casa, depois passamos a fazer aqui. Mesmo na porta aí, nós colocávamos as mesas quando estava calor. Até hoje tem campeonatos de malha. Havia grandes times de malha, hoje não. Hoje pra você ter um time de malha você precisa pagar os jogadores, tanto malha como bocha. Todos os condomínios fizeram dentro de si mesmo seus próprios clubes. Eles faziam campeonatos aqui dentro, no ginásio do Clube, mas era tanta briga que teve que parar. O único que ainda tem é o Alagoas.

CENTRO COMUNITÁRIO

Quando nós viemos pra cá já tinha o Clube. Só que era assim: só tinha o ginásio e as duas piscinas. Aliás, o único presidente que fez piscina aqui fui eu. Mas aqui era um elefante branco, todo mundo falava porque ninguém entrava. O Centro Comunitário surgiu quase que junto com o Condomínio São Paulo. Isso aqui era um elefante branco. Foi quando nós resolvemos ocupar isso aqui. Juntamos um monte de pessoas. Juntamos 25. Inclusive lá na hora que se definiram os números: “você vai ser o número tal e você o numero tal”. Meu número é 15, um vizinho meu 17º e o Valdir Carleto era o quarto. E nós viemos pra dentro e o pessoal começou a se divertir, começamos a cobrar uma mensalidade que eu não lembro o valor, mas era pouco e aí foi crescendo.

O Clube já teve um apogeu terrível. Quando eu saí, em 1988, tinham três mil sócios. Hoje mudou tudo, as pessoas não querem mais saber de clube. E éramos nós que fazíamos tudo, não tinha essa secretaria, fomos nós que fizemos uma secretaria

pequena. Eu fui presidente aqui uns dez anos. Eu me desliguei realmente do Clube em 1993. Depois teve algumas mudanças no Clube e ele ficou na situação que está hoje: falido. Está totalmente falido. Há dois anos atrás, o Geraldo Celestino me chamou e falou: “vão fechar o Clube”. Dois milhões de dívida não tem como segurar, só de água dois milhões e meio. Ele falou: “a não ser que você fique lá, ninguém entende melhor do Clube do que você que passou a vida lá dentro.” Então eu vim. Mas o Clube está morto.

A gente estava com o samba que estava bom, mas enjoou. Teve 19 meses que a gente teve com oitocentas mil pessoas aqui dentro, mas enjoou. Tanto é que nós estamos tentando reformular, trazer um sertanejo, mudar um pouco. Eu acho que nós conseguimos isso que a gente está fazendo hoje, nós tivemos que mudar o nome pra Conselho Gestor, nós conseguimos naquela época tirar muita criança da rua. Nós fizemos lá no fundo, descarregamos trezentos caminhões de areia. Porque não existia nada. Ali quando você sai do Clube não tinha nada. Então eu acho que nós conseguimos tirar muita criança da rua. Aqui estava sempre cheio, era no ginásio, era na areia. E é o que nós estamos tentando fazer hoje. Nós já estamos aí com oitenta e tantas crianças do Baquirivu e Hatsuta. Não a garotada do Cecap, porque eles hoje estão na escola particular, é outro nível. Antigamente era a garotada do Cecap, hoje não é mais. E também os idosos, tem mais de 120 idosos que vêm fazer ginástica.

Aqui foi feito uma vez uma Copa Melita que o ginásio ficava com duas ou três mil pessoas todo dia. Era um espetáculo, vinha gente de longe pra ver. Fizemos muitas festas, Festa Italiana, fizemos duas festas do chope, feijoada. Hoje o Clube tem 700 sócios: há 200 do Cecap e 500 de fora. Os moradores do Cecap não freqüentam. O samba quando estava no auge era 5% do

Cecap.

CONSELHO COMUNITÁRIO

Nós montamos o Conselho Comunitário numa casinha. De lá nós viemos pra cá, onde estamos hoje. A idéia era juntar os condomínios, porque a gente sabia que vinham mais condomínios. Já estava formando quatro e a gente sabia que vinham mais. Então a idéia era juntar todo mundo aqui dentro. Depois começou muita politicagem e eu me afastei também.

GEZEMAP

Antes do Conselho Comunitário, antes da gente vir pra cá, existia o Gezemap, que era um pessoal que jogava atrás do Condomínio São Paulo. E o Dálvio logo fez o jornalzinho dele. Ele fez antes do Carleto, inclusive. O Dálvio quando nós viemos pra cá viemos como Gezemap, depois que a gente trocou pra Conselho Comunitário. Além do Dálvio, tinha o Dr. Pinho, que inclusive foi fundador aqui também. Tinha o Osvaldo Eufrásio, que graças a Deus está vivo até hoje também e tudo que era ata era ele que fazia. Tinha uma letra espetacular! Mas vivo há poucos.

ESCOLA/CONDOMINIO PARANÁ

A escola funcionou dentro do Condomínio Paraná. Funcionou muitos anos lá no bloco 11. Tinha uma escolinha de crianças pequenas. Ela cobrava tão pouquinho, meu filho mesmo chegou a estudar lá. Ela usava o próprio apartamento. Era paga, mas se pagava muito pouco, então quem tinha filho nessa idade colocava lá.

BANCO CARAMURÚ

Nós conseguimos ali no Paraná, nós criamos uma turma, nós chegamos a fazer um banquinho ali dentro. Esse banco emprestava dinheiro a nós mesmos a taxas baixas. Com esse

dinheiro, houve pessoas que casaram até seus filhos. Houve pessoas que compraram apartamentos e estavam indo muito bem. Esse nome fui eu que pedi pra por. Eu tinha um vizinho no segundo andar Francisco Eduardo Caramuru, inclusive aquela praça em frente ao Condomínio Santa Catarina tem o nome dele. O pessoal conhece esta praça como Praça Alexandra Gil, mas a Praça Alexandra Gil é antes do viaduto.

O Gil era muito amigo nosso, quando a filha dele morreu atropelada ele colocou esse nome. Quando eu entrei com um processo pra colocar o nome Francisco Eduardo Caramuru, eu que fui pedir pro Pascoal Thomeu colocar porque esse rapaz morreu de câncer com 32 anos. A gente ficava conversando pelo buraco do gás. Eu pedi pro Pascoal Thomeu colocar o nome dele na praça e depois no banquinho também. Quando a filha do Gil morreu foi dada essa Praça. Então o Gil me pediu e eu deixei pra lá. Lá é conhecido como Alexandra Gil, mas se você pegar o mapa de Guarulhos você vai ver Praça Francisco Eduardo Caramuru.

LOGRADOUROS

Quando o Lucio se candidatou, em 1978, quem era pra sair vereador era eu. Foi feita uma reunião entre todos os condomínios quando eu era presidente do Clube. Só que eu já era gerente de vendas e eu viajava muito, foi onde que o Lucio entrou. Então nós é que bancamos a candidatura do Lucio, o Carleto ajudou também. Nós que bancamos financeiramente a candidatura do Lucio. E o Lucio ganhou por um voto. Quando ele foi vereador ele foi e começou a mexer com isso, nós fomos lá falar com o Sr. Pascoal, ele adorava o pessoal do Cecap. Ele falou: "Ah, mas eu estou com um pessoal que quer colocar nome de pássaro e de outras coisas". Então foi feito um meio termo: "vamos colocar uma parte de nome de pessoas e outra parte de Alameda Sabiá".

A Rua Odair Santanelli, por exemplo. Esse rapaz trabalhava com o Dr. Martins no Centro Comercial. O Dr. Martins foi um delegado, presidente do Clube, muito bacana. Como não tinha nome de ninguém então colocou esse nome. Ali tem a Rua Benedito Barbosa. O senhor Benedito era uma pessoa que não saía de casa, pacato. Bom, o senhor Benedito morreu e então colocamos o nome dele na rua. Ele senhor morava no Paraná. Só que hoje está muito difícil. Pra colocar o nome na rua todos os moradores têm que concordar. Antigamente não, você ia lá ao Prefeito e falava põe o nome de tal pessoa e pronto. Como nós fizemos com esses que estão hoje.

O CECAP HOJE

As pessoas do Cecap hoje não freqüentam mais o Clube. Eu acho que as famílias não são como antigamente. Antigamente você tinha mais amizade entre as famílias. Hoje parece que cada um quer entrar dentro do seu apartamento e por ali ficar. E era uma coisa diferente, vira e mexe tinha uma festinha. Hoje eu vejo que as pessoas estão mais individualistas.

No Rio de Janeiro tinha um pessoal que fazia festa toda semana embaixo do bloco, isso acabou. Faziam cada festa maravilhosa. Você vê o Santa Catarina, aquele espaço privilegiado, tem dois blocos a menos, e nem Festa Junina há mais. Então eu acho que hoje, não sei se é no Brasil e no mundo em geral, mas as pessoas estão muito individualistas, não querem se expor com amigos. Eu sempre gostei de grupos, hoje não tem mais isso.

SIGNIFICADO DO CECAP

Pra mim significou tudo. Eu vim pra cá casado, com uma menina de quatro anos e aqui eu fiz minha vida, fiz amigos maravilhosos que eu tenho até hoje. E eu que ia pra Vila Maria cada vez mais fui deixando e ficando aqui. A única coisa que eu sinto aqui é ter perdido tanto amigo bom. Vira e mexe tem uma

má notícia. Essa foi a tristeza do Ccap, perdemos muitos amigos.

CECAP GUARULHOS EM IMAGENS



Foto 1 - Foto Aérea do Cecap com prédios da freguesia F. Rio Grande do Sul em construção. (Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: set./1975)

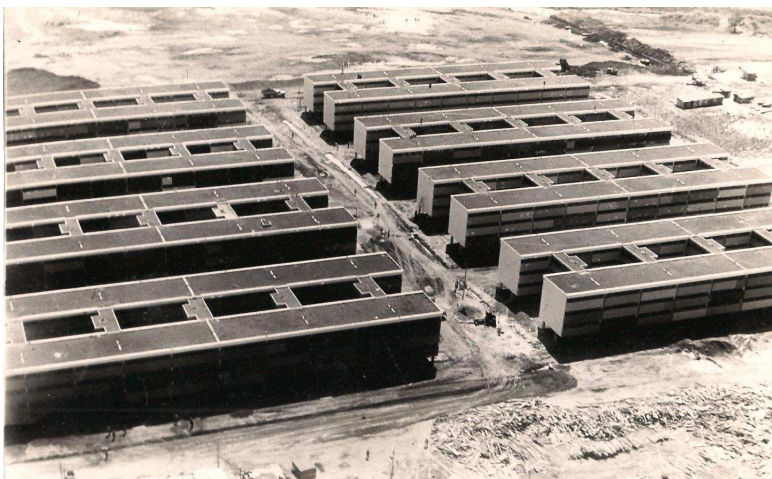


Foto 2 - Cecap em construção. Condomínio São Paulo.
(Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: início da década de 1970)



Foto 3 - Cena do cotidiano I: fila na padaria. (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)



Foto 4 – Cena do cotidiano II: antiga escadinha de acesso a rodovia Dutra (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)



Foto 5 - Ginásio do Centro Comunitário. (Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: jan./2005)

Foto 6: Construção da Escola de Primeiro Grau Francisco Antunes Filho. (Acervo: Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos – Data: 1974)



Foto 7: Comércio local, comum nos primeiros anos do Cecap. (Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: s/d)

Foto 8: Construção do Terminal Urbano do Cecap, atual Varejão do Cecap. (Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: dez./1987)





Foto 9: Vista aérea da Av. Monteiro Lobato, (Acervo Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos)

Foto 10: Enxurrada no Cecap. (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)



Foto 11: Um olhar sobre o Condomínio Santa Catarina a partir da Rodovia Dutra. (Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: 1987)



Foto 1: Construção da praça Alessandra Gil, entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.
(Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: 1991)

Foto 13: Frota de ônibus.
(Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos – Data: 1975)



Foto 2: Baile de carnaval no Centro Comunitário. (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)

Foto 15: Cena das crianças:
atividade "Pintando o Sete".
(Acervo: Valdir Carleto –
Data: década de 1980)



Foto 16: O Parque Infantil
entre os condomínios Rio
Grande do Sul e Santa
Catarina. (Acervo: Valdir
Carleto – Data: década de
1980)

Foto 17 – família
reunida, com
vista para o
Condomínio Rio
Grande do Sul
(Acervo Maria
Aparecida
Cordeiro – Data:
1976)





Foto 3: Encontro religioso próximo ao condomínio Espírito Santo. (Acervo Valdir Carleto – Data: s/d)

Foto 4: Família reunida no recém inaugurado Minas Gerais. (Acervo Dalva de Souza – Data: 1977)



Foto 5: Primeira partida do "Rachão das 7": PR 1 X 2 RS foi o placar. (Acervo: Nelson Hernandez – Data: 1976)



Foto 21 – Jogos infantis intercondomínios. (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)

Foto 22 – Formatura de alunos da escolinha que funcionava no condomínio Paraná. (Acervo: Maria Aparecida Lima Cordeiro – Data: 1976)



Foto 23 – Horta comunitária da Escola Francisco Antunes “Chicão” (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)



Foto 24 – Obras de pavimentação nos arredores do condomínio Rio de Janeiro (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)



Foto 25 – Obras de construção do campo de futebol, atrás do condomínio Paraná (Acervo: Nelson Hernandez – Data: s/d)



Foto 26 – Ginásio do Centro Comunitário entregue inacabado pelo Governo do Estado de São Paulo (Acervo: Valdir Carleto – Data: s/d)

SOBRE OS AUTORES

ADILSON NASCIMENTO FREIRE - Graduiu-se em História pela PUC-SP em 2007. Tem atuado junto ao patrimônio arquivístico da cidade de Guarulhos, desenvolvendo projetos e eventos relacionados ao tema. Tem artigos publicados em jornais da cidade.

AUGUSTO CÉSAR MAURÍCIO BORGES - Mestre em História Social pela PUC-SP, onde também se graduou em História em 2005. Pesquisador na área de História do Brasil Contemporâneo e atuante no Terceiro Setor (área de responsabilidade sócio-empresarial e economia solidária).

EDER MARTINS - Mestre em História Social pela PUC-SP, onde também se graduou em História em 2005. Pesquisador na área de História do Brasil Contemporâneo, com ênfase no estudo das relações entre história, cultura e política. Possui artigos publicados em site e revista. Atua como educador e pesquisador na área de educação popular, educação de jovens e adultos e formação profissional.

JOCIENE DOS SANTOS PEIXOTO - Mestranda do Programa de Educação Currículo da PUC-SP, onde também se graduou em História em 2007. Pesquisadora na área de Currículo e Avaliação. Atua como educadora na rede Estadual de São Paulo.

RAFAELA DE BARROS SOUZA - Graduiu-se em História pela PUC-SP em 2008. Possui pesquisa sobre as relações entre cultura popular e política cultural. Atua como educadora na rede municipal de ensino de São Paulo.

SHISLENI DE OLIVEIRA - Cientista Social formada pela PUC-SP em 2009. Pesquisadora na área de feminismo, sexualidade e movimentos sociais. Tem experiência como educadora e em arquivos de imprensa.

TIAGO CAVALCANTE GUERRA - Mestre em História Social pela PUC-SP, onde também se graduou em História em 2005. Pesquisador na área de História do Brasil Contemporâneo, com ênfase no estudo de Cultura, Memória e Cidade. Tem artigos publicados em revista e jornais. Professor da rede municipal de ensino de São Paulo.

A Fabricare é uma associação da sociedade civil que tem por fim promover e difundir estudos, pesquisas e ações sociais, tendo como eixos de atuação as áreas de educação, memória social, cultura popular, patrimônio histórico e direitos humanos. Estamos sediados na cidade de Guarulhos.

Telefone: 2937-4627

E-mail: fabricare.cultura@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões.** São Paulo: Editora 34, 2002.

ARTIGAS, Vilanova. **A Função social do arquiteto.** São Paulo: Nobel, 1989.

ARTIGAS, Rosa. **Paulo Mendes da Rocha.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

AZEVEDO, Sérgio de; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **A Crise de Moradia nas Grandes Cidades: da questão da habitação à reforma urbana.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade.** São Paulo, Companhia das Letras. 1987.

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: o caso de São Paulo** - São Paulo: s.n, 1994.

BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula.** Disponível em: <http://www.usit.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf>. Acesso em 06 jul. 2010.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória.* São Paulo, Ateliê, 2. ed., 2003.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CERÁVOLO, Fabiana. **A pré-fabricação em concreto**

armado aplicada a conjuntos habitacionais no Brasil: o caso do “Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado”. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - EESC/USP, São Carlos, 2007.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar.** Petrópolis: Vozes. 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações.** Lisboa. Difel, 1990.

CUNHA, Gabriel Rodrigues. **Uma análise a produção de Vilanova Artigas entre os anos de 1967 a 1976.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) EESC/USP, São Carlos, 2009.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada.** São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** Campinas: Ed Unicamp, 2003.

GOUVÊA, Irajá. **Habitação História CDHU.** Disponível em: <<http://www.arquitetando.xpg.com.br/habitacao%20%20historia%20CDHU.htm>>. Acesso em 15 out. 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: Eduff, 1998.

HOBSBAWM, Eric. O Presente como História. In: _____. **Sobre a História.** São Paulo, Companhia das Letras. 2001. p. 243-255.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e na Colonização do**

Brasil. São Paulo. Brasiliense. 2000.

INSTITUTO POLIS. **Habitação na Cidade de São Paulo.** São Paulo: Instituto Polis, 2002.

JAEGER, Michael. **A aposta de Fausto e o processo da Modernidade: figurações da sociedade e da metrópole contemporâneas na tragédia de Goethe.** *Estud. av.*, São Paulo, v. 21, n. 59, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000100025&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 out. 2010. doi: 10.1590/S0103-40142007000100025.

LE GOFF, Jacques. História. In: _____. **História e Memória.** São Paulo. Editora Unicamp, 2003.

MACHADO, João e MOURA, Antonio Cerveira de. **Guarulhos: Do Barro sem Forma sai a Forma do Sonho...** São Paulo, Usina de Idéias, 2005.

MATTA, Roberto da. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã 1996

MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAES, Fernando. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: NOVAES, Fernando (Coord.) e SCHWARCZ, Lilian M. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes e Intimidade Contemporânea.** Volume 4. São Paulo, Companhia das Letras. 2002.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares.”. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC, nº 10, dez. 1993, p. 7-28.

NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. **Guarulhos: Cidade**

- Símbolo.** Guarulhos. s/e. 1960.
- PINHEIRO, Mauricio. **Santuário de Nossa Senhora de Bonsucesso: Uma Longa Tradição Profana.** Dissertação (Mestrado em História) - UNESP-ASSIS, 2003.
- PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann.** São Paulo. Editora Globo, 1993.
- PUNTONI, Álvaro. **TP2: Estudo do projeto CECAP Zezinho Magalhães.** São Paulo, 1997. Trabalho não publicado.
- RANALI, João. **Guarulhos. Historia e Estatística.** Guarulhos. s/e. 1944.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Guarulhos: Espaços Identitários sob a Mundialização.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP. 2003.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil (1900-1990)** São Paulo: Edusp, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. In: NOVAES, Fernando (Coord.) e SEVCENKO, Nicolau (Org.). **Historia da Vida Privada no Brasil: Republica: da Belle Époque à Era do Radio**, Volume 3. São Paulo, Companhia das Letras. 2002.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo (1930 – 1964).** São Paulo, Paz e Terra, 1982.
- THOMPSON, E. P. Tempo. Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In: **Costumes em Comum.** São Paulo, Companhia das Letras. 2002.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado - história oral.** Paz e Terra, Rio de Janeiro 1992.
- XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração.** São

Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Ato 87 de 1º de Setembro de 1932. Acervo: Prefeitura Municipal de Guarulhos.

Correio do Povo, 24 de março de 1958. Acervo: Prefeitura Municipal de Guarulhos.

Folha de Guarulhos. 15 de abril de 1956. Acervo: Prefeitura Municipal de Guarulhos.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Mauricio de. Relatório apresentado à Câmara Municipal de Guarulhos – 1920 – Guarulhos/São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarulhos/Typografia do Norte, 1920. Acervo: Prefeitura Municipal de Guarulhos.

OLIVEIRA, Jose Mauricio de. Relatório da Prefeitura Municipal de Guarulhos apresentado ao Exmo. Dr. Gabriel Monteiro Silva, DD. Diretor Geral do Depto. Das Municipalidades pelo prefeito José Mauricio de Oliveira – 1943. Guarulhos/São Paulo, 1943. Acervo: Prefeitura Municipal de Guarulhos.

JORNAIS E BOLETINS

CONSELHO COMUNITÁRIO. **Boletim “Comunicação”**. [Guarulhos], [s.n.], ago. 1978.

OLIVEIRA, Dalvio de. **Diário de Guarulhos**. Guarulhos 05 ago. 1980.

OLIVEIRA, Dalvio de. **Folha Metropolitana**. Guarulhos. Ago.1977, Coluna “Sete dias no parque”.

CONSELHO COMUNITÁRIO. **Boletim do Centro Comunitário**, [Guarulhos], nº 1, ago.1978.

CENTRO COMUNITÁRIO. **Jornal Pop News**. [S.L.], 1978b.

CENTRO COMUNITÁRIO. **Folha Metropolitana**. Guarulhos, jul. 1979, Coluna “Cantinho do Nosso Centro”.

OLIVEIRA, Dalvio de. **Diário de Guarulhos**. Guarulhos, 05 mar. 1980.

CENTRO COMUNITÁRIO. **Folha Metropolitana**. Guarulhos, 1978, Coluna “Cantinho do seu Centro Comunitário”.

CONDÔMINOS do Parque Cecap fazem crítica à Pró-Guaru. **Folha da Tarde**. São Paulo. 14 mar. 1980.